

De Maicknuclear

Dançando Valsa Nos Sabões Do Inferno



MAICKNUCLEAR

DANÇANDO VALSA NOS SALÕES DO INFERNO

© 2007 Maicknuclear/AltacasA. Todos os Direitos Reservados.

Copyright © MaicknuclearR

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. “Dançando Valsa nos Salões do Inferno” foi registrado em 2007 na Fundação Biblioteca Nacional. Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado e impresso em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos. Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF.

Fundação Biblioteca Nacional



Av. Rio Branco 219 Rio de Janeiro CEP 20040-008 Tel. 55 21 3095 3879 Fax 55 21 3095 3811

MAICKNUCLEAR

DANÇANDO VALSA NOS SALÕES DO INFERNO

** versão original de 2007, arquivo bruto, sem correções ou cortes.*

“É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida mental. Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão. Facilmente, poder-se-ia ficar inclinado a supor que, no final das contas, apenas uma minoria aprecia esses grandes homens, ao passo que a maioria pouco se importa com eles”’.

Sigmund Freud

PARA A GERAÇÃO (DE RESSACA DEPOIS DA) COCA-COLA (COM PINGA)
BASEADO EM FATOS FICTÍCIOS

PALOMA NEGRA

1

babás imperfeitas: onde as primeiras impressões não valem porra nenhuma

“Essa noite se fantasiou de Betty Boop, só pra me enganar”.

Ricardo Carlaccio

Maldito caça-níqueis da Betty Boop! Esta é a primeira vez na vida que jogo nesse maldito caça-níqueis da Betty Boop e ele já me dá prejuízo. Hã. Pelo menos estou melhor que Johnathan. Johnathan está sendo aliciado, ou melhor, está sendo flertantemente subornado por uma esquálida e desdentada prostituta em péssimo estado de conservação.

A puta identifica em Johnathan um alcoólatra e tenta seduzi-lo, ou seja, tenta comprá-lo utilizando-se de dois dedos de cerveja (provavelmente já quente e visivelmente sem gás), num gorduroso copo americano com resto (de baba espumante) da porra de seu último cliente na borda.

O Barba – o cara que sempre chamo de “E aí, Los Hermanos” –, fora buscar quatro Derbys “fura peitos” vermelhos avulsos e, Johnathan, tentou dissimular, mas percebi que ele escaneou maliciosamente aquele xerox mal cuspidado de filhote rejeitado de dragão de Comodo, que não tinha os dois (dentes) centravantes. “Hã: a seca”.

Tudo isso, dentro do Bar do Robbin Willians, o único que vem com cheiro de mijo grátis que gruda como perfume do Largo 13 ou fumaça de cigarro nas madeixas das meninas. Bar esse onde os copos semitransparentes serviam de hotel cinco estrelas para os mais distintos e egrégios coliformes fecais (que desfrutavam suas férias veraneias).

E as novidades do dia no bar do Robbin Willians eram: o ovo azul (de praxe nas melhores bodegas desta insólita nação), um novo “poema” pichado com caneta de bosta na parede do banheiro (outra mania peculiar dos nativos da “ilha”) e uma coisa que parecia ser uma coxinha, afogando-se em óleo Singer (frio), atrás do retangular vidrinho verde, cheio de moscas (do lado de dentro). Enfim: produtos de tipicamente brasileiros.

Realmente acho que Johnathan se interessou pela mais nova garota propaganda do Super Corega, pois me olhou pedindo aprovação com os olhos... E eu?! Eu apenas coloquei outra moeda no caça-níqueis da Betty Boop e respondi também com os olhos: “dá seus pulos, coelho”. [*O popularmente famoso: se vira*].

Johnathan não pulou. Pegou seus cigarros com o Barba. Desvencilhhou-se da “Boneca de borracharia” e seguimos rumo à essa tal de Rave Urbana. A tão falada: Rave Urbana (“Rave Urbana” é foda). Onde estaria essa tal de Paloma Negra. A até então (obviamente, para mim), incógnita: Paloma Negra.

– Hã. Ganhei cinquenta centavos...

2

aniquilando reminiscências da noite com escombros sobre a TV, frigideira e detergente

“A mi, me gustan las muchachas putas. Dessas que chupam as bolas, que entram de sola. Das que não têm meio termo”.

Mário Bortolotto

Acordar naquele dia não foi nada fácil. Minha indecente carcaça jazia soterrada sob o edredom de uma pesarosa e descomunal letargia. Meu cérebro encaminhava-se à uma síncope letal [*Que merda é síncope?*], no mínimo altamente lesiva, enquanto sofria os danosos efeitos de uma anestesia mental à base de opiáceos imaginários e deliberadamente corrosivos. [*Chamem os paramédicos*]...

/...(Todo dia) Uma angústia monstruosa puxava meu pé para baixo da cama. E o monstro do armário – representado aqui por Beto Carrero, pois Clint Eastwood não pôde comparecer, estava em Dallas –, fazia sua infernal aparição só pra me dizer: “Filho. Você não serve pra nada. Você é como a merda de vaca que há na sola do meu Vulcabras. É isso que você é filho! Um verme inútil que há de morrer na merda que há na sola do meu sapato. E os vermes, filho: devem mesmo morrer” e dava-me um tiro de quarenta e cinco bem no centro da Jaca. Boom, já era. [*O chicote estralou*]. Au revoir, muchachos. De volta a velha realidade mundana.

...Eu estava desempregado há quase três anos. Há mais de um sem escrever um roteiro sequer. Nem de filme pornô mudo. Já até pensava em ocupações alternativas. Algo tedioso, inculto e fixo... Hã! Fora que eu estava há cinco anos sem uma banda, sem um baterista efetivado e a vida inteira atrás de uma resposta – “Procurando os porquês?”, você me pergunta. Não: “Quando”, lhe respondo.../

Acordei... Como estivesse ressurgindo do vácuo de um coma de vinte e oito anos, dois meses, quatorze dias, sete horas, cinqüenta e nove minutos e dois segundos: levantei as pálpebras. Pálpebras essas que se abriram dificultosamente no melhor estilo “porta de elevador de estacionamento enferrujada do centro velho”. E minha primeira visão do dia (sem contar o franco-atirador de circense), foi uma escatológica camisinha. Com dejetos do reto de alguma beldade na ponta – pelo menos, naquele momento, quis acreditar que fosse uma beldade –. Ali. Ao meu lado. Na cama.

Reconheci um Chamiço sabor artificial de maçã (?) no chão. Quer dizer: em cima das roupas que estavam no chão. E algumas bitucas de Marlborão red, tingidas de batom red (no filtro red), espalhadas piso afora.

“Alguém esteve aqui! – eu não fumo (e óbvio: não uso batom!)”.

Obstante, tirando essa bagunça de fácil limpeza [*Só empurrar pra baixo da cama e já era!*], tudo estava em ordem [*Cancelem a diarista*]. Ou pelo menos até onde minha visão alcançava. [*Uns dois metros mais ou menos*].

E por mera expressão de vagabundo instinto, minhas pálpebras tropeçaram ebriamente, e, na seqüência, deram pulinhos idiotas para disfarçar a cena ridícula que acabavam de protagonizar. E sem nenhum aviso prévio, perdi os sentidos em algum canto da cama. Levaram minha integridade pisco/física pra mijar no poste e cagar na calçada. Ou seja: adormeci novamente. “Apoplexia nervosa”.

Na tela quente de meus turvos e conturbados sonhos, passava a reprise de “Socorro, Jesus, o elevador está caindo”. Um espécie de sub-sonho B. que fazia a interação entre minha rotineira reprise em queda livre, e a Tina Turner, com sua viradinha de bailarina bêbada de boteco fuleiro, em Punta del Leste, passando pela quadragésima vez no canal cinqüenta e oito... E novas: a TV amanheceu ligada novamente.

Naquela altura do campeonato dos perdedores, durante o “ronco dos justos”, tive a fabulosa impressão de estar mijando na cama. Nem me lastimei. Talvez nem conseguisse alcançar algo parecido com lastima na lastima daquele estado lastimável. Apenas subi a porta do elevador de estacionamento e... “Nossa, maaano. Tem uma louca chupando meu pau”... Pela cor do cabelo talvez fosse Angela. “Ah, firmeza! Meu pau está em boas amígdalas”.

/...“Quem nunca acordou sendo abocanhado, não sabe o que é viver”.
Robério Fumagalho, Sábio e maconheiro esporádico... /

Talvez fosse Ângela, mas aquela não era minha principal preocupação naquele momento. Então mirei a retina no rack, e ao focar, vi que não havia sumido nenhum dos Cds do Rei. “Firmeza, nenhum Cd sumiu”... Voltei ao estágio de pré-morte featuring Tina Tuner... Capotei novamente... Apaguei... Apagão e... “Água?!”. Ângela virou uma jarra com suco de abacaxi, gelado, em cima de mim.

-Isso foi só pra avisar que estou indo embora – disse a mulher que me deixou molhadinho.

Ângela. “Mais uma Ângela em minha vida”. Até na despedida era uma cachorra estilosa. [*Tanto quanto “clicherosa”*]. Até na despedida era melhor que na vinda. “Mó rabão”. E assim que a ouvi fechando o portão, finalmente, levantei – e, porra: ela podia jogar merda no papa durante a missa do galo se quisesse, pois afinal: ela era uma executiva de negócios. [???].

Fato: sair da catacumba enclausurante é uma experiência que traumatiza qualquer ser notívago... E como diria o sábio e estelionatário, Robério Fumagalho: “Pior que é!”.

Foram duas tentativas de atingir a maçaneta da porta. Na primeira minha mão vazou no ar. E: “FILHO DA PUTA”, topei com o dedão no rodapé da porta. Na cozinha: “Café, urgente”. Derramei uma boa

cota de café na toalha de mesa branquinha enquanto o misturava ao leite. Cocei o saco no corredor. O tempo estava seco, seco não, árido, põem árido nisso. Era como engolir um pacote de cal no centro do deserto. O oxigênio tinha até certo sabor de escapamento de Scania ao molho de esgoto.

Arrastei meu copo de café com leite até a janela da frente. Recovo na janela-guilhotina. *Absorteando* no vácuo do espaço-tempo. E quando já estava quase atingindo o Nirvana, crânio adentro, e já até ouvia um “Polly wants cracker”, tocado por um deformado Elvis Cover, sinistramente, de fundo. Crispei os olhos e vi um abajur equilibrando-se no fio do poste que há em frente de casa. “Nooossa, maaano. Que briiisa”. Mas não era um abajur. Era uma pipa rasgada. Desbotada pelo tempo. Bamboleando no magnetismo cancerígeno do cabo de alta tensão. Indicando um sudoeste sem muita potência.

“Que merda. Isso é a merda de uma miragem! Uma merda de uma miragem urbana. É uma porra de um abajur de plasma... Ei, espera lá... Bom nome: Abajures de Plasma”.

Recorri ao criado mudo. Disse a ele: “Aí ô ‘silêncio dos inocentes’. Vou abrir a gaveta e vê se não dá um pio senão te arrebento na bica”. [*Que cara retardado*]. Peguei uma caneta – a que tinha a estampa de uma companhia aérea falida (na época) – e na falta de um caderno, caderneta, agenda, papel higiênico, seda, ou um miserável alfarrábio que fosse... Comecei a escrever um puta texto estranho na conta de luz, azul sobre azul:

Abajures de plasma

Por Jack San Diego

Hoje, tropecei nos limites da percepção. E quando topei com o dedão do pé, na quina da lucidez, senti o traumatizante disparo seco do raio que criara a fronteira entre a miséria e a glória.

Quando estátuas hasteiam bandeiras no meio fio de um filme mudo, os cubos de gelo separam o certo do errado. Como um protocolo à se seguir no mundo.

De manhã, as catástrofes brotavam das latas de atum e faziam rachas de rolo compressor, no quintal dos fundos, embaixo dos varais gozados. Indo de telhados à bancas de jornal.

Não há mais esquilos e filmes pornôs nos rejuntas do piso. Só ternos de plástico verdes e omoplatas sem graça. Pois, hoje, toquei nos seios da justiça, enquanto divagava nas tragadas de uma diva sem olhos e enrrabava a liberdade que há na mente dos loucos.

Li o que havia escrito e disse ao vento:

– Que merda de texto estranho é esse, eim, seu San Diego? Pô, cara. Você é um maldito roteirista (?). E não um franguinho lírico que escreve num “querido bloguezinho”. Você é um roteirista que escreve “conteiros”, num blog escarrado, que você sustenta por mero sadismo psicossomático. Anda lendo Oscar Wilde, porra? Você é um sociopático roteirista (?), sabor abacaxi, com cheiro de buceta na ponta da língua e uma ressaca demoníaca, digna de um verdadeiro astro do rock, varrendo a devassidão de su’alma. Que é isso, cara? Você é mal. Muito mal. Mal pra caralho. Você não pode dar dessas não, sangue bom. O que os manos vão dizer de você na quebrada, no molho? Vai perder a moral dentro do próprio barraco, Jack? Você tem que criar um universo, cara. Foder o rabo dos antigos conceitos e pulverizar os pré-conceitos. Quebrar caras e parâmetros. Dar uma bela duma surra nas referências. Chutar o rabo das unidades enclausuradas fashion. Dar uma tacada de beisebol na cara dos tabus fuleiros. Tem que criar um mundo, Jack. Um planetinha de merda. Criar uma seta que transcenda as fronteiras da (ir)racionalidade, e não – dei um peteleco na folhinha da Eletro-paulo e completei: – esse lixo!

“Ah, pensando bem, até que não ficou tão ruim assim, vai. Ficou legalzinho. Essa merda non-sense é melhor que muita merda ‘com-sense’ que vaga mundo afora”.

Larguei o papel com desdém, sem queijo e bordas de mofa. Ele titubeou no ar e pousou sobre a cama. [*Titubeou no ar?! Que expressãozinha fuleira, eim, seu Jack. Vish, até aqui tá fraco pra caralho*].

“Quer saber?! Eu vou é voltar pra janela e ficar registrando as gostosas do bairro desfilando no asfalto, durante meu período de convalescença física que eu ganho mm... meeeeerda: ela me viu!”...

/...Ela: Patrícia Mantaglioni. Uma chata sem alça na galocha, na calçada lá de casa. Linda como atriz de filme pornô gringo de baixo custo (mas um custo bem baixo mesmo). Porém: uma mala despachada direto de Taquara Rachada do Reino. Ela me amava e esse era a merda do problema: a inconveniência sem noção de

um ser que age por instinto bruto, não filtrado, sem o ínfimo resquício de racionalidade, tá ligado?!... É. Mas é certo que ver aqueles enormes olhos azuis, não comprados, mergulhados em vinho tinto (de tão “vermelho-cannabis”), enquanto ela abocanhava meu saco recém raspado, era visão digna de um Rocco, de um John Holmes... Pati estava no topo do “Hall(’s preto) das Rememoráveis”... A senhorita Mantagliani era uma das poucas loucas que agüentava ficar embaixo durante os 69’s malucos que a colocava para fazer. Pena que só entra a ponta. E é uma pena que até hoje nenhuma mina tenha conseguido colocar meu Alexandre inteiro na guéla e dizer Piracicaba... Só a Estér, uma puta do Afago’s. Mas puta não vale.../

“É. Preciso de uma eslovena engolidora de espadas que lembre a Björk”.

Pati Maionese. Atriz. Minto – que as atrizes me perdoem pelo erro –, apresentadora de um programa meia boca num canal UHF. Tocou a campanha. Me viu. Não havia como não atender.

– Ô, e aí?

– Tá ocupado? Posso su... – abriu o portão, adentrou a propriedade e subiu – ...bir?

“Por mil tubarões”, como diria Popeye em alguma de suas loucas aventuras em “alto” mar, fazendo um *córri* atrás do espinafre para colocar no cachimbo e adquirir poderes imagináveis. Mas tudo bem. Pelo menos ela leria meu horóscopo, responderia meus scraps, faria meu almoço, sentaria de rabo no meu caralho, lamperia minhas bolas até dizer chega e de quebra me faria uma massagem nos ombros.

Abri a porta da sala:

– Oi lindo

– Tira a roupa!

– Tá animadinho, eim?

Beijou-me inspidamente. Entrou. Jogou a bolsa no sofá e desceu, literalmente, do salto, no melhor estilo “Eu vim dar pro meu macho”...

– Eu tava com muita saudade de você, sabia? – ela disse com sua maneira peculiar de baixar a cabeça e olhar por trás dos cabelos. E sua voz de alfinete.

– Vai. Tire essa roupa má deste corpo que não a pertence – eu disse, quase que profetizando, agarrando-a pela cintura, enquanto o mundo girava lentamente ao melhor estilo I Love You, Mary Jane.

Ela despiu-se com aquele velho sorriso sardônico e diabólico, entupido de Cepacol. E uma lascívia que se arrebatava por baixo dos cabelos e deslizava sobre os pêlos descoloridos.

– Vamos ao banheiro. Você vai tomar banho comigo – eu disse, arrastando a pequena para a úmida alcova de copulações promíscuas. E pedras pomes fedendo a baseado molhado (culpa de antigas hóspedes).

Patrícia... Patrícia era um tipo de mulher que nunca beberia pinga com guaraná, no gargalo de uma garrafa pet, de um refrigerante de qualidade duvidosa, durante um show de Hardcore californiano. Mas o faria se sua frágil cabecinha lhe dissesse que isso iria lhe trazer algum tipo de emoção. Excitava-se ao circular em um mundo que por experiência digo: não era pra ela. E por algum motivo (motivo qual o papai aqui jamais indagou aos céus, nem aos controladores de vôo do aeroporto internacional de Cumbica), ela me escolheu para ser seu guia em um nem tão admirável mundo novo.

Patrícia assistiu meu curta “Omoplatas Nervosas”. Achou “o máximo”. Um curta que foi estragado pela genialidade diplomada de um diretorzinho cocozento. Um tal de Anselmo Martini. Martini esse que me levou de limusine ao SPC e de Apolo (treze) à uma dívida astronômica com o Banco do Brasil. Sem azeitona ou palito de dente. [*Asshole*].

Ah, ela foi a primeira pessoa a ver meu comercial, quer dizer, o comercial que protagonizei. Sentiu-se orgulhosa de mim.

/...Eu odiava aquela merda de comercial. Um comercial promocional. Fiz pelo dinheiro mesmo, pois a situação estava gritantemente crítica. Só aceitei fazer, pois eu havia chegado a um ponto em que matava cachorro a catarrada. Na geladeira só havia restos mortais de baratas anêmicas, dentro de caixas de ovos vazias. E as baratas sobreviventes [*Música triste maestro*], disputavam no *dois-ô-um* para ver quem jantaria as perninhas das pobres defuntinhas de sua própria espécie. [*Emocionante! Alguém na casa tem um lenço? Essa vai levar o Oscar*].

Mas então. Eu fazia o papel de um “malucão” que escutava walkman num ponto de ônibus, olhando para a rua, mascando chiclete, curtindo o som na maior altura. Parava um carro (pois a propaganda era do carro) com quatro gostosonas, só de toalhas. Uma dizia com sua vozinha de código morse: “Moço, você sabe

como a gente faz pra chegar na praia de nudismo? Leva a gente lá moço. Depois a gente te trás”. Aparecia outra na janela do passageiro e dizia putescamente: “Vai, moço, leva a gente. Vai perder essa oportunidade?”. E o personagem (no caso eu) respondia, quase gritando, curtindo o som, apontando com o dedo: “É pra lá, ó!”. Elas se entreolhavam com cara de “o que esse imbecil tá dizendo?!” e saíam decepcionadas, cantando pneu e proferindo impropérios nada doutos em homenagem ao personagem. Aí o narrador dizia com voz de simba-safari: “Não é sempre que as oportunidades estão dando pinta por aí”. Aí mostrava alguns frames, do carro que estava à venda, fazendo curvas em alta velocidade, na rua, na chuva, na fazenda e passando por uma casinha de sapé, para mostrar seu desempenho. Depois cortava para uma velhinha que chegava a meu lado e apalpava, generosamente, meu rabo. Eu, quer dizer, o personagem, olhava pra ela e dizia: “Éééé”, com cara de hiporonga feliz e completava: “Ó a tia. Mó barato”. Abraçava-a e saíamos felizes. “Me dei bem”. Ela apertava o controle do alarme que havia em seu chaveiro-dentadura e entrávamos num um carro todo mal acabado. Aí o narrador dizia o nome do carro, depois o slogan, com aquela mesma voz de simba safári: “Oportunidades sempre são únicas” (esse era o slogan). Terminava “comigo” empurrando o carro da velha e fechava com um bibi estridente. E tudo isso em quarenta e cinco segundos, que três dias depois, foram editados para trinta.

E como eu havia relatado anteriormente: Eu odiava aquela merda de comercial. Ele ia contra todas minhas doutrinas, dogmas, crenças, ideologias (preconceitos), senso e a merda do meu lifestyle. Fora que aquilo era um enorme atentado à soberania nacional: como assim: deixar quatro apetecentes, apetitosas e bundescamente carnavalizadas brasileirinhas, irem sozinhas a uma praia de nudismo?! Aí já é demais, né mano? Nem hipoteticamente; vai que tem um lobo no caminho. Aí o lobo come as quatro Biquinho Vermelho e eu fico com a senil vovozinha. Nem vira. Nem aqui. Nem na Conchinchina... [*Conchinchina existe?*].

(Era verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade que) Eu realmente odiava aquele comercial. Fiz aquele “roteiro comercial”, ou seja, fiz um lixo de roteiro e atuei por um mero acaso... “Daria até pra fazer um título de um daqueles filmes toscos, de animais falantes que jogam beisebol e salvam o mundo, do SBT: “Um comercial por acaso”...”.

É. Eu desdenho, mas era dele que eu vinha vivendo nos últimos meses. Fiz os cálculos. Comprei uma lata velha pra me locomover na cidade. Deixei o resto pra viver certo tempo com conforto cristão. E aplicar na veia (das finanças). A inflação eu descontaria em regalias: compraria menos polvilho anti-séptico Granado e desodorante roll-on. Sem assombro, pois afinal, não nasci pro trabalho, não nasci pra sofrer e depois que descobri que essa merda de vida era muito mais que correr eu dei um breque.

“Metódico às vezes. Não responsável”.../

Mas até então. Estávamos ali. Ela e eu. “Deliciando-se com Pati”, era o nome do programa de fofocas pornô que apresentávamos em baixo do chuveiro.

“Oh Pati Verborrágica. Você me faz tão bem. Até esqueço que você foi dominada pelo popshit em New Kids on the Block e veio no embalo até É o Tchan... Baby”.

Meu pau levanta nas situações mais extremas, mas meu corpo queria cair por terra de qualquer maneira. Após uma pequena gulosa afogada, enquanto a água morna caía, virei-a com força, coloquei a cara dela no azulejo, mandei ela fazer a “lordose nervosa”, abaixei e comecei a lambar do cu loirinho até os confins de sua buceta. Mais por preguiça de ficar em pé do que por qualquer outra coisa. Ela grunhia feito um porco sendo abatido... Aquilo sim era uma foda molhada!

– Tum, tum, tum – vociferou a porta da sala.

– Jaaaack, cê tá aí? Abre aí pr’eu pegar meu celular. Jack. Jaaaack?! – era Angela.

“Porra, Angela. Você tinha que ressurgir das cinzas logo agora, minha querida Fênix ruiva?”. [*What go around come around, kiiid*].

– Quem é? – perguntou Patrícia, sussurrando.

– É um problema enorme.

Patrícia, cinematográfica como era levou as mãos à boca, arregalou os olhos e sussurrou mais baixo ainda (sem precisar ser dirigida nem nada):

– É agora?

– Agora?!: Fodeu!

“Pense rápido, seu Jack San Diego. Pense, porra. Use esse maldito crânio de roteirista (?) e ache uma saída para essa situação extrema. Toda essa situação é só mais uma das Fitas Homônimas, mais um dos

Clichês-Dejavus da Vida (pois tudo na vida não passa de um clichê desgraçado). Utilize essa informação a seu favor. Ação e improviso, merda... Ah, já sei”. [*Determinação de guerreiro. Determinação de um guerreiro, honorável, Jack*].

– Se enrola na toalha, se embrenha embaixo da minha cama e não respira.

“É Jack. Tá vendo? Às vezes o básico é a melhor saída”. [*Vish, que feio*].

– Mas... Jack...

Segurei Patrícia pelas orelhas. Olhei no fundo de seus olhos. Olhos tão fundos e ocos que vi as raízes castanho escuro de seu cabelo amarelo, e disse:

– Escuta aqui, meu anjo. Você vai ter que confiar em mim. Essa é uma situação extrema em nossas vidas. E eu preciso da sua ajuda. Eu preciso de você e... Ah, depois te explico!

– Tá.

“Era isso que eu queria ouvir... baby”.

Ver aquele mulherão enfiando-se embaixo da cama não melhorou minha vida em nada. Mas já que ela queria aventura: hei-la! [*É cara, talvez isso conte como “boa ação” no dia do julgamento final*].

– Por que demorou tanto? – perguntou Ângela, a invasora guerreira.

– Eu tava tomando banho

– Sai. Deix’eu pegar logo meu celular porque eu to atrasada.

– Tem certeza que ele ficou aqui?

– Lógico – olhou misteriosamente uns duzentos e oitenta graus – Por que você está estranho?

– Estranho eu?! Você que tá estranha! – [*A velha técnica ninja de jogar a culpa nos outros, eim, Gafanhoto?!*].

– Estranha nada. Cê tá estranho sim. Mas vai. Sai da logo frente pr’eu pegar meu celular – empurrou-me.

– Você ao menos sabe onde deixou?

– Eu deixei minhas coisas no chão ao lado da sua cama ontem à noite, não lembra? No mínimo deve ter ido parar embaixo da sua cama... Sai da minha frente.

[*Previsível, mas: Hummmmmmmmmmmmm*]

“Ô, merda. Bela maneira de se começar um dia”.

Triiiiiimm.... Triiiiiimm...

3

pesabundo! escargot e churrasco grego, a vida entre a punheta e o suicídio

“Se no final a euforia era vício, de que vale a droga? Todo fim, o corpo em pedaços e na reconstrução para o amor: seu cabaço”

Samantha Abreu

Minha vida, àquela altura, era um clichê de filme B. Ora Eldorado, outrora a crueza dos asfaltos recalitrantemente recapeados e suas depressões irritantes.

O mundo (em sua totalidade e não apenas) ao meu redor era um enorme e fétido chiqueiro. Onde meus contemporâneos festivamente chafurdavam nas rasas profundezas de um vasto atoleiro de futilidade em banda larga e estupidez à sangue frio.

Neste “mundo”. De bocadas à coberturas. Eu ia tocando meu barco furado dentre quartos de (m)hotéis fuleiros e luxuosos apartamentos. Bancos de praças escusas e orgias depravadas em casas desconhecidas. Finos restaurantes e boates fedendo a porra seca. Becos escuros e gargantas condescendentes. A tristeza do sol nascente e meu reflexo na água da privada. Santas que me davam e putas que não me amavam. Exposições e shows podreira. Fotos e Pizzas. Sarau legal e roupa no varal suspenso. Telefonemas na madrugada e problemas com a justiça. Mendigar cigarros e tomar Black Label. Lançamentos de livros, Cds, dardos, mísseis e pesinho olímpico... Brigas de rua por razões infundadas e discussões com idiotas que ainda não viram (e nunca verão) a luz. A indiferença da liberdade e a humanidade das boites. Bancos de trás de carros de atrizes malucas e orgasmos em solos de Blues tocando no Pioner. Vultos na noite querendo me enganar e fudas em cemitérios com góticas entorpecidas. A galhardia da lua e a solidão da punheta. Egos de gelo e vulvas em brasa. Filhos na lata e rabos memoráveis. Churrascos e formalidades. Ensaios e cortes.

Hidromassagem e roles na madrugada. Drogas esporádicas e Need for speed. Cabernet e Fanta com pinga. Seções e locadoras. Enquadros cabulosos e bucatas mal lavadas. Armas de fogo e bexigas de aniversário. Telefonemas que não recebia e ameaças de morte. Drinques coloridos e biles sepulcral. Largas/lasseadas e apertadinhas sem o lacre de segurança. Downloads intermináveis e viagens de ônibus. Bebedeiras insanas e sobriedade imoral. Falta de sorte nos jogos de azar e amores mal aventurados. O cu do mundo e a padaria da rua. Ipiranga e São João. Autógrafos e sedas. Toalhas e livros. Orkut e Messenger. Galeria do rock. E-mails que não chegavam. Roteiros não compreendidos. Propostas que não aceitava. Livros que jamais lia. Ordens de despejo. Promessas que não cumpria. Vizinhos que me invejavam. Geladeira vazia. Amantes psicóticas. Contas de luz. Cloridrato de benzidamina. Sebos. Aeroporto. Mercado municipal. Overconha. Complexo B. Palcos. Faxina. Fazer a barba. Catar as minas. Ficantes. Traficantes. Relaxantes musculares. Pipoca de micro-ondas. Uma dívida na locadora. A falta de uma musa inatingível e a constante sensação de não pertencer a essa raça de átomos falantes.

E nesse lodo infecto de minhas putinhas, caloteiros salafrários e impiedosas frustrações, eu buscava uma maldita aurora-boreal dentro de geladeiras e torpedos SMS. Um universo em uma caixa de fósforos. Um épico num copo d'água. Ou apenas uma calcinha preta esquecida na torneira da pia do banheiro de casa e uma recordação que rasgasse meu coração – eu disse Coração? – em mil pedaços.

E se a vida tivesse vindo apenas para literalmente foder comigo, eu partia pro arrebento, sem dó nem piedade. *“So when you see me in you block, with two glocks, screamin fuck the world like Tupac: I just don't give a fuck”*.

E caso eu fosse me unir à falange dos perdedores, até aceitaria um aquário como prêmio de consolação. Não pega nada. É nós.

E alhures (não me esquecendo de meu lirismo putrefeito). Num peido ao pôr do sol. Meu id afogava suas mágoas em uma piscina olímpica cheia de tubarões brancos em jejum. Folgados pra caralho. *[Tinha até um com um canivete, mano]*.

Enquanto mágoas infundadas transformavam-se em câncer e indagações incrustadas na pele retalhavam-me de dentro para fora, eu era um renegado representando o papel de “papai feliz” em um comercial de Margarina. E o monstro do armário – Evil Carreiro – continuava lá: a pintar as paredes com meus miolos de merda.

Perambular – “no mundo dos canibais” – dentre a constante “clarividência sugadora de sangue alheia” que via em mim grande futuro era por demais contrastante ao meu lifestyle “I just don't give a fuck”. E as fotos da minha fuça que flanavam em alguns artigos de revistinhas descoladas – por culpa de roteiros estragados por atores(trizes), diretores, (re)adaptadores e outros ores até a Dolores –, não mostravam aos olhos do mundo a penúria física/mental em que vivíamos naquele lado da cidade. Meu sorriso tingido de pré-histórica nicotina ocultava misérias (lutinhas “Mundo versus Eu”) pessoais e maltrapilhos arrombados que estavam na gaveta e que eu chamava de roupa.

Àquela altura. Meu problema com a corja de mamíferos falantes – aqueles iguais à mim – que habitam o planeta mais molhadinho do universo – essa merda que chamamos de Terra – talvez fosse o fato de não compreendê-los ou simplesmente o puro creme da inveja. Inveja de não ter nascido burro. Inveja de não encontrar algo inerente a felicidade em carros esportivos e gostosas rabudas com recheio de silicone. Mesmo buscando-os veementemente e tendo-os homeopaticamente... Inveja da futilidade psicológica.

“Pai eterno. Eu queria ser como aqueles que não sabem o que fazem. O resto. Os que medem Q.I. pela marca da roupa e o tamanho do pau pelo preço do carro”.

Pois é, meus caros. A estupidez é a solução para todas as nossas frescuras existenciais. Está claro que a “humanidade afora” está regredindo em (não digo “Q.I.” ou “erudição”, mas sim, esse “instinto racionalizado geneticamente intrínseco”, ou seja: essa merda que costumamos chamar de:) inteligência.

Estamos numa jornada rumo a um retrocesso tão grave, que faz com que nossa coluna vertebral vire um berimbau de imbecilidade. Regressão tamanha, que nos faz ser meras cópias de sonhos alheios. Meras estampas de imagens predeterminadas. Meros preconceituosos cult. Meros rabos no Gilberto Barros Show...

...todas as nossas referências (sociais) contemporâneas provem duma linfa de personalidades pessimamente mimeografadas. Industrializadas. Infláveis. Xerox do cu do cão postas à venda pela oligarquia mental dominante: a idiotice das telinhas, revistinhas de fofoca, a tendência da próxima estação, personagens do TV Fama e seu amor de volta em sete dias.

Perante a geração-balada *[Que termo ridículo]* há uma prateleira de escolhas monopolizadas, onde a única opção é a marca “Una-se à eles ou terá uma péssima vida social” = “Siga nossos ocós padrões e coma todas as minas”. E o que resta aos brasileiros de verdade? Aqueles que vendem o almoço para ir ao baile.

Aqueles sem plano de saúde. Com dor de dente. Sem emprego. Despejados. Sem detergente. Com o sapato furado. Na palma da mão. Sem estudo ou câmera digital. Inadimplentes. Sem mistura no prato ou um pingo de dignidade que seja (ou seja: a maioria exagerada deste país-continente). O que resta a esses? Unir-se a “galerinha” e curtir os agitos de Malhação? Creio que não. Tenho certeza que não!

Nessa incessante busca por “enquadrar-se ao meio”, a maioria esmagadora de “idiotas em busca de aceitação” acabam nunca descobrindo o que (ou quem) realmente são. Ficam a mercê de tarólogos e programas de Domingo. Confiam suas vidas a aparelhos abdominais, música sertaneja e apresentadoras de programas do meio de tarde (assim como nossa “amiga” Patrícia). Vendem suas almas à seitas fisiculturistas e catálogos da Avon. Compram CDs com a trilha da novela das oito e cocaína na ladeira do morro.

A todo segundo esse sistema de “exemplos-de-personalidade/modelos-sociais” a serem seguidos, estão sendo atualizados na mídia (e na cultura) em geral. Fazendo assim, uma lavagem cerebral em nossas mentes com diarreia de marmotas (se é que marmotas têm diarreia).

E como diria o Filósofo e Rapper, B. Negão: “monocultura é a maior seqüela”...

Não sei se vocês já repararam, mas nossos “ídolos de carne” já não morrem de overdose ou são exilados como dantes. Hoje no máximo são Rebelde, caixa postal mil e vinte dois e etc – e é justamente por isso eu gostaria de ter escrito “Memórias do subsolo”. Só por diversão. Escreveria enquanto estivesse cagando num banheiro de um puteiro sujo, enquanto alternava os pegas de um bom baseado e a cervela gelada. Por mera falta de algo melhor a fazer.

...Não sei cara. Talvez tudo tenha a aparência de mera divagação de uma mente deturpada, mas não. Mas talvez alguém no planeta [*Pica-Pau?*] perceba que tudo o que é relatado aqui tem função friamente específica (ou não)...

/...Mas, mudando de assunto: um pensamento ambíguo que não está registrando uma opinião: “E já que iremos todos pro saco”:

– De que me vale a opulência se não posso carregá-la para o outro lado? Levo meus conhecimentos.

– Porra, mano. E caso a alfândega do purgatório não for com a sua cara, apreender seus conhecimentos e jogá-los na seção de Muambas? As riquezas mesmo sendo (usurpadas pela receita federal) declaradas, bonitinhas, no imposto de renda, também não vão estar na mochila, quando eu literalmente cair por terra. No inferno dinheiro não vale bosta. Mas, ao menos, me farão aproveitar a vida ao máximo. As mulheres mais lindas. Os ternos mais caros. E de quebra me trarão a tal “cultura” em uma bandeja com patê de fígado de ganso” e nisso, a idiotice arrecadou mais uma alma [*Isso que eu chamo de “grande parênteses”*] – o que podemos tirar de tudo isso? Só Jesus...

Mundo de egocêntrica onipotente empreste-me seus ouvidos: É uma lúgubre incumbência ser o portador de más notícias, mas lembre-se humanidade: não estamos no centro do universo (lembraram?). Nós não somos porra nenhuma. [*Ei, Almir, seu Corvette não vale uma foda. Há, há*].../

Um cisco vale para nós o que valemos para o universo. E isso, naquele tempo, não me incomodava em nada, mas saber que a qualquer hora poderia “capotar eternamente”, não me agradava nem um pouco... Como um poço de ansiedade poderia querer descansar em paz? “És impossible, homies, ése”.

Como prêmio consolação. Havia a tal da eternidade [Criogenia?]. Mas. Você acha que esse planeta vai durar tempo suficiente pra eternizar nossos contemporâneos? “Agora fodeu de vez”. Hã! Me sobram os velhos quartos de hotéis fuleiros, as “cintas ligas surpresas” de minhas loucas amantes e os fósseis que deixarei escrito para a terra que um dia há de assisti-los (ou desprezá-los).

Eu. Em meu míope ponto de vista digo: há muito mais entre um Fã sustenido e uma calcinha molhada do que supõem o nosso vil ovo frito. E nenhuma das perguntas nessa discussãozinha são “as” perguntas.

Agora eu. Jack San Diego. Faço uma pergunta: Quanto mais desculpas vamos buscar para continuar cometendo os mesmos (e geneticamente rotineiros) erros imundos? – eu já fiz minha lista.

“Mas que erros são esses mesmo?”.

Todavia. Eu sabia que MINHA real pergunta era do cu da cobra de tão vil e rasteira. Minha pergunta era “Quando”. Quando finalmente sairia daquela vida miserável que estava levando?, digo: a de estar entre divas e não poder tocá-las; a de estar na constelação e não poder brilhar; a de nunca ter um real no bolso furado. Quando finalmente ganharia meu primeiro milhão e viveria de excentricidades promíscuas, enquanto olhava o relógio em que o

tempo regride?! Criando filmes de arte psicótica...

“Talvez eu até desenvolvesse o hábito de pilotar helicópteros aos sábados e jogasse minigolfe em meu banheiro de dezoito hectares”.

Sim. Eu sabia que tudo aquilo eram perscrutações descaradamente individuais. Afinal. Meus problemas com o mundo deveriam serem resolvidos mano-a-mano. Na peixeira. À bala. À base de lança míssil.

Eu não podia (e nem queria) salvar ninguém. Em minha arca só havia uma champanhe quente e cama de casal com vista pro mar. – Concordei. Quando Tio Freud me explicou que, “Todo homem deve salvar-se por si só”, (ou algo assim... só que em suas palavras).

Eu digo: “Não seja uma ovelha”. Pois não vim até aqui com a intenção de pregar nada. Se me sujeitei a uma caneta Bic, um Tilibra de quatrocentas páginas e uma envergante transcrição na frente de uma tela Five Star, fora de linha, engordurada e cheia de poeira, não foi para salvar o mundo ou choramingar as mesmas magoazinhas existencialistas que os saudosos desde que – ganhamos a inteligência – comeram a maçã choravam...

Vim até aqui pra relatar (ou não) a ânsia/angústia/melancólica de uma geração de Big Macs comedores de Windows. Cus gordos. Precoces. Sem perspectivas. Sem rumo ou sonhos. Fumantes. Efeito estufados. Loucos perdidos como almas penadas na noite. Que não sabiam o que iriam ser quando crescessem. Que sofreram os males do “conflito de gerações”, entupiram-se de barbitúricos e rumaram (de madrugada) à uma vida nada fácil. Fãs de Bob Dylan. (Chico Science in memory e a) Nação Zumbi. Jack Daniels. Cypress Hill. Sucrilhos. The Simpsons. Dias frios. Dog Eat Dog. South Park. John Fante. Paranga servida. Msn. Caverna do dragão. Vídeos de skate. Hentai. Ratos de Porão. Praia. Bebedeira. Violão (sem Raul). Noite. “Prazer oral”. Tartarugas ninjas. Guitarras. Tattoos. Flertes fatais. Bolinações brutais. DVD. RL. LP. Filmes 80’s. Blues fodidamente solado por um alcoólatra suarento. (O que) Jack Bauer (faria?). Lowrider. NOFX. Flipperama. Pé na porta e soco na cara (quando cinematograficamente necessário). Pornô. David Holmes. James Brown. HQ. YouTube. (Assistir – e só assistir) Esportes que quebram os ossos. Bradley Nowell. Sandro Dias. Mário Bortolotto (grande dramaturgo, mafioso, bluesman e boa má influência [*Don’t shoot him*]). Delinquent Habits. Sonic Youth. Bandas da Califórnia. Sétima Arte. Rage Against the Machine. Poltronas de cinema. Coffin Joe. Toy Dolls. Internet. A carnalidade – se é que você me entende – do carnaval. Dilated Peoples. Estádios. Tex Avery. Grafite. Cemitérios. Sete Galo. Futebol. Nelson Triunfo. Futurama. Cervejinha. Skate board. Long Beach Dub All Stars. Copos americanos. Buena Vista Social Club. Funk Doo Biest. Cavalos de pau. Pornochanchada. Bate cabeça. Os que tiveram um Atari. As minas que tocam guitarra só de sutiã e calcinha. Os que tem um PS2. Os que amam filmes B. Os que montaram uma banda. Street of Rage. Porno for Pyros. Cadillac Dinossauro. Kids Planet Hemp. Os que vomitaram no ônibus. Os que assistiram Coragem, o cão covarde. Cartoon network. Paixões passionais. Os que brigaram na escola. Os excluídos de festinhas, churrascos e eventos sociais em geral. Impulsivos. Os que tiveram um Pirocóptero. Os que foram ao teatro. Os que quebraram o braço. Os expulsos de casa. Os que transaram em banheiros. Os que perderam o celular. Os que odeiam. Que brigaram com os pais. Os que ligaram bêbados de madrugada para a casa de alguém. As mulheres independentes. Os que foram ao Rio assistir os Rolling Stones. Os que nadaram pelados. Os que levaram uma surra e disseram: “Caí da escada”. Os que se deram bem. Os que sonharam em ser jogador de futebol, rockstar. Os que entraram tiveram coma-alcoólico (no Show do Naught by Nature no Anhembi). Os que se foderam. Os que se deram péssimo. Os que choraram assistindo o clip de “Santeria” (no caso só eu devo ter feito isso em todo o maldito universo). Os que se beijaram num show fuleiro. Os que tomaram um soco. Os que se foram. Os que fingiram procurar emprego e ficaram na rua vadiando, bebendo, fumando e metendo. Os que nunca vadiaram na vida. Os que pegam metrô. Os que fumaram “unzinho que um brother da ‘Facul’ [*Facul é foda*] trouxe da Zona Sul”. Os que atravessaram madrugadas falando merda com os amigos. As gatas na webcam. Os que se perderam no vício. Os que já tem filhos. Os que nunca tiveram amigos. Gregory Corso. Os que não leram Céline. Os que indicaram Cioran. Cães de aluguel. Os solteiros sim, sozinhos nunca. A Jeniffer 8. Amantes de Tom & Jerry (antigo). Os que não pararam mentalmente na “história”. Os que pegaram o busão “701A Pq. Edu chaves/ V. Madalena” e passaram por baixo da catraca. O ócio de uma vida de (semi) inteligência (bastante) afrodisíaca. Burros. Sofistas. Cuzões. Sangues-bom. Fodas. Fodidos. Manos. Minas. Riot girls. Headbangers. Rappers. Clubbers. Punks. Beatnicks. Skatistas. Frescurentos, blá, blá, blá... E, óbvio: alguns dias de mais uma vida inútil. A minha. A merda da vida de Jack San Diego, o provocador de discussões.

“Obviamente não registrei fatos históricos aqui (nem fiz “citações pra erudito ver”), pois todos sabem que essa minha geração não tem memória na CPU, quer dizer, nem liga pra porra nenhuma (que não sejam eles mesmos)”.

Sim. A vida era um pentelho no gim. Pelo menos ainda é. E a redenção daquela minha busca não estava em medalhas made in Taiwan ou na seção de congelados. Talvez nem estivesse lá. Seja lá onde fosse. Se é que existisse um lá.

Mas como evitar que alguns desejos e conclusões precipitem-se no abismo de um triste fim nessa encruzilhada urbana: subornando-os com promessas de uma vida em abundância no país das bundavilhas? Sei lá. Talvez apenas um Opala com kit gás, uma louca que me diga “te amo” e um muquifo para chamar de lar comprariam minha alma.

Mas diga lá. Que homem desta geração não gostaria da ociosa vida em um iate com frigobar e scortgirls de biquíni? Ir pra Maresias rasgando a estrada de Kawasaki Ninja e uma assistente de palco do Pânico na TV na garupa?... Até eu que (não) sou (nada) trouxa. Eu. Querendo o mundo. Contentando-me com pouco. Vinho. Violão. E uma vaca que me despreza.

Eu. E meu próprio Mapograf do quinto dos infernos e camisinhas de posto de saúde no bolso.

Eu. Um plâncton. Surfando em uísque falsificado servido em taças de cristal. Sem a mínima decência. Híbrido. Fruto da tênue linha entre procurar cigarros no lixo do vizinho e corajosas em shoppings. Eu. Engendrando busquinhas idiotas e prosas pra boi dormir.

“Merda, eu não criei um estilo, eu nasci com ele!”.

Senhores. Eu não tenho tempo para perder com a eternidade. Por isso. Não serei demagogo, hipócrita ou filho da puta a ponto de dizer que odiava a vida que levava naquela época – longe disso – e nem dizer se ainda a vivo ou não. Porém não era bem aquilo que eu procurava na vida. Na verdade, senhores(as), eu queria mais do que o mundo, a vida, ou alguém poderia me oferecer. Aliás, ainda hoje, não sei o que estou buscando e nem estou indo atrás. Talvez seja algo que não encontrei em religiões. Sartre. Advinhas. Dick Vigarista. Chickenitos. Chaves em Acapulco. Pescarias. Tele-mensagens. Postos de conveniência. Pai Galo. No resultado da Mega Sena. Nas mensagens subliminares dos filmes da Disney. No requebrado da Shakira. Documentários da TV Cultura. Na musiquinha do caminhão de gás. Muito menos nas conversas sinceras – esse foi meu único tempo realmente perdido – que tive com pessoas que não deram atenção à voz do meu atribulado e inútil (pero multifacetado) ser.

Eu (dizia que) procurava respostas (ou uma bela desculpa) à qualquer custo. E era mais que evidente que não seria ali naquele mundo de rockstares falidos, bucetas interesseiras e atores suicidas que eu iria achá-las (talvez).

Mas foda-se. Ainda restam – agora enquanto escrevo – umas duas páginas de tinta (mais ou menos) na carga da caneta e muita idéia pra trocar comigo mesmo.

“Tecnologia autossustentável”.

4

balcão & calçada: pimenta a gosto

“Não sou anjo da primeira hierarquia. Eu sou anjo caído. Não me digam para ser assim, assado à brasileira. Bebo, fumo, apanho e caio”.

Paulo de Tharso

Minha chave underground-peoplewatcher-outsider, como é de praxe, estava operando em modo On-line desde que vira Ângela – a executiva pra qualquer negócio – levar seu rabo embora. Após quase me afogar numa cachoeira de suco de abacaxi. Após quebrar meu coração – minha jarra na verdade – e me deixar molhadinho por ela.

Aquela velha angústia continuava me enforcando como se houvesse uma gravata de espinhos atada a meu pescoço e a ponta estivesse enroscada numa máquina-de-moer-carnes-assassina, enquanto Johnathan acendia seu último perfurador de caixa torácica de filtro vermelho, dentro do orelhão, que há na calçada do bar do Robbin Willians.

Johnathan como mal cidadão que é jogou o maço vazio e amassado no meio fio.

– Mas e aí, que horas vai ser isso?... – disse Johnathan ao sensível microfoninho do telefone – Lá pra uma?! Firmeza. Onde vai ser?... Na rave urbana?! Onde fica essa merda?... – Johnathan deu uma longa

tragada e ficou ouvindo impaciente – Não. Não conheço, mas sei quem é... Sim. Se eu ver eu reconheço, mas... – trouxe novamente, ouviu e continuou – Tá certo então. Às onze, né?! Fechou. Mas aí: quanto morre a consumação lá nessa tal de rave urbana?... Vinte por cabeça? Vish. Aí fodeu, mano, porque eu tenho duas – riu e continuou – Pô, cara. Trincou. Valeu mesmo. Faz uns dois meses que eu to atrás da Paloma. Queria ter levado ela numa viagem que fiz até Floripa. Foi da hora, ó. Só faltou a bendita da Paloma pra completar minha festa, véio. Ela ia fechar várias noites comigo, ó mano. (...) Pô, lógico, várias gatas... Só mina da hora. Comi uma loirinha lá, da hora. Depois te conto... Mas firmeza, então. Vou no corre aí, véio. Fica de boa por aí, véio. Falou – e enfim pôs o fone no gancho.

Até então meu dia não havia sido um dos mais comuns. Toda aquela história do embate histórico de dimensões titânicas entre Ângela, “atrás do celular” versus Patrícia, “a recôndita”, foi por demais traumatizante a um mero projeto de roteirista (?) que havia acordado literalmente como um bagaço humano. Nada poderia ser pior que alguns dos fatos daquela manhã.

Johnathan ainda não sabia, mas ele havia me ligado literalmente “um minuto” antes do encontro das tetas titãs. Aturdido atendi e do outro lado da linha surgiu aquela velha voz de tamanduá (dando) bandeira (de) drogado, dizendo: “Iaêê. Cola aqui no Babá Quase Perfeita que tem um role pra gente fazer” e desligou na minha cara...

Mas voltando ao orelhão:

– Consumação vinte?! Pelo jeito meu rolê acabou de acabar – eu disse, indignado e indiferente à Johnathan.

– Fica sossegado, San Diego. Eu vou bancar a sua.

– Bancar a minha? Você não tem dinheiro nem pra bater na sua mãe com um pedaço de alcatra e vai bancar a minha agora? Você anda fumando crack ou assaltou um banco?

– Ando fumando bancos e assaltando crack – rimos.

– Mas e aí que fita é essa de “rave urbana”? – Perguntei.

– Não. É o seguinte: primeiro a gente tem que trombar o Pablo, aquele Boliviano que mora na avenida, tá ligado?

– Sei quem é o locote.

– Então. Ele vai levar a gente no apartamento dum maluco aí. Ali perto daquele prédio onde fica a lojinha onde nós fomos comprar os enfeites de natal pra Érika, no ano passado...

– Érika?! A Érika ainda existe?

– Existe, mas tá casada.

– Éééé... Vão-se as putas ficam-se as punhetas...

– Pode crê... Mas então. A gente tem que trombar a merda do boliviano às dez, mais ou menos, pra chegar no cara lá pelas onze... A fita é que o Bolívia vai levar a gente até a rave urbana pra gente catar a Paloma Negra. A gente sai daqui umas dez. Dá tempo de sobra... E fica sossegado, Jack, eu faço a sua e pago a gasolina.

– Tá benevolente a senhorita, eim? Tô até com medo.

– Tudo pela Paloma.

Cogitei alguns milhões de pensamentos que foram reduzidos à um sucinto:

– Hã... – nunca subestime meu Hã ou meu Só, pois eles têm mais conteúdo que muita enciclopédia por aí.

“Não entendi direito essa fita de trombar o Bolívia para depois ir ao Brás. Será que é lá essa tal de rave urbana?”.

– Ô, vamos passar ali no Babá pr’eu comprar cigarro – continuou Johnathan.

– Vamo aê. Vai pagar uma brêja?

– Até vou ó.

– Caraaamba. Fala a verdade Jôni, cê tá comendo uma velha rica decrépita, daquelas bem “uva passa asquerosa”, né?

– Pode crer. É sua vó.

– Minha vó não é rica.

– É que virei cafetão.

– Cafetão? Você?! Onde? No 69?!... – e assim prosseguimos nosso sapiente e instrutivo diálogo diário enquanto adentrávamos a bodega fétida de Robbin Willians, “o português”.

Havia uma rameira mal-acabada sentada diante o balcão, tomando algo que parecia cerveja. Johnathan pediu quatro “fura peitos vermelho” ao Barba (o sagaz assistente de Robbin Willians).

Eu inventei de gastar minha humilde moedinha de um real na máquina da Betty Boop. Era a primeira vez que jogava na vida.

A puta insinuou-se a Johnathan. Ele fez pose de galã bichado de novela mexicana, mas depois se esquivou no melhor estilo Arcelino “Popó” Freitas. Eu ganhei cinquenta centavos em duas moedas de vinte e cinco.

– Há. Ganhei cinquenta centavos – algo no som das moedas tilintando dava a impressão de victorium.

Johnathan e eu ficamos parados na porta do bar olhando o movimento da rua. Ele vertendo nicotina para os brônquios. Eu pensando em ir pra casa dormir mais um pouco. Tomar um banho de verdade. E cortar mais os pulsos.

Johnathan era um ser inanimado. Aos dezesseis anos sonhou em ser DJ – até trampou em uma loja de discos –, mas foi repellido da idéia por uma namorada ciumenta que o levou como um pônei, pintado de rosa, com xquinhas verdes, em rédeas curtas. E depois o trocou por um cantorzinho sertanejo de merda (que não vingou) que apareceu uma vez no Raul Gil.

Aos dezessete quase foi preso tentando sair do supermercado sem pagar as oito ice que bebeu e um Ruffles que comeu no corredor... Se mijou todo na seção de U.D.. E sua mãe arcou com o prejuízo. Depois enveredou-se numa faculdade – acho que jornalismo – e fiquei sem vê-lo por um bom tempo.

Certa vez ele surtou. Evaporou do ecossistema. Desapareceu. Quase rolou umas caixinhas de leite com a cara dele estampada do lado e pá. Só foi encontrado quatro meses depois. Numa praça em Ourinhos. Completamente nu. Gritando para a luz de um poste: “Mãe, joga a chave, porra”.

Uma parte dos andarilhos de São Tomé das Letras disse que Jôni fora abduzido, mas na verdade – ele me disse a verdade – ele passou quatro dias bafando cola e tomando doce. E deu tilt na máquina. [*Deu pau no bitelo, bêlô*].

Viciado em HQs, andou enfurnado em algumas revistas, trabalhando em cargos escusos. Já foi entregador de pizza. Espírita. Instalador de TV a cabo. Jogador de futebol de botão. Fã de Blur. Mendigo e quando o reencontrei, via Orkut, ele tinha certo prestígio com seu site de “artes”. Mas atualmente era só um quebrado como eu. Voltou às raízes podres. Mas comia várias minas por consequência de seu site de “artes” (e sua família socorria seus bolsos constantemente)... E eu, o amigo do “Dono do Ferro Velho” (como o chamavam, carinhosamente, no bairro), acabava comendo todas as “minazinhas cult” que ele já havia comido, pois, na real, as minas davam pra mim no interesse de se reaproximarem dele e darem para ele de novo. [*Sei como funciona*].

Mas até então vinha fácil. E eu colocava as beldades na mesa sem ao menos cogitar o famoso “pensar duas vezes”... – rebarbas de um fodismo forjado. Como efêmeras cerejas no meu triste sorvete.

– E aí, San Diego. Vai querer a brêja, mesmo?

– Ah, pega uma lata pra mim e vamos descendo aí.

Johnathan voltou com duas. Abrimos e fomos caminhando pela calle (siempre peligrosos), com nossas loiras geladas.

– Eu vou pra casa, mano – eu disse à Johnathan.

– Vai fazer o que lá?

– Nada. É que marquei uma ponta com uma bailarina russa e suas duas alunas suecas ninfomaniacas.

– Vai se foder, mano. Deixa de frescura e vamos fazer um H na rua.

– Que nada. Eu vou passar em casa cagar, bater uma, tomar outro banho e me preparar psicologicamente pra esse role inútil que você descolou.

– Firmeza. Então eu vou colar ali na Adriana, ver se ela me faz uma gulosa.

– Então: Au revoir muchacho.

– Falo aê – disse Johnathan.

– Boa sorte com a Adriana – respondi por cima dos ombros.

– E precisa de sorte com a Adriana? – treplicou ele.

– Filho da puta. – Rimos (ambos com a maléfica dignidade de quem reveza subidas ao céu alheio) e sumimos.

5

a diva sem reflexo no espelho morto

“Milhões de quilômetros a um palmo de distância”

MaicknucleaR

A casa já não parecia mais a mesma. Era como um sonho de péssimo presságio. As portas continuavam atônitas. As plantas suplicavam por uma mísera gota d’água. O sol descia pela escada de emergência. As roupas continuavam na corda bamba. Os talheres não davam um pio e havia um vácuo latente no interior de casa.

Casa. Apenas uma amarga casa. Não um lar.

O espaço imóvel que havia sobrando na casa me dava certo frio na barriga. Certa sensação de medo. Certa saudade de alguém que nunca tive. De punhetas que não bati em tributo. E outros (milhares de) lugares comuns. [*Pode crer, brother: tipo um pôr do sol*].

Decidi não abrir as janelas. Muito menos acender as luzes. Não pela claridade, mas pelo lúgubre inconsciente.

Andei até o quarto. Peguei o edredom surrado e fui até a sala. Dominei o controle do som. Deitei no sofá. Liguei o som e... “Sofia”.

Olhos, cabelos, lábios...

...a flama que se instala no corpo como um magma sagrado dentro dos ossos. Um bisturi rasgando os olhos em sonhos demoníacos. Agulha quente atravessando a unha molhada com gasolina;

Um lirismo inútil e furado:

Sofia...

O sorriso em meus olhos de soslaio. Um pescoço convidativo. A fragrância de assassina. O aroma de Sofia.

Sofia era meu segredo enquanto a poeira caía como neve, desnudando-se, cintilante, sob um agonizante feixe de luz. Uma brincadeira boba e infantil. Um platonizar-se desgraçado. [*Jesus...*].

“I Heard it Through the Grapevine”, né, Sofia?!”...

A solidão do lar era a chave do cadeado da urna pirata onde se escondiam meus segredos mais tolos. E meus segredos eram obsessões fictícias. Quase esquizofrênicas. Pequenos filmes inconscientes onde Sofia era Bond Girl. E, lógico: Eu era James. [*“Batido, não mexido”*].

Sofia me fazia pensar em Johnny Cash e June Carter, cantando “If I Were a Carpenter”. Quando na verdade...

Sofia não valia um doce.

6

morno

“E cantávamos algo de cordel, talvez pelo fogo encantado que viveríamos quando seu corpo, na medida exata, encostasse ao meu”.

Beatriz Bajo

– Quer saber?: Cochilar o caralho... “E Sofia que se foda”.

O edredom ficou incômodo. A música causou engulho. E o fantasma de Sofia rondava meus pensamentos. [*Com certeza alguém já escreveu isso: “o fantasma de X Pessoa rondava meus pensamentos”, né seu Jack*].

Eu deveria odiar aquela lembrança (sonho, fantasma, holograma pornográfico desenvolvido pela Microsoft, ou a merda que fosse) e não desejá-la como se fosse uma menininha que espera por um príncipe afeminado montado bichescamente em seu arrombado cavalo cagão.

Eu deveria fazer uma bela duma incisão na região dos neurônios responsável pelas “platonizações ridículas”. E sumir de uma vez por todas com o espectro ectoplasmático daquela puta que costumava aparecer

no azulejo da cozinha. Na estação São Bento do metrô. No reflexo de um vidro de um ônibus e em fundos de potes de sorvete derretido.

Sim, meus caros: Foi terminantemente proibido de se falar aqui naquele nome com S. Pois, porra: esse livro não se trata de mais uma Dalila da alta classe média paulistana, que entrou na vida de um projeto de roteirista (?) maluco, da chorumizada periferia do outro lado do esgotão que corta a cidade, apenas para trazer cestas de quimera no fim do ano. E utopia em (raras e alcoolizadas) ligações de madrugada. Mas, sim, usar a merda de um trecho da minha vida de merda para transmitir um certo adubo, tá ligado?!... Simplificando: a intenção destes relatos é usar uma história tosca, quase sem pé ou cabeça, para sublimar algo tão magnificamente foda, tão gigantescamente pequeníssimo, que, muito provavelmente – noventa e nove contra um –, vai passar batido por muita gente (que não tem porra nenhuma a oferecer) de nossa época (ou seja: 99,790%), pelo simples fato de não estarem preparados (para nadica de nada). Pelo simples fato da nata da cultura (a)brasileira(da) ser a remela de ouro dos olhos da elite. Olhos esses que não são capazes de enxergar um Boeing 747 com talento, nem mesmo se ele tivesse caído de bico dentro de seu ofurô.

Raros são os que sacam o que Jesus quis dizer com “Perdoe-os, pai, pois eles não sabem o que fazem”. E por culpa de algum império que derrubei em alguma vida passada, sou um dos poucos filhos da mãe que sacam. Pero, “Fuck the Bullshit”, como diria aquele som do 311. Chega de blá, blá, blá...

“É meu caro leitor. Não se engane com este começo maçante. Este é o purgatório. Depois vem o inferno. E enfim a redenção. Segura a onda aí. – o céu?”.

Numa bica a lá Jackie Chan mandei o edredom pra longe e pulei daquele sofá movediço para a nem tão maravilhosa vida.

Decidi abrir todas janelas e portas da casa. Deixar tocando o Cd “Stand by your van” do Sublime, no 30 do volume, como um preâmbulo noturno, pois talvez naquele esgoto a céu aberto houvesse um pinga de água potável. Talvez. Naquela atmosfera de monóxido de carbono houvesse um pinga de oxigênio. Ou um cubo de gelo para por na cabeça quente. E flores escondidas sob o tapete. [*Talvez, minhas cuecas, no varal, já estejam sequinhas, quem sabe?...*]

Um belo banho ouvindo “Don’t Push - Live” que mandou o sangue das lembranças ir quase literalmente pelo ralo (que entupiu). E aquecer as turbinas para o rolê fuleiro que Johnathan havia descolado. Só não serviu para curar o resto de leseira que insistia em latejar no âmagô do lóbulo frontal.

Mal havia me enrolado na toalha o telefone tocou. Fui deixando pegadas d’água no piso do corredor rumo ao telefone sem fio.

– Alô.

– Oi. Eu gostaria de falar com Jack San Diego? – disse a misteriosa voz de menina mulher. Sensual e envergonhada. Uma voz arfante e sexy como uma cascavel, fumante inveterada, falante.

– É ele. Quem é?

– Jack...

– Sim

– Fala comigo, Jack.

– Falar com você?

– É Jack. Fala comigo.

– Como assim: “Fala comigo”? Você que me ligou. Então agora VOCÊ que tem que dizer alguma coisa, sabia?! É assim que funciona. Você liga. Diz quem é e o que quer. Aí a pessoa do outro lado responde... E se for ver bem, o Grambell até que é um sistema de comunicação bem democrático, não acha?! – sim, eu fazia gracinhas, mesmo com o crânio ainda pulsando por culpa dos excessos noturnos, duas malucas de manhã e o idiota do Johnathan no começo dessa tarde...

– Ah, não. Assim não. Fala comigo, vai, seu Jack San Diego.

- O que você quer que eu diga?
- Qualquer coisa, Jack. Sua voz me excita, sabia?
- Não, não sabia não... Quem é que tá falando?
- Meu, não importa quem tá falando. Importa com quem eu tô falando.
- Então tá, né.
- Fala comigo, seu Jack San Diego.
- O que você quer que eu diga?
- Qualquer coisa. Vai. Fala mais. Você me deixa molhadinha sabia?
- É um prazer deixá-la molhadinha... Telepaticamente... Foi bom pra você?, pois eu nem suei.
- Ai, Jack, adorei sua voz, sabia?! Ela me deixa toda arrepiada. Fala mais um pouco porque eu gostei

da sua voz.

[*Está aí um motivo plausível*].

– Mas então, já que você quer ouvir minha voz e eu não estou com o menor pique de iniciar uma conversa, acho que vou ler alguma coisa pra você...

– Isso, Jack, isso. Leia seu novo sucesso.

“PUTA MERDA! ‘Seu novo sucesso’ é foda. Hã! Vou ler a bula do laxante pr’essa vaca”.

Comecei a ler um trecho do primeiro livro que encontrei sobre o raque. Livro esse que não era meu e nem sei como chegou até ali. A voz do outro lado apenas sussurrava: “Ai, Jack, adoro sua voz. Adoro sua voz” e continuei lendo.

A respiração da “apaixonada por vozes” do outro lado ficou ainda mais arfante. Mais substancial e rápida. Continuei: “*É difícil caminhar sobre o fio de uma navalha; do mesmo modo, diz o sábio é difícil o caminho da salvação*” e ela soltou um “Oh”, bem suave, do outro lado.

“Impressão minha ou a ‘fonoaudióloga’ vai siriricar-se toda?”, pensei.

Continuei lendo. A respiração daquela taradinha deu uma guinada significativa. Até o ponto em que começou a gemer razoavelmente alto, enquanto eu lia já de pau duro, por influência da conexão discada (...e quem sabe do outro lado houvesse uma banda larga de rostinho prosti-angelical e boca de buceta).

A telefonista se empolgou. Sua respiração era a de uma foda à longa (?) distância. DDF. Eu lia. Ela gemia. Ao melhor naipe disque sexo. Gemia. Urrava balbucias. Balbucias que foram seguidas de um urro abrasivamente demoníaco:

– Vai, seu Jack San Diego. Soca a vara na minha buceta.

Pensei: “Não iô fazendo nada mesmo”.

Querido leitor – querido no sentido mais-que-figurado –, minha vida é basicamente responder à tudo telepaticamente. Dar um sorrisinho de canto de lábio, crispar os olhos, fingir que estou perdido, que sou bobão e jogar, docilmente, um bujão de gás na fogueira alheia. Sem que ninguém perceba. Sutil como uma manada de búfalos estricnados. Calmo como uma bomba relógio.

Pero, dando continuidade, como eu também tenho meus “pôbrema” da cabeça. E não media centésimos de milímetros de conseqüências, continuei lendo. Como se “ler” fosse “socar a vara”.

Sua forte respiração cessou momentaneamente. Como fazendo uma pausa para tirar um pentelho da ponta da língua após uma longa seção de ovada na cara.

Ouvi um som de zíper... E algo que lembrava um som de um remelexo em um estojo escolar, saca?!... O zíper novamente... De repente: “Zénnnnn”... No começo foi um “Kééénn” e depois se estabilizou no “Zénnn”. E esse Zénnnn era um som vibratório. Som que lembrava o de uma máquina de cortar cabelos, tosar vacas, aparar grama, sei lá.

– Vai, Jack. Não para de ler. Me fode com seu talento – ela me disse e é lógico que o retardado aqui continuou a dar pavio pra mulher bomba.

“Me fode com seu talento é ótima, isso me soa como dejavu”. [*Acho que já ouvi alguma história com frase parecida, num livro, num filme, sei lá*].

Eu podia perceber, através do som, que a tal maquininha perambulava por regiões (talvez) inóspitas. Como se o barbeiro estivesse passando a máquina um, da nuca para o cocuruto, num cabelo semi-crespo.

Ela começou a gemer mais descaradamente. E eu, que dizia estar acostumado com todas as loucuras do mundão que deus deu, lia tranqüilamente, andando pela casa, com meu pau semiduro criando formas fálicas sob a toalha enquanto colocava água no bule para fazer (mais) café. Comia uma maçã. Etc. E mesmo com toda aquela putaria deslavada: não induzi minha mão ao pecado.

– Zénnn. Flup. Zzzzzzz.

“Opa, espera lá: zenn, flup, zzzz? E não é que a safadinha está se ‘consolando’ do outro lado?!... (eu acho)”.

E estava! Instalou-se ali a filarmônica da siririca. Eu lendo algo não escrito por mim – o que foge a todas as regras de minha religião –, ela dizendo em replay constante: “Zzénnnnnnn. Me fode com seu talento. Zzzzzzzzén. Oooh. Zzénnn. Me fode com seu talento. Uii. Zzzz. Uuh, fode, Jack (zz), fode. Zénnnn. Vai, Jack (zzz), me fode seu com talento. Aiiii, iisssoo, zzzzzénzz. Uh. Zén. Uhhhh. Zzzén”.

Depois de um bom tempo gastando pulsos e pilha, ela terminou sua pequena festinha urrando como um ursinho carinhoso possesso pelo demo de Blake:

– Goza na minha garganta seu filha da putaaaa.

A “voz de bebe monstro”, arfou, voltou à si e disse que era minha vez de gozar.

Eu. Sabendo das regras do 1-900-Gag-on-my-cock-bitch e talvez descobrindo um certo talento para “atuações by phone”, representei uma esporrada e ela caiu no simulacro. E, talvez, ali, naquele momento (histórico), eu estivesse vingando, sem querer, todos aqueles que caíram nas arapucas de um gemido falso. De um falso orgasmo.

– Você gostou Jack?

– Eu que deveria estar perguntando isso. Aliás, tem um cigarro aí?

– Não... Você melou tudinho, Jack?

– Sua culpa. Você vai ter que vir aqui limpar com a língua... E de joelhos... Vestida de menina super poderosa.

– Você gosta de mandar, né? Seu filha da puta tesudoooo. Vou limpar tudo... – disse minha psicótica, e talvez com personalidade esquizóide, admiradora secreta. Admiradora muito provavelmente com o reto entupido de barbitúricos e chá de boldo – tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu, tu – desligou na minha cara, a vaca.

– Hã!!! E o pior é que se conto ninguém acredita – confessei ao telefone.

Coloquei o sem fio na base.

“Preciso de uma bina...

...e uma escopeta”.

7

sem filtro: divagações de um ralo pecador (aquecendo o motor... antes de pegar as vias dos fatos)

“E o condutor fustiga mais e mais os cavalos enlouquecidos de meus sentidos fazendo a carruagem avariada de meu corpo aumentar a velocidade em corrida furiosa”.

Daniel Cavana

– Que merda de tampa é essa que não sai, caralho?...

Uma maleta. Uma maldita maleta com duzentos e cinquenta mil era tudo o que eu pedia à deus, buda ou Mara Maravilha, há uns cinco ou seis anos. Uma merda de uma maleta e a filha da puta de uma inspiração que não chegava jamais. Não qualquer inspiração, mas A Inspiração. A “Tacada-mor” como eu chamava. O Roteiro dos roteiros. A Idéia das idéias. E outros clichês imaginários convenientes a roteiristas (?) amadores (nem tão) anônimos que procuram uma redenção insana, talvez fictícia, através das mentiras, delícias e volúpias da sétima arte. [*Caralho, Jack, quando finalmente vai começar essa porra desse rolê, meu véio? Cadê a ação, pô?*].

Uma maleta com duzentos e cinquenta mil para que eu gastasse tudo em tele sena e balas de cereja, pois a carga da minha caneta havia congelado ao lado das sardinhas no freezer. Literalmente: na geladeira, como dizem... Um cérebro criogenado por seu próprio invólucro mal vestido...

Eu havia escrito um “conteiro” – uma espécie de conto mais roteiro – atrás do outro no período de um ano. E há mais de um ano que eu não escrevia nem uma vírgula. Nem o pinga do i. Nem o u do brucutu. Nem o S do Mississipi. Nem o B do B.B.King. Nem ao menos vinha à mente uma daquelas idéias malucas de antes.

Eu tinha ótima produção para um novato. Escrevi demais. Criei até uma espécie de blog de roteiros (meus), pois como eu escrevia muito e arquivava pouco, por questões de logística, decidi começar a escrever meus roteiros no próprio blog. Era mais simples, enxuto, estava lá para todos verem e de vez em quando alguém acessava aquela merda, comentava os textos, entrava em contato etc (e bem que eu não podia reclamar do mundo virtual, pois foi através do blog que usaram o roteiro Omoplatas Nervosas. Pena que ele foi carcomido por um rato chamado Martini – são os nacos de alma impressa penhorada por subsídios psicotrópicos. “Acontece com os melhores artistas”).

A trava psicológica que havia me impedido de escrever fora causada por mim mesmo. Travei as quatro rodas. Mas todos os cento e oitenta e sete roteiros de curtas que fiz – talvez um recorde ignorado pelo mundo –, faziam-me sentir uma espécie de quase-orgulho. Um afeto bobo por minhas criações à base de tendinite. Como se fossem coelhinhos sem vida. Uma paixão com repulsa. O maldito paradoxo.

Eu costumava dizer que meus roteiros, por pior que fossem, eram criados com a intenção de provocar reações. Seja lá qual fossem. Nem que fosse a (reação) de um eventual ódio (e desafetos em geral) por mim... Quando pequeno, assisti um documentário sobre Alfred Hitchcock, onde ele dizia que queria criar filmes que fizessem o telespectador pular do sofá. E como sou um ótimo entendedor dessas palavras me bastaram (saca?). [*Ê, Jack, lógico que saquei. Tá tirando, véio?*].

E mesmo tendo escrito com amor extremo quase paternal, eu ainda sentia que “não era aquilo”. Parecia que aqueles filhos não eram meus. Era como se a vaca da caneta tivesse me traído com um caderno qualquer. [*Miuuuu*].

Eu tinha a clara impressão de estar escrevendo apenas por falta de algo melhor a fazer. Como se escrever fosse um artístico passatempo que enterrava os restos mortais de meus sonhos antigos e não conclusos (ou empurrava-os para baixo do tapete, sei lá). Como se o ato ou efeito de escrever fosse uma solução paliativa para problemas crônicos.

E mesmo tendo escrito tudo com subliminar autenticidade, ter aplicado minhas tripas nojentas na carga da caneta e aspergido dissimuladamente meus sentimentos em trejeitos e em pingos no espírito de minhas personagens: parecia que eu estava indo num embalo bobo. Num “só vou se alguém também for”. Afogado em rasas ideologias baratas. Como sonhos fugazes. Um desejo passageiro de ser roteirista que logo seria trocado por um curso de aeromodelismo (ou culinária) e depois faria um intercâmbio no paintball e terminaria no curso de memorização dinâmica à distância (ou alpinismo).

Essa impregnada sensação de estar fazendo algo que talvez não fosse para mim estava me deixando completamente confuso... Deixava-me confuso, pois, querendo ou não havia “algo” em meus curtinhas blogados. Não havia a menor cogitação de negativa. Até um tiozinho com catarata, glaucoma, miopia e de óculos escuro, perceberia qualidade, à olho semi nu, naqueles textos.

Todavia eram textos brutos. Aliás, põem bruto nisso... Brutíssimos... Brutos pra caralho... Textos de alguém que se enveredava sem mapa (mas com uma apostila baixada de um site na Web), numa estrada desconhecida – e que tinha grandes possibilidades de chegar vivo ao fim dela. Não pelas armas, mas pelas cicatrizes.

E já que me sentia um turista doidão de camisa florida engraçada, naquele chiqueiro por onde perambulava – devido ao Omoplatas... e as “caridades de quem me detesta”, como diria Cazuza –, considerava qualquer tipo de contenda por um milímetro de película: uma completa perda de tempo. Qualquer tipo de envolvimento maior nesse universo: um passo arriscado. Qualquer luta por espaço na Jacuzzi: um bom motivo para tomar um tapa de graça bem no meio da lata – mas passemos paralelos à este mundo (pelo menos hoje, pelo menos) nesse livro.

Por isso afirmo: eu vivia no aquário, mas via os outros peixes de fora. [*Tipo um peixe salva-vidas*]... Tinha um taco super dotado e a fê de um chiuaua com gripe.. Sentia-me como se fosse um holofote banhado com piche sem poder exercer sua função idiota. A porra de um roteiristazinho (?) amador de merda.

Entretanto. Não lutar com os tubarões significava ser uma presa eternamente escondida nos corrais. Mas, será que essa luta valeria mesmo a pena? Valeria a pena amarrar a bandana, segurar a faca entre os dentes e jogar-se no mar revolto para salvar um sonho incógnito, recente, talvez acéfalo?! O de encontrar a “tacada”. Valeria a pena colocar a cara a tapa num quadro de incerteza nesse mundo cruel? Valeria a pena trocar o nada pelo duvidoso?... E o que vale mais: um litro ou um quilo? [*Ave. Essa foi Infame*].

Não sei, mas ainda acho que aquele opala com kit gás, aquele muquifo pra chamar de lar e aquela louca pra me dizer “te amo” comprariam fácil minha alma... – e aquela assinatura V.I.P./vitalícia da Directv também iria bem.

É gente boa: felizes daqueles que sabem o que querem. Eu estava completamente à deriva nesse oceano de cervejas em taças, calcinhas comestíveis e ressacas espirituais. Nessa obsessiva busca atrás de um *compléti* para um vazio coberto por uma manta de Quando. E a paralela busca por inspiração/idéia brilhante para escrever algo que me convença de que “fazer roteiros” não era apenas mais uma desculpa para “não fazer porra nenhuma da vida”. Algo que eu lesse e dissesse biblicamente: “Oh, pai, agora sim: os burritos estão prontos”.

Uma obra. Uma maldita obra. Só uma. Apenas uma bastaria para me convencer a enveredar-me de vez naquela estrada de roteiros sobre a mesa e disquetes desaparecidos. Bastava apenas uma obra para que eu me convencesse de que tinha taco suficiente para fazer aquilo. Me convencer de que tinha pau suficiente pra botar pra foder e convencer de que tudo aquilo não era uma paixão adolescente e sim a merda de um talento nato, e, aí sim, me preparar, conhecer as todas artimanhas da arte e finalmente partir pro arrebento, sem dó nem piedade... [*“Obra” é o que todo artista inconscientemente busca, meu caro Jack*].

Foi a espera dessa bendita obra que desandou os meus curtas. Travou-me psicologicamente. Rendeu-me um belo “branco de escritor (amador)”.

A prioridade mental que dei a busca dessa bendita obra foi tanta, que cheguei a um ponto onde já não conseguia pensar em mais nada que não fosse isso. Era essa busca do Quando (eu acharia essa maldita maleta) e da inspiração (que rendesse a merda de uma obra), vinte e quatro horas por dia, chutando minha cabeça com botinas de chumbo. Há semanas...

Fiquei extremamente mal humorado nesse período. Porém eu era um ótimo político – quase um relações públicas quando queria –, portanto esse meu mal humor não chegou a afetar efetivamente minha relação com o mundo. Mas de tanto ficar pensando, pensando, pensando, tinha constantes pulsações cranianas incômodas. Como se os capilares jogassem futebol com argentinos cheirados num dia de chuva num campo de várzea com chuteiras de prego. E sem gelol no planeta.

Nesse período, discussões alheias por ideologias imbecis em bares frescurentos me davam vertigem. A voz de velhas gordas desdentadas e suarentas que tem “pobrema nus purmão”, dentro de ônibus lotado, me dava labirintite. Qualquer discussão insípida (dos outros) conflitava, com algoz sutileza, com meus bilhões de pensamentos des governados. Irrefreáveis.

Eu ficava maquinando tanto que até descobri o segredo da vida nesse período, mas ele foi atropelado por uma divagação qualquer. Por uma outra mensagem de paz, amor, carinho e fraternidade escrita com bosta na parede do banheiro.

E é evidente que nesse espaço de tempo houve um destrato natural com a aparência por culpa de um ócio (nada) criativo. A fuga do mundo normal. A reclusão em um mundinho umbilical por forças de motivo maior. Umas férias na redoma. A busca da terra prometida.

Bastava rezar para que o “escrever roteiros” não fosse apenas mais uma desculpa esfarrapada, engendrada por minha maquiavélica mente, para fugir dos compromissos com empregos fixos e vergonha na cara. Namoros e missas imbecis. Macarronadas e brindes de fim de ano... Ou cumprimentar parentes.

/...“Roteirista? Você precisa é de um emprego”, foi o que ouvi ao anunciar minha insólita escolha à minha “família”.../

Uma maleta. Uma maldita maleta – ou uma “cueca de político” – com duzentos e cinquenta mil. Um roteiro cheio de tramas. Uma amante atriz num clicheroso cruzeiro ao Caribe, para tomar drinques tropicais e trepar na proa, enquanto a pequena big band lá dentro toca aquela velha valsa em exultação aos demônios da carne, que descem em espiral do céu, e ajudam-me a retirar os saltos de minha amada... Champanhe e chupada nos enormes lábios...

...Algumas roupas de banho. Nescau com leite moça. Dois ou três pés de maconha no quintal dos fundos. Um conversível em um estacionamento e uma linda mulher me olhando com devassidão, bastavam para cessar todos meus existencialismozinhos de merda.

“Será que isso é pedir demais?... acho que não”.

– Pronto! Finalmente consegui limpar essa merda – retirei o lodo de pêlos pubianos e células mortas acumuladas ao longo de quatro anos e meio, que haviam entupido o ralo. Ralo que transbordou aos meus pés enquanto tomava banho. Até me lembrou de certo piscinão da cidade sob as águas de janeiro.

E já que não havia mais nada a fazer em casa, nem Patrícias (escondidas embaixo da cama) ou Ângelas (pra me deixar com “sabor abacaxi”) ou “Sofias fantasmas” ou ligações fetichistas e nem um real

para ir jogar no maldito caça-niqueis da Betty Boop, decidi vagar pela rua (talvez dar uma passada no Afago's) até a hora em que iria re-trombar o Johnathan, no Bar do Robbin Willians, para enfim irmos...

EM BUSCA DE PALOMA NEGRA

1

lupanares

“A droga do Artista é o devaneio”.

Cássio Amaral

Por isso aquela porra nunca iria para frente. Quem excitar-se-ia vendo Sheila (a “Xuxa da Favela”, como diziam os maldosos linguarudos del barrio), fazendo sua dança de Garça hipocondríaca, ao som de Abba, em cima daquele monte de caixas de banana, pregadas umas as outras, que chamavam de palco, de frente para o público?

Sheila não se maquiava. Ela passava um rolo com tinta psicodélica na cara. Não por falta de estética, mas por falta de um teco do cérebro.

Sheila havia ficado zureta após um tiro que recebera no olho, aos quinze anos, quando vendia seu corpo a um traficante local, por duas pedras de crack, dentro de um cômodo sujo onde a droga era escondida. A polícia invadiu o recinto, atirando à esmo, atingindo-a no olho e no ombro enquanto estava com um pau cheio de esmegma atolado no reto. O maluco nada sofreu!

Ela tinha lá seus momentos de insanidade (talvez dissimulados). Teve uma vez que a vi perguntando repetitivamente à parede: “Onde está o meu rinoceronte, cara? Qual é o peso da alfafa?”. Mas na maior parte do tempo mantinha certa sanidade (talvez dissimulada).

“Por que será que os loucos vivem falando com objetos? Será que tá no contrato?”.

Sheila trabalhava (de graça) e morava (de favor) no Afago’s Drink’s há uns onze anos. Era (é?) mãe de uns oito filhos (muitos talvez nem estejam vivos) espalhados pelo mundo.

Antes de Veiga “cuidar” dela, vivia pelas ruas, sendo constante, sexual e degradantemente utilizada – abusada, muitas vezes –, por mendigos, trombadinhas, caminhoneiros, cantores de pagode, assistentes sociais e uns boys que faziam de sua inocente loucura que jamais reclamava (um tipo de: topa tudo por cinco conto) de mote para as mais perversas depravações que podem existir em cima da crosta terrestre.

Tinha uns boys, que quando a encontravam na rua, judiavam sem dó. Pegavam pesado mesmo. Chegaram até a filmá-la fazendo sexo com animais. Fist Fuck. Gangbang com dezesseis caras e o caralho a quatro. Mas, Veiga, que tem alguma ligação sangüínea com a pobre diaba em questão, deu cabo de cinco fulanos que andavam espalhando fotos dela na internet, com uma garrafa de espumante vermelho enfiada no rabo. (Dizem que as) Fotos (foram) tiradas em algum lugar não revelado de Mairiporã.

Mas... Os trouxas foram querer aparecer na frente dos amigos e desapareceram serra abaixo. Cada um com dois furos mortais no corpo. O sumiço dos cinco, na época, virou um caso de renome na mídia nacional. Inclusive, a mãe de um dos “desaparecidos” até apareceu na TV dizendo o quão bom era o coração do menino. Como ele nunca fez e nem faria mal a uma mosca, etc. E até hoje, o caso está esquecido... E não solucionado (pois o Veiga é Pró)... Mas então, Veiga abriga Sheila como “uma das meninas” – e/ou “esvaziador de saco diário” –, em sua bodega suja. Talvez por certa piedade proveniente da solidão. Talvez por pura escrotidão espiritual. [*Aposto na segunda opção*].

Veiga era sádico ao extremo. Fez uma casa de caboclo cabulosa. E disse que ficou quase duas horas só apontando pros caras, só pelo prazer de vê-los se borrando. “Eis um verdadeiro Pé de Pato”.

E apesar de todo esse drama digno de programas sensacionalistas, o fato dela estar ali, dançando de frente, como uma salamandra que aspirou gás pimenta, me incomodava. E muito. Fora aquele Abba que era capaz de brochar um cara que tomou dois copos de catuaba, comeu seis mil amendoins, três ovos de codorna e tomou um Viagra direto na aorta.

Por isso aquela porra não iria pra frente nunca. Era o que eu sempre dizia à Veiga. Não pela “Xuxa”... Sim, ela era feia como o predador comendo carne moída com miojo, molho inglês e catchup... E (meio) louca, mas... Pelo amor do porta-malas de Rita Cadillac. Em seus áureos tempos, meu amigo, aquilo sim, eu poderia chamar, com convicção diplomática de: Gostosa Pra Caralho!!! Puta que pariu, véio. Aquela cachorra louca tinha umas pernas capaz de mandar um anão à lua com apenas uma bica no centro do cu. E um rabo que fazia o celibatário mais casto empunhetar-se pecaminosamente com as recordações daquela abrangência anal. [*“Bunda succulentamente grande”: um produto original do Brasil*].

/...Sheila era tão “rabo-xuda” – essa junção foi “criada” agora – que um maluco lá do bairro vivia dizendo: “Tããmém, mano: essa banguela vive nu córrí. Ai ú podê di tração das coxa da franga fica nervoso, né tru”. É meus caros este é o verdadeiro dialeto “Paulistano até o osso, é nóis”. Que só poupei de relatar esse “fenômeno de linguagem” aqui por duas razões. Uma: já sou obrigado à ouvir esse tipo de merda praticamente o dia inteiro, quase todo santo dia. E como sou roteirista (?) esse vocabulário de quarenta e duas palavras não suprem meus vícios. Duas: vocês não iriam entender porra nenhuma!!! Muita gente acha que a língua aqui em São Paulo – pois aqui não é porra de “Sampa” nenhuma. É São Paulo mesmo – é aquele “Num to entenndennndo, meu”... Eu que não entendo. Eu nunca vi ninguém falar assim por aqui. Nem em nenhuma das zonas da Capital. Muito menos lá em São Mateus. Só quem fala assim são as chupeteiras dos medíocres bairros “nobres” – e por que: nobre?! Que merda tem de nobre se nunca vi nenhum castelo aqui na capital, porra. Digo: castelo mesmo, com muralha, portal, um lago com jacaré ao redor e toda essa merda européia). Que porra é essa agora: a volta do sistema feudal? –, biyatchs que a única coisa que tem dentro do crânio são litros de porra acumulada... “Mas se me der eu como”.../

De certa maneira, até entendo porque Veiga, aquele Catarinense (criado no Rio Grande do Sul), velho e rabugento, a desposava todas as noites à lá boneca inflável. Mas foda-se. Eu estava ali apenas para entregar os CDs do Rei. Tomar o resto daquela merda de cerveja morna que havia sobre a velha mesa doze. Ganhar a rua. Ver a vida.

Eu andava com um projeto meio doido. Há uns oito meses. Um curta chamado: “Valium Cinco Estrelas”. O problema é que, como sempre, eu tinha o título, mas faltava todo o resto. Mas era assim que funcionava minha produção (na maioria das vezes). Eu fazia os títulos antes de tudo e deixava meu paradoxo cerebelo agir sobre a caneta. Rei, que dizia ser produtor, e que ficou sabendo não sei como desse projeto (já que eu raramente comentava sobre o que andava criando), me deu dois CDs e pediu para que ouvisse. E caso gostasse, eu tinha autorização dele para utilizar no curta.

Mas nem dava. Não é porque um idiota resolveu acordar um dia, comprar uma placa de som, instalar o Pro Tools no PC, fazer umas merdas de samples ridículos e dizer que é produtor fonográfico, que vou fazer caridades sonoro/profissionais. Nem dava. Acho que antes das pessoas saírem por aí dizendo: “eu sou cantor, ator, escritor, marceneiro, astronauta, jogador do Quinze de Piracicaba ou um maldito fã (do filme pornô) da Gretchen”, tem que saber se realmente tem talento. Se realmente nasceu pra coisa. Ou se nasceu com a merda de um Dom. Tem que no mínimo saber diferenciar o que é bom e o que é ruim... No caso, Rei não tinha espelho. E se tinha fingia não ver, pois ele era ruim pra caralho. E pra piorar: não tinha a menor noção de ridículo. Não tinha o menor senso de sensibilidade, saca?! [*É, Jack, o “senso de sensibilidade” foi meio forçado, mas, sim: entendi*].

Veiga guardou os CDs e disse que entregaria à Rei assim que o visse. Depois sumiu atrás de seus afazeres.

Eu estava indeciso. E aquela cerveja morna estava intragável. E talvez a intragabilidade da cerveja fosse pela insistência de Sheila em dançar de frente para a platéia (eu), ao invés de mostrar ao público pagante (eu), o poder de tração que a parte traseira de suas coxas tinham.

“Pense na pátria, Sheila. Pense na pátria. Lembre-se das margens plácidas... Seja a mãe gentil”.

Se ainda fosse criança, Sheila, tirando a máscara, seria meu sonho de fácil e descartável consumo. Mas tudo que sentia era um ligeiro sentimento de pena de seu infortúnio. De seu semblante assustador num corpo de fazer inveja à qualquer aluna de lambaeróbica. De sua falta de defesas contra um mundo cruel. De sua escravidão físico/psicológica/trabalhista.

E se digo “ligeiro sentimento de pena” é por que não sou nenhuma Madre Teresa de Calcutá. E se eu fosse me sensibilizar com cada alma desventurada que havia (há) no raio de quatro jardas, naquele periférico bairro paulistano onde fui criado, eu jamais viveria minha própria paupérrima vida.

– A menina nova ali quer sair com você. Você topa?

– Hã. Quanto ela me paga? – cortei, pois Veiga sabe fazer um pobre cristão gastar todo seu católico money.

Estava indeciso. Talvez eu fosse à merda do Vernissage de Cláudia. Estava combinado desde Quarta. Mas nem havia lembrado por conta de toda essa história de Paloma Negra. Do Ângela versus Patrícia. Da busca do Quando e a merda da Obra. Mas então. Dava tempo de sobra, pois a merda do Vernissage seria à

partir das sete. Ou seja: estava começando naquele exato momento. Pensei em correr lá de carro antes de trombar o Johnathan (e a tal da Paloma Negra, talvez até trombasse aquela maleta com duzentos e cinquenta mil, jogada por aí).

Cláudia pediu para que eu comparecesse (talvez nos dois sentidos), mas a gasosa que havia no tanque não era suficiente para chegar lá. Era tempo de recessão e decidi não ir. Fiquei com a dança de Sheila, a cerveja morna na conta e uma hora que parecia nunca brilhar no digital do meu Cássio de seis reais.

E como sempre: foi só pensar na diaba e o celular tocou. E como a vida não passa de um clichê desgraçado: Óbvio: era ela.

– Alô

– E aí, meu. Você não vem, não? Tô esperando.

– Pô, Cláudia. Não tenho como chegar aí, não. Tô sem gás no meu porsche.

– Ah, meu. Vem... Sabe o que você faz? Vem até aqui. Depois dou o dinheiro da gasolina pra você voltar.

– Meu amor. Você não entendeu: eu não tenho gasolina pra chegar aí. Saca?!

– Vem de metrô

– Como? Tô sem um puto no bolso. Pra não dizer que não tenho nada, tenho cinquenta centavos que ganhei de tarde em uma máquina caça-niqueis com estampa da Betty Boop e a incrível sensação de que meu crânio é uma bexiga cheia de gás do riso e amoníaco.

– Você é mó tratante, eim. Onde você está?

– Tô no... Bar de um amigo

– Vem, porra. Arruma um dinheiro emprestado por aí.

– Vishhh – fiz mimicamente “não” com a cabeça, tornando meu vish ainda mais veemente.

– Então tá. Não vem. Mas vou ficar muito triste com você. Mas deix’eu ir lá, vai, pois neste exato momento eu sou o centro do universo. Um beijo onde você quiser – ela sempre dizia isso: “Um beijo onde você quiser”, mas nunca dava (pelo menos não em mim).

– Pode ser nas bolas?

– Não! – irritada – Para de brincadeira, seu besta. Eu tô com raiva de você. Deix’eu ir lá, vai. Beijo... Ah, amanhã você vai comigo na festa da Biazinha, né?

– Vamos, sim – festa de pessoas que eu não conhecia: um saco (pelo menos a Bia era condescendente, he, he, he).

É meu amigo. O que a gente não agüenta para comer uma dessas maconheiras independentes, lindas e conceituadas que dirigem feito loucas e moram em apartamentos transcendentais?! Já até agüentei uma seção de Ana Carolina, ao telefone, para comer uma mina, você acredita: Ana-Ca-ro-li-na? Ninguém merece. [*Pobre homem*].

– Então tá. Mas to triste viu. Amanhã você vai ouvir um monte.

– Tá bom então. Vai lá centro do universo.

– Tchau.

[*Diga adeus ao vernissage*]. “Ah, Cláudia. Você é tão interessante. Tão próspera. Tão independente. Tão tetuda... Pena que você insistiu nessa idéia absurda de que somos apenas (bons) amigos... Sua estúpida”.

– Ô véio. Posso por mais uma na conta aí? – perguntei ao Veiga, quando passava por mim indo ao seu habitual balcão.

– Mas claro.

“Ceerto, outra cerveja morna”.

Veiga havia feito algumas reformas na birosca. Fez algo no estilo Luiz XV. Mesas novas à lá Chippendale. E alguns tapetes no naipe Savonnerie para limpar a bosta que há na sola do sapato dos caminhoneiros bregas que adentram o pico. Só faltou ele tomar vergonha no rosto e mandar Sheila dançar apenas de costas.

“Paloma Negra... Quem será essa vaca, eim mano?”, pensamento esse que veio de chofre à mente do Carateca frustrado que vos escreve.

– ...e aí véio, essa cerveja aqui já tá quase em ponto de ebulição, eim. Tá na hora de você arrumar um daqueles freezers da Brahma e colocar aqui dentro. Você reforma a bodega toda, mas deixa logo a cerveja, que talvez seja a principal atração desse lugar, ficar quente. É foda, eim ô Véio Bagual... Você tem é que entrar pro ramo do churrasco de gatos. Tem mais sua cara.

– Bah, mas essa aí tava no frigobar. O freezer tá alugado – abriu a morna que pus na conta e pôs um copo no balcão.

– Você alugou o freezer? – perguntei semi espantado.

“Alugar o freezer dum puteiro?!”, indagou a voz que habita o interior de meu nobre capacete craniano.

– Aluguei para um casamento – completou.

– Casamento?... Mas... Casamento mesmo? Com noiva, padrinhos, tio bêbado arrastando e velhas chorando?

– Sim, um casamento, porra. O casamento do meu primo.

– Você alugou o freezer... Para um primo seu... Que está casando?!, é isso? – perguntei quase espantado.

– Mas claro – respondeu o bafo de churrasco.

– Você alugou o freezer pro seu primo... Que tá casando?! – perguntei totalmente espantado.

– Ô – esse “ô” já foi mais paulistanóide.

Meu cérebro, como de praxe, fazendo densos comentários: “Caralho, esse Veiga é louco. Que tipo de crápula aluga o freezer para o casamento do primo?”.

– Caralho, Veiga. Que tipo de crápula aluga o freezer pro primo?

– Ah, mas o tipo que quer ganhar dinheiro... – dessa vez quase escapuliu um tchê da boca de Veiga.

– Além de velho é avarento, eim – eu disse provocando-o só de brincadeira.

– Ahhhhh – um daqueles “ah”, que só um velho intrinsecamente rabugento e de bombacho, sabe dar – guri do caralho. Bebe e some daqui... e vai ter que pagar.

– Só.

Veiga serviu mais um rabo de galo para si mesmo e virou guêla abaixo.

“Pô. O cara aluga o freezer de um puteiro para o casamento de um parente de primeiro grau. Ou ele tem uma ótima mente investidora ou é só um filho duma puta lazarento... (é só um filho da puta lazarento)”, pensei enquanto olhava aquela velha carcaça se abastecendo da terceira dose virada.

Veiga é uma péssima companhia... Na verdade, o Afago’s Drink’s é um péssimo puteiro. Com néon falhando em algumas letras. Tem putas de média-baixa qualidade e freqüentadores que não sabem a diferença entre Dante (Alighieri) e Tandi, o ex-jogador de vôlei. Mas era de lei eu fazer uma preza comparecendo por lá (e, obviamente, aquela joça foi digna de ser relatada por meio desta merda de livro estúpido. Questão de afinidade marginal. Nada tropicalista).

Afago’s Drink’s. Uma segunda casa já que eu não pagava os habituais dez barão pra entrar. E só esse fato quase me tornava um roteirista (?) de verdade, não é? Influência, meus caros – péssima, diga-se de passagem.

Aquela espera toda constantemente chutava as bolas de minha famosa ansiedade. Parecia que a merda do tempo não passava jamais. Como se “dez horas” estivesse a dois anos luz de distância. Minhas buscas estavam em pause. A cerveja desceu bonito. Era hora do fim da clausura. Abba nunca mais.

2

he, he... luz, câmara e...

“E a cultura das drogas? Buracos finos no mundo do espírito cavados por gerações de cigarras...Hoje entregar-se a Satã é igual a nada, é o mesmo que fumar um cigarro ou tomar um café...”

Marcelo Ariel

– Me filma, filha da putaaa – gritei no interfone.

– É o Jack – ouvi Alex, o namorado de minha “amiga com bolas”, a Samanta, dizer no outro lado do interfone zero bala, com câmara e o caralho à quatro, que acabaram de instalar. Da hora. Tipo: Onze Homens e um Segredo da Vinte e Cinco de Março.

– É o Jack? – ouvi, pelo interfone, a própria Samanta dizer.

– É o Jack?! – ricocheteou Livia com sua estridência habitual, também através do interfone.

– É um sabão pela metade – respondi ao interfone.

– O que ele disse? – Livia perguntou.

– Não sei. O que foi que ele disse? – indagou Samanta.
 – Não sei. Foi isso que eu perguntei. O que ele disse? – continuou Livia.
 – Ah, eu não sei o que ele disse, bem – treplicou Samanta.
 – Sapão pela metade?
 – Que sapão, Livia? Você tá ficando louca!
 – É o que ele disse.
 – Quem disse?
 – O Jack...
 – O que que o Jack disse, Livia, porra?
 – Era o que eu estava perguntando...
 – Lindo isso! Agora vou ter que ficar ouvindo a viagem dessas loucas pelo interfone – houve uma pausa, um silêncio e as duas racharam o bico – e aí, suas loucas, vocês viram a surpresa que está aqui comigo? – perguntei, ainda através da merda do interfone.
 – Não. Esse negócio não tá funcionando não. É só pressão – disse Samanta.
 – Você viu que tamanha novidade tecnológica?! Uma câmera que não funciona – disse Alex, surgindo na garagem, de chaves em mãos.
 – Foi você que comprou, meu bem – respondeu Samanta... [*Sei: pelo interfone*].

Alex fez aquele velho sinal de “ela está louca” com sua peculiar maneira extrovertido/introvertido de ser. Um maluco gente boníssima que trabalha em uma faculdade qualquer. Abriu o portão:
 – Entraí – me cumprimentou e deu um beijo na Flávia. Formalidades, medidas, blá, blá, blá.

Flávia tinha me levado até lá em sua moto possante, após tê-la encontrado assim que saía do Afago’s. “E aí, garotinho, vamos subir lá na Samanta?!”, me disse, surgindo do nada, como num passe de mágica.

– Eeeeiita – foi o primeiro som que Flávia emitiu ao adentrar aquele âmbito “familiar”. Ela entrou e já foi cumprimentando e brincando com todo mundo como de costume. “Flávia é a encarnação do carisma em pessoa”.

Rompi, também, os limites daquele pequeno portal para um mundo de hedonismo recalcitrante e luxúria psicotrópica. Um mundo onde os desejos mais sórdidos e perversos davam vazão ao ato, a experiência (tipo uma casa de profissionais “liberais” nos anos oitenta do século passado, tá ligado?!). Um lugar onde a polpa da lisura moralista descia privada abaixo e toda a fé que havia no âmago dos seres transformava-se num saboroso, mortal e corruptivo pecado. E ao atravessar os limites, da casta sanidade rumo ao gelado piso de hiperbólica voluptuosidade, os anjos que nos olhavam, caíam aos nossos pés mundanos. E beijavam com devoção, a venda de nossas almas aos bailes salafrários, enquanto nos serviam ácido em lindas taças de cristais... E eu era apenas um cara que queria o mundo e contentava-se com pouco. Vinho e violão. Uma vaca que me despreza. [*Caralho, Jack. Se empolgou pra escrever esse trecho aí, eim?!*]

“Agora entendi o ‘eita’ acentuado de Flávia”.

Uma espessa bruma de fumaça verde pairava abafadamente sobre o ar remexido pelo ventilador no teto... Se houvessem quatro chicanos jogando playstation, duas vagabundas entediadas vestidas com roupas extravagantes e um índio amado, sentado em cima de um saco de erva, ouvindo a Cisco Kid do Method Man & Redman & Cypress Hill, eu diria estar num bairro chicano em Los Angeles. Mas não estava. Estava em algum ponto no mapa do Tucuruvi. Na zona norte da cidade de São Paulo.

E, sentados no sofá, assistindo os cliques podres de R & B, estavam: Palito (da banda “Toscolândia Passando o Bife”), dichavando. Orelha (que é só o Orelha mesmo), cumprindo a mesma função. O Corcunda (um atorzinho metido a besta que não vale um parênteses) passava à Bia um baseado pela metade.

Havia duas minas lá que nunca vi na vida. Uma delas me provocou certo tesão à primeira vista, por culpa da proeminência leiteira embaixo da blusinha e a cara de vaca de ressaca (isso me excita).

Ver Bia ali no recinto aumentava drasticamente as probabilidades de eu receber a terceira (duma bela) gulosa no mesmo dia... E sentados diante da mesinha de centro, onde havia um pequeno Everest de cocaína sobre uma bandeja de prata, estavam Sorraia e Gustavo.

Cumprimentei todos, politicamente, como bom anfitrião espirituoso que sou (quando assim desejo). Pois, afinal, eu crescera com noventa por cento daquela raça que ali se encontrava. Fazer a society com velhos conhecidos é easy like sunday morning. Por mais que você os odeie...

– E aí, Jack. Dá um tirinho lá – disse Alex.
– Não posso.
– Ué! E por que não?
– O Jack tá com frescura no rabo – disse Palito.
– Que que cê tá falando aí, ô bafo de porra? – respondi ao Palito.
– Vai, ô bafo de bosta – replicou.
– Shiii, começou. Eu vou é lá ver a Samanta. Fui – e lá foi-se Flávia.
– E aí, Jack, vai? – perguntou Alex.
– Não posso, cara. Eu tô numa missão. Tô atrás da Paloma Negra.
– Você também conhece a Paloma Negra? – perguntou Alex, intrigado.
– Ainda não.
– “Caralho, essa mina é renomada”, pensei.
– Tenho certeza que você vai gostar dela.
– Sério mesmo? – indaguei.
– Ô! cê não sabe como ela é boa... – me deu aquele sorriso peculiar de rockstar malucão (que dá aulas à noite) no auge da loucura, enfiou a nota de cem dólares [*Santa ostentação*] na narina esquerda e sugou o cume do pequeno Everest que havia na bandeja.

Corcunda e Bia discutiam. Um queria ver os cliques “black caga sangue” (R&B) e o outro o Cartoon Network. Senti algo estranho rolando entre eles (mas não identifiquei o que era).

– Então, vou lá dentro falar com a Samanta – informei a Alex.
– Ô, vai lá. E olha... Toma cuidado com o que vai encontrar pela frente...
– Hã. A única coisa diferente que posso encontrar por aqui é se todo mundo resolver fazer tudo de ponta cabeça.
– Olha eu não diria isso. O pessoal tá aprontando muito, eim.
– Sei...

Bastou abrir a porta do corredor para me deparar com Fabinho e o Brow comendo a Roberta – uma loirona coroa deliciosa, gostosa pra caralho, que há tempos venho “olhando”. Dona de uma dessas casas pet. Mãe do Renato do Jaçanã –, que estava de quatro ali no chão. O Brow tava comendo a cara e o Fabinho comendo aquele rabo deliciosamente experiente.

“Imagina se o Renatão aparece aqui agora”.

Mas, então, abri a porta do corredor e...

– Nooossa – olhei ferozmente para trás e disse à Alex – Que imoralidade da porra é essa? Como você permite isso dentro de sua residência, rapazinho?

– Ué. Eu não tenho culpa. São eles que tão fazendo.

– Hum... E aí seus metelões. Deixem-me passar – eles afastaram-se para o canto e como advertência para não cometerem mais esse tipo de leviandade, em casa alheia, dei um tapa no rabo da Roberta e complementei, como bom projeto de cafetão barato que sou: “Catiiorrrra”.

Atravessei o corredor sem presenciar mais nenhuma orgia depravada, bandejas com metade do produto interno bruto da Colômbia ou rock’n roll nas paredes. Cheguei à cozinha. Cumprimentei Samanta e Livia – Livia é a melhor amiga “sem bolas” de Samanta. Flávia estava com elas.

Aquelas retardadas, como sempre, falando um monte de asneiras (in)culturais. Mescladas à um monte de putarias. E um monte de besteira sem nexos. Me fazendo rir em baldes.

Samanta dizia “Ai genteeee. Tô com uma vontade de transaaar... Mas não com qualquer bofe, sabe?! Eu quero fazer um sexo específico”. Essa do sexo específico fez a platéia ir abaixo ali na mesa. Surtar de tanto rir.

Temos poucos momentos de risadas e sorrisos nessa vida. Tiquinhos de gargalhada felicidade. É preciso saber enxergar.. Aniquilar os preconceitos. E não confundir!

E como diria o filósofo: “Ele é viado, mas é meu amigo”. Não é porque Samanta – e seus trezentos e cinquenta miligramas de silicone dianteiro – chama-se Cidão, na carteira de motorista, que vai ser excluído(a) dessa turma de retardados premiados, renomados e completos inúteis!

“Quando a goró faz ‘tuím’, nós ganhamos super-poderes”.

Robério Fumagalho.

Levantei de súbito e rumei de volta à sala. No corredor, Palito e Orelha, ambos com seus devidos baseados na boca, uniram-se à Brow. Palito com Soraia – que até alguns minutos antes afirmava ser a garota mais casta da cidade, mas acabou rodando a banca num garrafa-desafio (mistura de verdade e desafio com jogo da garrafa) – e Orelha com uma das desconhecidas que estavam na sala. Fabinho já não estava por lá, evaporou. A mãe do Renato estava sugando o resto de porra do Brow que gemia feito um cachorrinho gripado.

Enfim: apenas a velha putaria de sempre. Nada incomum para os tupiniquins banhados nos carnavais da corruptosidade e no perfume lançado pelas etéreas pornochanchadas. “A festa é nossa”.

Decidi que havia chegado a hora de botar a Bia pra mamar gostoso no meu caralho (que está orgulhosamente acima da média e foi aprovado pelas vagabundas do bairro nos quesitos custo/benefício, sabor/conteúdo, odor/higienização – e dale Exceed na ponta do cacete – por todas aquelas que o colocaram na boca). Mas, como eu ia dizendo. Ia ser a terceira do dia. Sendo que meu role ainda nem havia efetivamente começado. Porém, quando abri a porta, ela não estava mais lá.

– Cadê a Bia? – perguntei ao Alex, que lia uma revista, fumava um cigarro e havia colocado na CNN gringa.

– Acho que subiu.

Fechei a porta. Passei novamente pelos metelões e subi a escada que há, à esquerda, antes de chegar na cozinha. No quarto – o maior deles – de cima, não havia ninguém. Só o PC em espera.

Fui ao quarto do lado, abri a porta e flagrei Bia com a “boca na massa” e Corcunda de calças curtas... Bia estava pagando sua maravilhosa e popularmente conceituada gulosa, ao Corcunda. Corcunda... Um cara que era indigno das caras de atriz pornô ninfomaniaca que ela fazia enquanto está com um caralho bem duro atolado no fundo da boca...

“É foda. Literalmente. Eu aqui buscando a clichê, dejavurosa, repetitiva e gasta “obra” e esse povo todo nessa orgia deslavada”..

Eles não perceberam minha presença de tão chapados que deviam estar. Sei lá. Eu poderia ter colado, sem estresse, mas: dividir com o Corcunda?...

Tinha mais um casal no quarto. Mas não consegui identificar.

“Lá se foi à terceira do dia”.

Voltei ao quarto maior, pois havia reparado que o PC estava em stand by e decidi ver as novidades do blog.

E como em noventa e oito por cento do tempo: novidade alguma. Pelos blogs de alguns amigos (distantes em distância) fiquei sabendo de alguns eventos que estavam rolando na cidade durante aquela noite. Tinha conhecido meu lançando livro. Amigo estreando peça. O vernissage de Cláudia também estava em destaque entre os artistas virtualizados. E show do Toscolândia Passando o Bife em Osasco dali umas quatro horas. “E nós aqui”. E eu ali. De cara com a grande latrina que é a vida. Engendrando novos universos em diamante para depois jogá-los aos porcos. Estreando o que já não é mais novo. Estrelando a insípida marginália.

Havia uma pontinha tentadora vacilando sobre o cinzeiro, ao lado do monitor. Fazia quase um ano que eu não fumava aquela merda. Não por falta de oportunidade (porque lá no bairro “falta de oportunidade” é impossível). Muito menos porque decidi parar. Nem nada dessas frescuras. Apenas: aconteceu. Mas, há mais ou menos um mês eu estava numa de me manter incólume. E só foi ter essa idéia estúpida para que as velhas vontades batessem a porta. Mas, mesmo assim, deixei ponta perecer lentamente ao léu daquele cinzeiro sujo.

De repente, aquele tédio melancólico e infundado – que estava me perseguindo desde que vi aquela escatológica camisinha, ao meu lado, na cama, de manhã – assombrou os vales do meu misto de fadismo e

baixo estima. Fiquei ali. Diante o Pc. Pensando na vida e conversando com uma amiga de BH pelo messenger.

Vaguei por alguns links que curto e fiquei sabendo de algumas outras atividades culturais, ali pelo, mas meu itinerário estava selado (bú).

Divaguei mais um pouco com minha querida e sonhada mineirinha. Divagamos nossos encontros – caso ocorressem – embaixo de uma cachoeira onde ela iria me levar. Eu pensava na obra que não criava. No dinheiro que gastava comprando mega-senas na ignóbil tentativa de enricar a conta corrente de vez e mulheres que me desprezavam.

“Oh, platonismo virtual, o que seria de meu fictício império sem você, seu filho da puta?”.

/...“Mega-sena?”: Eis a ambigüidade de odiar a futilidade alheia enquanto ambicionava dominar o mundo. Como se fosse o arqui-inimigo de um super-herói de colante ou um ditador malucão. I’m fucking mad, man.../

“Raquel de BH. Cachoeiras e pão de queijo. Ela pensava em livros e paisagens. Teclava sonhos, Veneza e promessas de artísticas chupadas matinais. Eu queria apenas uma obra, uma maleta, uma resposta... Ou aquele velho Opala com kit gás, um muquifo onde pudesse pendurar a plaqueta de Lar Doce Lar e uma vagabunda só minha que me chupasse por prazer e me desse o cu por amor”.

Ouvi Bia e o outro saindo do quarto.

Eu queria que a hora passasse logo. E já que não passava, ia ouvindo uma rádio de soul pela internet. Já tinha tocado Sam and Dave, Al Green, Commodores, etc. Da hora. Mas talvez eu precisasse mesmo é ouvir a Stuk do Limp... Ou quem sabe a American Pimp do Phunk Junkeez, quiçá a I Just Don’t Give a Fuck do Eminem. Ou talvez a versão (rara) de World of Inflation tocada ao vivo pelo Sublime, só pra ver se melhorava o ânimo (quem sabe até Sweet Home Alabama ou Sweet Home Chigaco se pá) – ou a segunda opção: invadir um cinema de shopping e atirar em todo mundo.

/...Esse negócio de ficar fazendo trilhões de citações em livros é foda, né? Ainda mais quando você não conhece porra nenhuma do que foi citado (O que deve acontecer com você quando digo que estou ouvindo Dubcat)... O mais foda mesmo é ter o árduo trabalho de ir atrás do que foi citado e depois descobrir que é tudo mó bosta. O que acontece em grande parte dos casos (e não seria diferente neste livro aqui)...

Tem uma pá de idiota que se sente o cult, cool, rox, rules, the man, eruditíssimo, inteligentíssimo e pá. Tem neguinho que até pensa ser deus em seu mundinho que cabe em uma daquelas caixas de fósforos Paraná, só porque conhece determinado nome, determinada banda, determinada marca de estofamento de carro, tal filme, tal rua, tal lugar, tal casa noturna, tal merda de comida japonesa, tal merda de livro imbecil de um escritor cuzão da Macedônia, tal shampoo: FO-DA-SE tudo isso. Foda-se a comida japonesa, tailandesa ou qualquer outra merda de outra esa. Pau no cu do velho McDonald’s que tinha um fastfooder. Foda-se que o filósofo do século blá, blá, blá, disse blá, blá, blá... Porra. Eu vivo citando Sublime, pois me identifico, não porque o Sublime domina minha mente. Eu acho o lifestyle e a idiossincrasia dos caras bem interessantes

.; a amizade que tinham um pelo outro; a falta de ambição; o “curtir a vida” deles e etc; até gostaria de viver como eles, mas nossas realidades e os tempos são outros. Nem dá. Os cara são gringos e eles cultivavam a amizade (coisa que EU acho impossível em São Paulo)... Fora que minhas insipientes lógicas de vida não aceitam qualquer tipo de sectarismo ou idolatria. Seja lá de que espécie for.

Na verdade, (certas) citações não são uma demonstração de inteligência (talvez de conhecimento), mas uma prova cabal de que você (quer dizer: a pessoa que é assim), não tem merda de talento nenhum pra porra nenhuma (na maioria exorbitante dos casos)... Só sabem citar nomes, trechos (dos outros), datas (que eu não estive presente), fatos de trezentos A.C. (que talvez nem tenham mesmo ocorrido), mas quando vão criar, oh dó: só sai citação de um monte de idiota falecido misturadas à um monte de gracinhas recheadas com conotação sexual para disfarçar o lixo que dizem ser arte (tem muito neguinho aí que só sabe fazer isso: citar. Digo: só isso mesmo! Um minuto de filme e vinte e nove de citações e alusões. E o pior de tudo é que os caras ainda conseguem serem postos no altar dos “cults”. Mas sei lá. Eles podem conseguir a atenção dessas fotos-bonitinhas-blasé que tem um trecho de Lispector no about me do Orkut. Mas aqui. Onde os manos mal sabem ler, cobram e vão atrás de satisfação (com duas glocks na cinta e vinte gramas de farofa no sistema mais que nervoso), eles não duram um segundo com seu nhé, nhé, nhé de “escriba”.

...Pô, ignorância é triste, mas por outro lado, querer medir a inteligência das pessoas pelo que elas conhecem é burrice. Querer segregar é foda.

Citação é como gozar com caralho alheio (às vezes). Um decoreba cult pra inflar o ego dos impotentes (às vezes). Bala pra revólver de sofista ufano (está aí uma verdade). Muleta para seres incriativos de nariz altaneiro (hell yeah!). Subterfúgio de quem está perdendo um belo embate psicológico...

(Ainda bem, flagiciosa nação, que temos alguns – vários – outros notórios “criadores”, da minha laia, perambulando ebriamente pela cidade. Alguns sei quem são. Muitos não conheço, mas ei de trombar em uma quebrada qualquer... Eles ajudam muito no processo de Sobrenaturalização **das artes** – que é a única coisa que minha arte “prega”).

Mas, veja bem, as citações aqui, neste livro, são pequenos resquícios que fazem parte de um maldito universo (ou não). Tudo aqui emaranhadamente se completa (ou não)!. Quer dizer: só foram citadas, pois rolaram no dia dos fatos relatados, enquanto eu escrevia ou transcrevia... Pô, citações devem ser apreciadas com parcimônia e só usadas quando não for dirigir...

Esse negócio de “Eu sou mais legal que você só porque conheço algo que você não conhece” é próprio das amebas e energúmenos... É como um imbecil que chegou em um amigo meu e disse com toda sua “pompa que queria aparecer para as apetitosas bucetas modernas da mesa”: “É! Mas você não conhece João Gilberto”, meu amigo deu dê ombros e disse “E aí?!!! Você conhece Motown, trouxe?!” e a treplica foi um silêncio espacial... “Eu conheço... Os dois”, vim fazer o carro de apoio.

E como diria o sábio e muambeiro (que recentemente perdeu uns dentes numa queda pau d’água):

“Inteligente era o Magaiver, que nunca leu um clássico da literatura, mas construía um avião monomotor utilizando apenas um palito de dente quebrado, uma xuxinha de cabelo e um aspirador de pó da Barbie”.

Robério Fumagalho

Citar é mó legal. Mas cite tudo aquilo que lhe excite. Cite apenas o que te enaltece. e com parcimônia. Crie seu próprio lixo e pare de se apoiar no que defuntos disseram.../

– O que você tem? – disse Flávia, surgindo no quarto.
– Nada não – tocava Marlena Shaw com a fodíssima “California Soul”.
– Eu to indo ali na casa de uma amiga minha. Você quer ir até lá comigo ou quer que te leve pra casa?

– É longe?
– Não. É aqui perto.
– Você vai demorar?
– Não só vou dar um oi porque ela quebrou a perna semana passada e ainda não consegui falar com ela.

“Tá bom, Flávia. Sei que vai ser rapidinho. Do jeito que você fala pelos cotovelos...”.

– É que tenho que trombar o Johnathan daqui à pouco pra fazer um role.

– É dois palitos!

– Então só espera terminar esse som.

– Tá. Tô lá embaixo, então.

– Já desço.

Califórnia Soul. Esse som é foda. Sempre que o escuto ele faz com que minha mente entre em uma série de devaneios por culpa de algumas hiperbólicas ilusões causadas por uma imaginação galáctica. Quase perceptivas. E uma série de utopias visuais. Quase reais. Que me faziam recordar histórias que não vivi e viver histórias que jamais viverei. Ter os bons momentos que só a maquina de sonhos hollywoodiana pode produzir. A vida na piscina de um videoclipe (e esse tipo de coisa que todo mundo sabe, passa, mas não consegue descrever com perfeição). Para simplificar: eu ouvia o som e viajava...

Ao sair do quarto tive uma surpresa inusitada. Põe inusitada nisso. Inusitadíssima. Inusitada pra caralho, ô meu. Adivinha quem eu trombei, saindo do quarto menor, sendo encoxado amorosamente por Christine – outra “garota com bolas” que perambulava pelas noites do Tatuapé com o nariz entupido de coca, vendendo-se a baixo preço?!! –, [*Que soem os tambores*] o Barba. [*Humm hum humm*]. Os dois fizeram uma pausa no corredor.

Os vi e voltei ao quarto na tentativa de sangue bom que sou fingir que não havia visto nada. Porém meu plano só fodeu mais a coisa, pois além de ver, ainda ouvi Barba contando uma de suas peripécias sexuais num cine-punheta. Onde foi estuprado por um travéco albino de dois metros de altura.

Foi foda descobrir o que nosso inescrupuloso assistente de barman faz em suas horas vagas. Mas até aí: foda-se. Nada que ele faz, faça, ou fará vai alterar minha vida em vírgula. Por isso: nem ligo. Mas eu tinha que sair dali com Barba ou sem Barba.

Sai disparado. Como se não tivesse visto nada.

– Ôôô, e aíii, Los Hermanos, qual a boa?

– Jack??? – assustou-se – E aí?! – estendeu a mão para me cumprimentar, mas fingi um espirro. Sem medidas.

Até ali eu estava atuando bem, mas enquanto os dois caminhavam na minha frente, rumo à escada, saquei que havia um longo filete de porra que ia do ombro, respingando, até as costas do... Barbicha... (foi mal).

“Agora toda vez que eu for ao bar do Robbin Willians, só vou tomar cerveja em lata”.

– Hum. Eu sempre flagro esse tipo de doidera... Mas se conto: ninguém acredita. Por isso nem conto. Roteirizo.

O corredor de baixo estava uma putaria deslavada só. Com o aval da vista grossa de Alex e Samanta. Um emaranhado de corpos nus fedendo à sexo. E roupas espalhadas no chão como armadilhas para pegar ursos.

Roberta já não estava lá – e, se estivesse, talvez eu nem tivesse saído de role naquela noite –, mas as duas desconhecidas que estavam na sala eram a bola da vez. Os caras todos estavam fazendo uma pequena festinha com elas, ali, no corredor estreitíssimo. Mais tarde, naquela mesma noite, eu ficaria sabendo do (relampejem os trovões) destino de Sorraia – talvez eu conte. [*Destino de Soraia parece nome de novela mexicana*].

“Aaah, Roberta... Bom saber...”, disse a voz do além.

Na sala. Alex ainda no sofá. Samanta ao seu lado e Flávia em pé me esperando. Livia no outro sofá já não agüentando o resto da batida. E Sorraia suada e brilhando, tentava dissimular obviedades, enquanto separava uma carreira que mais lembrava a rota 66 e preparava-se para protagonizar, alguns minutos mais tarde, uma das histórias que viriam a ser um dos maiores sucessos de bilheteria das lendas urbanas.

“Impressionante o deslocamento de pessoas dentro daquele sobrado. Se alguém tiver uma overdose ali dentro levará uns quinze dias para ser encontrado”.

Nos despedimos e fomos à casa da amiga de Flávia.

A casa era em frente a um Mirante, uma praça, em Santana, ou adjacências, sei lá. Flávia parou a moto. Descemos. Tocou a campainha.

“Já vai”, disse uma morena baixinha, deliciosa, com umas putas coxonas apetecentes, estralando gostosura, que surgiu no fim do corredor. Gostosura essa que estava maliciosamente à mostra devido a seu “shortinho de ficar em casa” (como ela mesma disse). Longos cabelos pretos e um rabo enorme, suculento, que estuprava o coitado do shortinho. Um nariz empinadinho. Uma cara de “só dou pra surfista maconheiro ou mano abonado”. Aquela cara de “já fui deflorada em vários quartos de casas de praia, bancos de trás, motéis na Dutra e terrenos baldios. Aquela cara...”.

“Vamos até à praça”, ela disse. E fomos.

Ela trazia um fininho em mãos. [*Ô povinho que fuma, eim. Caramba!*]. Conversava com Flávia enquanto rumávamos, ela trôpega, até a praça. Eu tentava disfarçar meus impulsos sexuais aflorando sobre a flor da pele (quer dizer: embaixo da samba canção) e tentava ser legal. Tentava ser legal daquela maneira que todo homem é quando quer impressionar uma ilustre e deliciosa desconhecida que ele quer levar pra cama. Mas não muito.

A praça era legalzinha, pois têm vista para um bom pedaço da cidade. E passa uns helicópteros, bem baixos, rumando ao Campo de Marte, o que “na brisa” dá um tom especial ao lívido céu azul escuro da cidade. Onde as Três Marias tem a alcinha de Três Gatos Pingados.

A gostosa do shortinho acendeu seu fino e eu dei um close-up nervoso em sua buceta que dava oi ao mundo pelo interstício entre o pano do shortinho e a calcinha afogando-se no meio da racha – ela não fechava as pernas... Ela percebeu que eu secava seus “lábios” à mostra, mas, as variadas orgias no qual ela deve ter participado lhe proporcionaram a invergonha de um eterno nu artístico.

“Deve ser da hora comer uma engessadinha raboxuda”.

Eu estava meio perdido, pois elas não conversavam sobre nada que eu pudesse intervir com comentários sarcásticos e espirituosos (só falavam as mesmas merdas que minhas tias chatas falam, repetitivamente, quando incomodavam minha casa com suas “visitas de seis dias”. Ou seja: décadas se passam, mas parece que o assunto dessas fulanas nunca muda). Nada que desse brecha para que eu mostrasse àquela gostosa o quanto sou legal. Que meu pau tá acima da média. Que estou correndo, mentalmente, atrás da primeira grande obra do século e de um “seis caneca”. E que ela podia ficar comigo se quisesse. Eu permitia...

Tinha um pessoal tocando violão, mais acima, na praça. Disse à Flávia: “Vou ali rapidão”. Não deu três minutos, voltei com seis novos amigos descartáveis. Dois casais universitários e dois amigos (deles) da merda da “facul”. [*Fala a real, vai, Jack. Falar “facul” é coisa de mongol*]. Que trouxeram meio garrafão de vinho, mais maconha e ainda me emprestaram o violão.

Pensei: “É agora que vou amarrar essa gostosa com as seis cordas deste violão. Quando ela me ouvir vai se apaixonar pela minha voz. Vai perceber o quanto sou foda. Que sou um maldito roteirista (?) atrás de um opalão a gás, um barraco pra chamar de lar e uma obra não compreendida por meus contemporâneos, que arrumou, do nada, uns dois litros e meio de vinho, fã de Legião Urbana e mais maconha”.

Sinceramente não lembro o som, mas era algum daqueles só pra fazer pose de amante latino playin su guitar. Ela soltou um: “Meu namorado também toca”. [*Putz... é foda quando alguém mata todo o clima, né véio?!*]. Aí fodeu. Quebrou minhas pernas em treze partes e espalhou sobre os prédios da cidade que piscava em nossa frente. Parei de tocar na hora. Os trouxas do violão amaram o som e insistiram para que continuasse. Mas nem dava.

Ela não deu uma brechinha que fosse. Mas na hora da despedida, ao invés de beijá-la na bochecha, tasquei-lhe um beijo estilo aqueles do Pernalonga em sua Boca. Grudei mesmo. Sem dó nem piedade. Tomei de assalto. Ela ficou atônita. Congelou seus movimentos como se a surpresa tivesse sido grande (e seu rosto buscou a feição de “e não é que eu curti essa merda”). Olhou para mim com uma cara que dizia “Você é mesmo um menino muito levado”.

– Que louco – disse Flávia, estupefata, de cima da moto.

Fomos embora. Flávia ficou meio nervosa comigo – mas a mina não falou um a –, dizia que “a mina tem namorado” e “mó mancada” e “logo com ela” e “com certeza ela odiou” e “você não viu a cara dela?”.

Mas... Justamente pelo fato de ter visto a reação no rosto dela, digo: aquela cachorrone gostosa pirou na minha! Foi tão inesperado, tão ousado que não houve escapatória – Flávia afirma, veementemente, até hoje, que a mina odiou. E uma vez quando perguntei se aquela sua amiga comentou algo sobre o beijo Pernalonga, ela me respondeu com um desviar de assunto.

Na volta fizemos um caminho todo torto, todo errado. Quando íamos atravessar a Guilherme Cotting, também de moto e parou do nosso lado. O trouxa, de óculos na testa, que estava em sua motona fodona com a dançarina de axé brega na garupa, ficou olhando com desdém, para a moto de Flávia – que, convenhamos, mais parecia uma mobylette.

Ele mediu a moto de Flávia de cima abaixo. Flávia apenas disse: “Ah, esse maluco tá tirando” e neste exato momento eu soube que estava em apuros. “Deixa quieto”, eu disse sutilmente, tentando direcionar a mente de Flávia para uma trilha menos dolorosa. Mas não funcionou.

Flávia olhou para o idiota e disse: “Me segue”.

O farol abriu. Quebramos a direita na Guilherme. O trouxa tomou a dianteira porque precisamos desviar de um carro. Mas o carro saiu instantaneamente da paisagem. A velocidade aumentou drasticamente. O vento no rosto fez com que meus olhos esporrassem lágrimas. O maluco e a vagabunda agarrada nele, à nossa direita, uns seis metros afrente. A moto de Flávia deu uma guinada. “Trec”. Flávia gritou: “Olha agora” e a moto embalou desembestadamente com uma tração descomunal.

“Caralho, isso aqui está parecendo a ‘Dumont Vilares, o palco do terror’, como disse Roberto Cabrini em uma matéria sobre rachas na cidade”.

Quando percebi o trouxa já estava ao nosso lado, atrás... Lembro que até mandei um beijo de soslaio para a mina dele.

Flávia deu uma fechadinha kamikaze no maluco e acelerou sem dó. Deixando ele ser apenas um vulto no retrovisor. Mas havia um lindo farol amarelo brilhando no final do quarteirão. Ela desacelerou. Daria até tempo de parar em cima da faixa de pedestres, mas a merda de um Palio surgiu em nossa frente. Minha mente me disse: “Segura no puta merda e prepare-se para alçar vôo porque você acaba de se foder grandão, meu caro”. Abracei Flávia como se dissesse “já que me botou nessa, vai virar airbag”. Arregalei bem os olhos para registrar o exato momento de minha passagem para Ghost, o outro lado da vida.

(Nessas horas tudo sempre fica em câmera lenta, pois) Ainda tive tempo de pensar claramente: “Caralho, eu sou tão sádico que quero ver o momento exato da minha cara virando carne moída no asfalto”. Mas, para minha surpresa, a enrabada no Palio fora suspensa, pois Flávia fez com que a moto levantasse (consideravelmente, mas não muito) a traseira – um quaaase-Bobs – e, por algum motivo físico que não conheço – pois faltei no dia dessa aula –, a moto ficou parada uns três segundos de rabo pra lua. Chegou a bater no pára-choque do carro.

Quando a moto desceu, num pequeno solavanco enferrujado, o idiota da motona passou devagar ao nosso lado (com uma cara que nem vou tentar descrever aqui). A mina dele fez “não” com a cabeça para mim, e, renegou assim, seu próprio comedor... “Foi foda”.

Eu juro que gelei. Se disser que não é mentira. Foi nesse dia, inclusive, que prometi à mim mesmo: “Moto, só se for guiada por mim. Se eu for me foder que seja por minhas próprias imbecilidades”.

-Háááá, “SIFUDEU”, o trouxa – eu disse, num ânimo típico de quem acaba de renascer. De ganhar vida nova.

Flávia complementou a cena com estas exatas palavras:

– Também, o maluco nem sabe tocá u bagueio, mano.

– (...) – o que dizer numa hora dessas?

– Você acha o que? – continuou – A capa da moto tá toda zuada, mas o motor é mexido, meu filho...

Flávia... Essa mina sim é foda!

A amizade prevalece...

Mas nunca mais ando de moto com ela.

3

hit the road, Jack... finalmente!

*“Angarias o barro pobre, moldado pelo artista curvado? Bungee jumping numa escala de terror
cabeça abaixo”*

Humberto Fonseca

(E enquanto não sou convidado para virar um agente do FBI). Vruuum...

10:12 p.m. Track 02 Album Def Squad Presents Erick Onassis... Terceirinha. Só deixando a velha fuqueta, azul pavão, 1970, rodas de Vectra rutilando malandragem fluir. Sem pressa nenhuma. Vidros baixos, pois amamos sentir o clima desta psicótica e poluída cidade batendo no braço (que está politicamente incorreto para fora). E a lataria vibrando com o som dos tambores eletrônicos provenientes desta selva de pedra.

Fluíamos untados com dignidade de malaco, pois afinal meu caro reader undigest, nós vaga(va)mos, não muito raramente, dentre essa frágil vidinha de cristal – apesar de neste dia, aqui relatado, perambularmos em 99% do tempo pelo chão da escória –, mas (ainda) somos da maloca querida. Somos a turma da cerveja no isopor e do frango da padaria. Somos o centro do alvo, cercados pela Rodovia Fernão Dias (onde vira e mexe aparecia uns *presuntão* desovados), Jardim Brasil (onde fabricavam alguns dos presuntos), Vila Sabrina (o Terminal de Cargas da Zona-Norte para ser mais exato) e Jaçanã (aquele mesmo Jaçanã dos Demônios da Garoa, do “Trem das Onze”, manja?). À trinta minutos do centro... Num dia que não chova.

Na verdade, somos seres mentalmente iluminados que são incessantemente ofuscados por sócios vitalícios de um clube de campo fiscal chamado sociedade brasileira.

“Culpa do baixo preço do metro quadrado onde pisamos diariamente”.

Vivíamos no lado da linha imaginária onde a dialética misteriosamente torna-se gíria e o “Bom dia meu bom senhor” vira “Vai filho da puta, encosta na parede”.

É meu bom, nada(va)mos no espumante, mas vivíamos sob o lodo acumulado na secular rede de esgoto paulistana. Quase literalmente. Mas foda-se. Amamos ser parte desse misto quente/frio de esgoto à céu aberto e palacetes arranham o cinza do céu (palacetes onde o(s) mesmo(s) segurança(s) começa(m) a aparecer em todos os andares e corredores, onde você está, de walktalk em mãos, balbuciando sua completa estupidez e preconceitozinhos-para-mostrar-serviço à um merda que é chefe da segurança). E a frescura das garotas com elegância zero.

E nisso íamos vertendo metais pesados para os brônquios à cada respiração. Correndo riscos à cada metro ganho. Embrenhando-se num mato sem cachorro, GPS ou celular. Percorrendo o perigoso asfalto esburacado da cidade onde fui concebido e maliciosamente criado. Cidade que amei mesmo quando me socava o nariz ou chutava-me as bolas com uma perna mecânica. Mesmo quando seus homens da lei me socavam o baço apenas por não irem com minha cara. Mesmo quando a deselegância completamente indiscreta de suas meninas viravam preconceituosamente, o nariz, em meus momentos de decadência existencial. Sem um puto no bolso. Sem uma roupa na cômoda. Sem uma foto boa no Orkut. Sem cuecas que não estivessem furadas. Sem disk-fodas. Sem meios de locomoção ou lustra móveis no armário. Mesmo quando... Ah, foda-se.

E QUE O ROLÊ COMECE... “Finalmente”.

– Quem disse que não? – interrompi bruscamente.

– Lógico que não, caralho. Eu nunca vi – rebateu Johnathan.

– Tá vendo você errado?! Como você vai falando pelos outros assim, ô seu intrometido de merda – eu disse à Johnathan, com o velho “tratamento V.I.P” –, lógico que tenho, burrão!

– Eu tenho uma iguana – complementou o Bolívia, surgindo entre o espaço entre os bancos dianteiros. Vou poupar-lhes o portunhol (quando der na minha telha), aliás, vou ME poupar de tentar escrever como ele fala, pois é impossível muchacho.

– O Jack deve ter a merda de um ramster porque nunca vi nada na casa dele.

–Caralho, Jôni. Cê nunca reparou na minha criação de cavalos? Vai dizer que cê nunca viu o haras que tenho em meus quinze metros quadrados de terra?

–Bocê cria cavalos? – indagou nosso ilustre hermano. [*Que portunhol tosco, eim, Seu San Diego*]. Johnathan virou o rosto lentamente. Crispou os olhos. Olhou fixamente para Bolívia por uns três segundos e me disse:

– Então, San Diego. Diz aí: qual é a merda do seu animal de estimação afinal?

– Eu tenho dois.

– Eee?... – fez aquele sinal de “desembucha” com as mãos.

– Meu pai e minha mãe, oras.

– Aaaah vai se foder mano. E desde quando pai e mãe são animais de estimação?

– Desde que tenho uma grande estima por eles, oras. Cê não lembra do que diziam na escola não: que somos animais racionais e pá?! Então, sangue b, pela lógica da natureza e em nome da merda da ciência. E pelo poder à mim cedido pelo estado crítico de São Paulo, eu digo que meu pai e minha mãe são meus animais de estimação e já era.

Johnathan colocou a mão em meu ombro. Virou o rosto no melhor style “tiozão preocupado dando conselho à um jovem inconseqüente” e disse:

– Jack... Seus pais se orgulham de você?...

– Se quicêr posso trazer um cavalo pra bocê – disse o Bolívia, surgindo novamente e dessa vez. Jôni e eu olhamos atônitos para o fulano.

– Muito thank you, mas parei com os cavalos desde aquele outono de setenta e oito – fiz uma cara de quem lembrava-se de algo que estava nas profundezas da memória (só pra ficar mais cinematográfico, tá ligado?!).

E com a bola: Johnathan Ellen Silva:

– Você nem era nascido nesse tempo.

– Na verdade são lembranças hereditárias – respondi.

– Na real você tem é “brisa hereditária” porque seus pais pegaram pesado nas drogas enquanto nadavam pelados na lama de Woodstock – interveio Johnathan com uma sagacidade de desenhista maluco.

– Tem lugar que se você falar que seus pais são animais de estimação você vai preso – surgiu o Bolívia, como sempre: surgindo! E cortou nossos diálogos infundados e non-sense diários.

– Se eu fosse preso por cada comentário maldoso que faço, minha ficha criminal iria daqui até à Ursa Maior – prosseguiu Jôni Ellen.

– Ah, mano. A minha chegaria no máximo, no máximo em Piracicaba – eu disse.

/...“Caralho! Tá vendo?! Por isso é foda escrever literatura: toda hora esse ‘eu disse com engulho’, ‘a vaca da sua vó disse com ênfase’, ‘indagou o pobre garoto sem pernas’, etc. No roteiro é mais boi. Basta escrever nome do fulano em cima do diálogo, quiçá a ação do personagem, e já era”.../

– Falô, viu. Sua ficha chegaria no final do universo e voltaria – disse Johnathan com sua sabedoria “hindu milenar desde ontem”.

– E você ia limpar o rabo com ela – respondi com a sabedoria da rua 8.

– E você, Bolívia. Sua ficha é extensa? – perguntou Mister Silva. Jôni não disse “sua ficha é grande”, pois sabia que ia ser ovacionado com excessivo escárnio e cianose de minha parte, pois, na real, sou apenas um moleque enorme que um dia, no remoto passado, teve um futuro brilhante.

– No muito... Vocês já foram presos?

– Eu já – eu disse entregando meus antecedentes –, mas não preeeso, preeeso mesmo. Eu fiquei quatro horas em pé, só de cuecas, dentro de um coró sujo, com uma câmera bem na minha fuça.

– Por que? – perguntou o Bolívia.

– É culpa do intercâmbio promovido pela banalização dos programas de mensagens instantâneas na internet, entendeu?!

– Como assim? – perguntou o Bolívia, inocente, pois Jôni já cansou da história.

– Nada não. Depois eu conto. E você?

– Eu no... E você Johnathan?

– Eu o que?

– Como assim: eu o que, seu panguão?! – retalhei.

– Eu o que, porra?... Eu tava vendo aquela mina parada ali.

– Nooossa!!! Que delícia – lógico que foi eu quem disse isso.

– Muito bonita – disse the stranger.

– Bonita, porra nenhuma. Aquilo ali, Bolívia, é um espécime feminino tipicamente nacional. Olha o tamanho do rabo dessa mina, Bolívia – complementou Johnathan com sua sagacidade de tartaruga ninja mutante (eu sou o Michelangelo) –, porra. Não ofende a nação, Bolívia. Não ofende...

– Se quiser posso te arrumar uma mina dessa – interferiu Bolívia.

– O Jôni Ellen nunca foi preso – disse o notório Jack San Diego. [*Notório, você? Tá*] –, só o primo dele.

– Meu primo é foda – (acho que deu pra sacar quem disse essa não?!).

– O primo dele era uma verdadeira lenda no mundo dos narcóticos – fiz uma intervenção urbana...

– Porque ele foi preso? – disse o ser que emerge entre os bancos.

– Vish... – complementei com esta palavra de sabedoria eu aprendi na tribo dos watchachara quando fui buscar ópio... (brincadeirainha).

– Meu primo? Meu primo é foda!

– Você já disse isso – eu retruquei só pra irritá-lo. E ele deu aquela “olhada má”.

– Meu primo era mó loucão. Uma vez ele tava tão na nóia de carburar um pino, que inventou de assaltar um banco.

– E deu certo? – e é óbvio que essa pergunta estúpida não veio de mim.

– Não – simplificou Jôni.

– Por que não?

– Porque o burro do meu primo tava tão lesado que nem percebeu que não era um revólver o que ele tava carregando.

– E o que era? – novamente: Bolívia.

– Uma pistola de cola quente.

– Uma pistola de cola quente?!

- É, porra: uma merda de uma pistola de cola quente.
- E aí?
- E aí o que?
- E que que deu?
- Ele se fodeu é óbvio.
- Ave... – afirmei com a propriedade de um Wolverini – vi tudo: nasceram um pro outro!
- Vai se foder, rapaz – disse Jôni carinhosamente.
- (...)

– Se quicêr pôssô tracer uma pistola de cola quente. Baratinho – concluiu Bolívia.

[*Nessa o Jack exagerou no chapeuzinho*].

Paramos em um sinal vermelho. Um pivete descamisado apareceu na janela ao meu lado. Vendendo chiclete numa hora meio imprópria. Achei que ele estivesse fazendo algum tipo de hora extra, sei lá...

Peguei o real que era destinado à compra do “chicré” e disse: “Aí, menó. Pégu real aí pú cê aí, tru. Aí. Eu nem to afim de chicréti, não” – na rua se fala o dialeto, deixa o português formal para os malucos de Portugal (ou para as chatas cadeiras da academia) – e ele espondeu: “Não posso”. Aí eu disse: “Porque não? O dinheiro é meu e eu quero te dar essa merda, pega logo” e ele: “Não posso, tio. Só posso chegá cu dinheiro di qui eu vindí, tio” e saiu andando em direção à outro carro. Não entendi bem essa fita, mas, ah, esquece.

/...Esse negócio de querer falar bonito (difícil) é foda. É um dos males tipicamente brasileiros: querer fazer o que não sabe, ou não tem noção de dosagem de uso de suas cognições. Principalmente neste âmbito artístico onde todos querem parecer descolados o tempo todo. Todos sabem de tudo sobre tudo e detêm toda a verdade sobre todos assuntos e a razão das razões no bolso da jaqueta preta de couro comprada, à prazo, na Giulian Marcuri...

Existe coisa mais chata que um advogado discutindo Nietzsche, utilizando linguagem técnica de tribunal, dentro de um espetáculo teatral prestes à começar? De um “Guevara entusiastic” pregando a revolução dos charutos dentro da padaria às sete e meia da manhã? De uma amante de literatura bradando poesias chatas no meio de um Mc Chicken sem compromisso num dia bem poluído? De um professor de história falando da queda da Bastilha dentro de um inferninho?. De um chato gritando: “Toca Raul”?... Pô. Foda-se a bastilha.../

– Então, mano. Me diz uma coisa. Que merda, afinal, a gente tá indo fazer no Brás? É lá que é a tal da rave urbana? – perguntei.

– Não, acho que não – disse Jôni.

– E é lá que tá essa tal de Paloma?

– Nããão. A Paloma vai estar na Rave.

– E é uma rave mesmo? Tipo uns boys dançando ridiculamente um som eletrônico que tá na moda naquela semana. E uma pá de Paty tomando uma pá de doce e chapando o globo?

– Quase isso.

– E você acha que é uma boa idéia a gente ir num pico desses?

– Lembre-se da lei da festa, San Diego: “Não importa o som que toque. O que importa são as minas”.

– Como assim: não importa o som? E nem vem que foi eu que criei essa lei.

– Você não quer ir por causa do som, não é?

– Cê tá louco? Como você pode me falar uma merda dessas. Música é música, meu caro. Foda-se que estilo seja. Na minha mente só existem dois tipos de som: os bons e os ruins... Eu não sou um desses “retrogrados musicais” que são contra a evolução fútil e natural dos gêneros musicais... Contra a música eu nunca vou ter nada – abrimos exceções aqui para funk carioca, axé e pagode, pois sem exceções não há regras, baby – Só odeio os idiotas que ouvem, pois de futilidade psicológica já basta o próprio som... Música não deveria se subdividir em “estilos”. Jamais! Nem nada do tipo. Eu sempre achei essa idiotice de “já que sou de um ‘estilo’ não posso nem passar na fila do mercado perto de alguém de outro ‘estilo’ para que meus amigos do meu estilo, não me vejam com alguém de outro estilo e pensem besteira”, uma prova irrefutável de atrofia cerebral congênita, crônica e maligna. Isso é desculpa para se enfiar na idiotice e não viver o mundo em sua totalidade... Use o estilo, mas não se enclausure nele... Música é clima. E nada mais. Só não pode parar no tempo... Pode ser uma asneira: mas acho que o ato de ouvir uma música requer uma fina e apurada seleção; ela deve ser selecionada com a perícia talento/técnica de quem escolhe uma trilha sonora para o filme que marcará nossas vidas. E não pela programação das rádios. Música é clima. E nada mais. E outra: eu ouço

para que minha alma se deleite nas ondas musicais. E não para mostrar – afinal, mostrar pra quem? – a “tribo” que pertence. [*Só imbecil, boy e jornalista da global dizem: “tribo”, eim, Jack...*]...

/...Se eu for separar as pessoas por especificações, sei lá. Por “filtros de busca avançada”, tipo: marca da camiseta, operadora do celular, cor da unha, manias imbecis, shampoo, aí quem vai sobrar nessa seleção de capas: eu?! Mas por outro lado eu vivo dizendo isso, mas vivo meio que afastado da humanidade.../

–...Fora que já perdi de ir em muita festa da hora só porque neguinho vem querer “achar o que eu penso”, “achar sobre o que gosto”, “achar onde gosto de ir”, “o que gosto de ler”, “pra quem dedico minhas punhetas” e etc. Isso é impossível, meu caro. Só eu posso falar sobre o que gosto ou não. Só eu posso falar sobre o intrínseco em mim mesmo e minhas tolas idiossincrasias. E mais ninguém nessa merda de planeta inútil pode falar nada que seja relativo a minha opinião...

– Caralho, Jack. Acordou agora? Mira esse mau humor pra lá.

– O que é idiossincrasia? – perguntou Pablito.

– É Jôni, el barato és muy loquito muchacho – meio que respondi – É que fico treze de raiva com essas fita, mas foda-se. Mas responde: o que a gente tá indo fazer lá no Brás?

– A gente vai pegar os Flyers lá no Régis – disse El Surgidero, agora em versão sem sotaque.

– Tô vendo que hoje vai ser um daqueles dias que de noite é foda – afirmei ao vento.

É. Eu andava meio irritado por culpa de tantas idéias rasgando os trilhos de meus neurônios a nove mil quilômetros por segundo como uma locomotiva psicodélica que soava seus inaudíveis apitos aos habitantes de uma inóspita cidade. A sensação de improsperidade esbofeteando meus feriados mais brilhantes na cara. E minha reverberação sendo cada vez mais ofuscada por uma indolente, safardana, vagabunda e salafrária falta de vontade de escrever.

Na verdade, o problema começou assim: muitas idéias e nenhum impulso de ir digitar, depois se fodeu. You know. E sei lá. Criar por criar (como eu já disse antes e com certeza voltarei à dizer), escrever por escrever (como cento e dois por cento das pessoas que escrevem fazem), me incomodava como uma peste bíblica (algo como passar dois mil anos assistindo os filmes da Gwineth Paltrow ou assistindo Luciano Huck)... Eu não podia, não aceitava e nem queria ser como “todos os outros”. Tinha que ter algo mais. Talvez aquela aurora boreal dentro do freezer. O épico num copo d’água. Não uma “mensagem” – “mensagem” é um termo até meio fruta –, mas: alma. Uma alma desfigurada que propagasse a invergonha aos quatro cantos, pois sou louco a ponto de acreditar numa espécie de panacéia artística. Acredito no lúdico. No teatro. Nos loucos. E no anti-ortodoxo. E também em um monte de palavras engraçadas de significados bem interessantes. E fico inventando frases como: “Ouça-me, capacho da porta. Eu creio em vórtices de simbiose num copo de vitamina. Eu vagueio pelas formas e fodo as fórmulas”. E fico nessa tentativa besta de propalar a solenidade das noites de Sábado e o ócio como ofício criativo. E a putaria como mote para nossos dias mais vagabundos. E uma arte retirada da morte de nossas dolorosas crendices estúpidas que defendemos como se fosse a tese de uma verdade unicelular. E também acredito na Homeridade dos copos de requeijão. Na galhardia das latas de STP All Season Radiator Treatment. De anúncios em postes. Do terminal rodoviário do Tietê. Do ovário alheio. Do fígado. Da puta que pariu... E vim desgovernado nessa malha viária para nos trazer algo que nos fizesse viver a merda da vida com requintes artísticos. “Ou desandasse o planeta com minhas loucuras... De vez”.

Alma...

Tudo que eu pedia diariamente à deus, buda e a Mara Maravilha era que me dessem a idéia para O roteiro (com alma.. com... sei lá o que).

Fora que eu á estava cansado daquilo. E só queria sair daquela condição de eterno cachorro olhando para a máquina de assar frangos, num belo Domingo de verão. Aquela vida que em 92% do tempo mais parecia uma eterna reprise do 8 Miles, sem a parte final.

/...E vamos falar a real, vai. Minha busca é a mesma de muitos outros loucos que pisaram nessa terra que um dia há de se acabar. Só que em diferente formato. Num formato mil vezes mais foda (???) – quero acreditar nisso –. Sem frescura no rabo. Sem medo nenhum de ser feliz.

Estes angustiantes – para mim é óbvio – “manuscritos/busca de uma coisa que ainda não decidi qual é”, que agora transcrevo, no encardido teclado Jetline, cheio de vestígios incriminadores, com certeza já deve ter sido relatada por algum outro anormal (como também já foi dito antes). Mas como eu disse: o meu formato é único. Único e especial. E como eu já também disse antes: não vim até aqui para chorar os saudosos

e muito vivos existencialismozinhos de merda. E, sinceramente, a busca alheia que se foda. Os probleminhas alheios que se danem. Sou fruto de uma geração individualista e não me orgulho disso, mas não queira mudar essa merda em que me tornei. É culpa dos governantes../

Sei lá, viu. Eu ainda acho que (talvez) trocasse o showbuzzines (e toda sua futilidade que tanto odeio e que tanto me seduz) por um opala com kit gás (quem sabe uma Caravan, um muquifo (que não fosse um hotel) pra chamar de lar e uma louca que me diga “te amo” com os olhos brilhando de devoção.

- Não, porra. Não acende isso aqui não.
- Qual é, San Diego? Tá com medo do cheiro – disseram-me Johnathan e seu isqueiro.
- Cê é louco? Aqui passa várias barcas.

Instalou-se, ali, uma balbúrdia. “Não acende”, “Qual é, San Diego?”, “Não acende”, “Qual é San Diego?”.

E nisso estávamos parados naquele farol da Rangel Pestana, que fica em frente à Universal – sim, eu sei: é proibida a passagem de automóveis ali, mas foda-se –, quando me aparece um mendigão e vomita no capô do carro. Nem vi a cena. Só ouvi sua carcaça batendo na lataria e o vomitão lavando o capô de cima abaixo.

“Putzzz”.

Johnathan falou um monte de vitupério ao mendigo e eu fiquei estupefato, pois, até então, eu achava que mendigos não vomitassem (nunca)...

O farol estava mais que aberto. Acelerei.

– É! não é todo dia que um mendigo vomita toda sua bÍlis no capô do meu fusca, azul-pavão, 1970, com rodinhas de vectra rutilando malandragem. Justamente no dia em que escondi Patrícia Mantaglioni, embaixo da minha cama, vi Ângela virar fera, recusei ir à uma vernissage que talvez se transforma-se numa orgia cabulosa, roubei um beijo de uma vaca coxuda, quase morri num racha de moto na Guilherme Cotting. E fora que tô de role com a merda do renomadinho Johnathan Ellen Silva, indo atrás uma tal de rave urbana que não sei onde é e uma tal de Paloma que nem sei quem é... E o pior de tudo: perdi cinquenta cents na máquina da Betty Boop.

– Caramba. Bocê tem bons pulmões – (adivinha quem disse essa).

NOTA: A fama, meus caros, ilude infantilmente o infamado! A fama faz uma pessoa com o Q.I. de um Buchecha sentir-se um Stephen Hawking... “Por isso, cuidado, meu bem”: há famosos na esquina, na rua... (hoje foi foda).

– Por que todo hermano se chama Pablo? – implicou Johnathan.
– Por que Bocês tem nome gringo sendo que não são? – disse o ser que já não emergia mais.
– É o mal de nascer pobre, Bolívia. Já reparou em nome de jogador de futebol?! É tudo com a terminologia *Son*, mas escrito com Ç. Tipo: Cleverçom, Cleiderçom, Jailçom... Imagina se meu nome fosse “Jackçon”, com Ç. Ia ser lindo... Rico têm nome de índio, russo ou francês, tipo: Cauê, Cauan, Catapora e assim vai... – interferi.

–És verdade.
Paramos.

- Ê Pablo – disse Bolívia após apertar o número 502 do interfone.
- Aí, cara. Não sei quem é Pablo, não – responderam.
- Sou amigo do Régis. Vim pegar uns flyers.
- Ah, você é amigo do Régis? Sobe aí.

Bolívia tocou novamente o interfone e disse:

– Você tem que abrir pra gente.

– Ah, tá.

1,

2,

3,

4,

5...

501, 502:

– E ae, malucão. Foi mal eim, cara. É que a gente não conhece ninguém aqui.

Entramos. Reconheci na hora o som: Overkill. Dentro do ap. havia quatro cabeludos, todos vestidos de preto, sentados no sofá. Um apertando um baseado, outro fumando e várias latas de cerveja na mesinha de centro, ao lado do playstation. Jogavam The King Of Fighters.

– Onde Régis está? – perguntou o vulgo Bolívia.

– Ah, véio. Ele foi ali comprar mais cerveja, ó. E a gente ficou aqui, fumando maconha, ouvindo um som e tomando todo goró dele. A gente ia até comer a mina dele, ó véio. Ela chegou aqui, perguntou do trouxa e eu disse: “Vai sua vagabunda, começa a chupar o pau de todo mundo aqui e cala a boca”, mas a puta ficou com frescura e foi lá pra fora, véio.

– Lá fora onde? – perguntou Pablito.

– Na área de serviço, véio. O Jeb tá comendo aquela vaca lá no chão, véio. Enquanto o namorado dela foi comprar mais cerveja pra gente tomar. Eu cheguei e disse: “Aí, vai lá comprar mais cerveja pra gente” e ele foi. Pianinho, véio. Tinha que ir.

– Que fita – deixei escapulir.

– É véio. A gente veio de Santos pra tocar aqui. E chegando aqui o bagulho foi cancelado, véio. Minto. Nem cancelado foi. Teve superlotação de bandas. Mó serviço de porco essa organização aí ó. Mó prejuízo fodido. Tomamu no rabo. Mas aí, véio, ele vai ter que aturar a gente aqui até amanhã. Já chegamos aqui e eu disse: “A gente vai fumar maconha aqui” e ele disse pra gente ficar de boa e tamo aí, véio. Jogando playstation, tomando um uísque que achamos escondido atrás do sofá e fumando vários. Sinta-se em casa aí, ó véio...

Esperamos um pouco. E bem na minha vez de jogar, o tal do Régis chega com as sacolas. O Bolívia foi logo requisitando os flyers e Régis disse que os convites ainda estavam com um cara que mora na Senador Queiroz e deu uma desculpa esfarrapada qualquer. Ele ligou pro cara e disse que estávamos indo até lá buscá-los.

Quando íamos nos despedindo, a mina do cara apareceu, toda descabelada, com meio peito de fora, sendo encoxada por Jeb. Foi foda. Não sei porque, mas virei o rosto de lado e disse “Jack, vem jantar” com uma voz fininha e completei: “Bom, vamos aí, né?! Já tô ouvindo até minha mãe me chamar... Régis, prazer cara, valeu aí. Falou”. Johnathan peidou com a boca na tentativa de segurar uma gargalhada. Mas não conseguiu...

Ainda deu tempo de ouvir a afirmação daquele maluco (que algum tempo depois veio a se tornar meu amigo) que nos atendeu: “Nooossa, véio: essa fita foi mó estouro”. E fomos embora.

No elevador havia dois chineses. Um carregava um carrinho de cargas com uma enorme caixa. E o outro comia um ensopado ligeiramente fétido (disse “ligeiramente” por descargo de consciência). Num prato de alumínio.

– Estranha essa língua deles, não? – disse Johnathan.

– Deve ser – completei.

– O que será que o China tá comendo? Um cachorro ao molho branco?!

– Respeite a miscigenação – eu disse imitando aquela voz antiga da “uma versão brasileira: Herbert Richers”.

– Ahhh, eles nem manjam do que a gente tá falando.

– Vai achando que não, viu, trouxa.

– Lógico que não.

– Lógico que não é? Eles fingem que não entendem o que a gente fala só pra levar vantagem nas negociatas, meu caro. A linguagem das notas eles conhecem otimamente bem.

– Vô testá: “Ô da china, quer vender sua marmita”?

– Dez leal – respondeu o chinês.

– Tá vendo, trouxa?! – hi, hi, hi.

Térreo.

E lembrem-se, Kids: Chinês = Galeria Pajé. Japonês = Liberdade.

(Meu velho esquema: deixar o carro, descaradamente, diante o Hotel São Paulo). Fomos até o ap. do maluco que não lembro o nome. Era um a.p.. meio grande, cheio de flyers nas paredes, et's por todos os lados, um saco de pancadas da Everlast bem no centro da sala e uma iluminação que lembrava a de uma mini-boate, vamos dizer assim.

O cara é DJ. Nos serviu absinto. Disse que os flyers eram na verdade convites V.I.P. e que chegando lá na rave nós teríamos que pagar vinte reais na Paloma. Não entendi direito essa de “pagar vinte na Paloma”, mas achei que Paloma fosse uma prostituta ou algo do naipe. E que devia ser uma mulher digna de parar o pregão da Bovespa, pois se Johnathan falou tanto dela é porque aí tem coisa... Mas, sei lá: puta que se vende por pouco é foda. Pode ser um baita dum Quasímodo sem dentes. Mas foda-se. “Já que o Jôni tá pagando (pela primeira vez em cinco anos) mesmo”.

Mas, então: o cara disse que os flyers ainda estavam “no bar”. Lá na (rua) Augusta. Disse que nos levaria de carro até lá para enfim pegar os flyers, quer dizer, os convites, para essa tal de rave urbana. E depois nos traria de volta.

“Então tá, né. Não tô fazendo nada mesmo”.

E como diria a bruxa do Pica-pau: “E lá vamos nós”.

(E enquanto não viro um magnata da indústria petrolífera). Vrummmm...

Nossa ida até o bar (que na verdade era um puta dum boteco imundo), na Augusta, foi rápida e ao som de Mobb Deep. Até estranhei: “um DJ de rave com um Cd do Mobb Deep no carro?!”. Mas, tudo bem.

Adentramos o boteco ao melhor estilo “z/n western”, quer dizer, pelo menos Pablito, Jôni e eu. O tal do DJ perguntou se queríamos tomar uma brêja. Jôni e eu respondemos com uma simultaneidade ímpar: “Cê vai págá?”. Ele mandou descer duas garrafas.

Era um boteco meio estreito. Com três daquelas mesas embutidas no chão, tá ligado?! Cada uma com quatro cadeiras. Duas de cada lado. O balcão era ocupado por duas prostitutas da hora, uns gatos pingados e uns bombadinhos de regata.

A mesa embutida do meio estava desocupada e ocupamos com nossas inúteis carcaças. À nossa direita (rumando para a saída), tinha algo que parecia com dois casais “limpos, católicos e comportados” que faziam um “happy hour” após uma cansativa jornada de trabalho em seus lindos e perfumados escritórios com ar condicionado. Ou seja: era uma puta cena pitoresca da porra. Duas semi coroas lindas e deliciosas (teve uma que me secou desde a hora que entrei até a hora que saí dando cadeirada). E dois tiozões com cara de “eu tenho uma caminhonete cara e uma empresa que promete”... Deviam ser donos de boate a paisano. Do outro lado (na outra mesa), estavam dois sujeitos soturnos, cabisbaixados estranhamente sobre seus copos.

As cervejas desceram. Tava rolando um DVD de forró na TV que estava praticamente em cima dos soturnões. O tal do DJ nos disse para que esperássemos porque ia fazer o córri dos convites. Não sei aonde. Ali perto.

“É. Mas vê se volta, malucão. Vem querê dá pelé, não”.

– Esse maluco não lembra o Barata?

– Ave. Nada a ver – respondi à Johnathan.

– Faz mó cota que não trombo o Barata.

– Eu não posso dizer o mesmo. Na verdade eu vejo tanto ele que já o considero como se fosse um filho meu!

– Como assim: seu filho?

- Nada, não. É que ando comendo a mãe dele.
- CARALHO é sério? – perguntou Jôni espantado.
- Não. Mas a piada foi boa.
- Ah, vai se foder.
- Agora nem dá.

Eu não lembro muito de como a conversa deu uma volta tão grande [*Acontece nas melhores famílias*], mas caímos no assunto “dinheiro” (talvez porque Jôni e eu queríamos impressionar as vadias (e as semi-tias – EU AMO SEMI-TIAS – com cara de castas que estavam no recinto).

- Mas dinheiro não trás felicidade – disse o atravessador de fronteiras alheias.
- Não o caralho – afirmou Jôni.
- Trás felicidade material – retrucou o Bolívia.
- E o que você quer mais para ser feliz do que felicidade material? Você reparou que “felicidade material” começa com a palavra Felicidade?
- É, mas se você ficar doente não vai poder aproveitar o dinheiro.
- Se eu ficar doente eu pago pra mudar de corpo. Estilo Mister Burns dos Simpsons, Silvio Santos e até pago uma propina para virar um highlander...
- Vocês dizem que dinheiro não trás felicidade – eu disse intrometendo-me –, mas foda-se. Eu acho é ótimo que dinheiro não traga nem mande buscar minha felicidade. Simplesmente porque eu não quero a merda de uma felicidade estúpida embrulhada num pacote. Quero apenas um iate, um helicóptero, um carro importado, quatorze milhões na minha conta na Suíça, num banco que fica ao lado de uma fábrica de chocolate, uma cobertura em Copacabana e todas as vadias interesseiras do planeta... Felicidade: Hã.
- É, mas os ricos também choram – disse o Boliviano socialista.
- Tá bom, viu. E os pobres também passam a lua de mel em Paris – disse Jôni com sua peculiar ignorância.
- Sabe Bolívia. Uma vez quebrei o nariz de um moleque na escola. E quando minha mãe veio falar com a diretora, ela me perguntava: “Por que você fez isso? Te dei tanto amor” e eu disse: “Mas eu pedi um jetski” – fechei.

O DJ voltou com uma loirona da hora. Puta, obviamente. Mó altona. Fiquei imaginando a treta que deveria ser para comer aquela vadia de quatro (dogstyle), com aquelas pernas enormes que ela tinha... Pra nivelar horizontalmente o pau à entrada daquele buraco anal, o cara tinha que colocar duas listas telefônicas embaixo dos joelhos, no mínimo.

- Ô, cês espera aí que eu vou ali na casa de um brother buscá, lá. E já volto aí. Pede mais umas garrafas aí que tá no esquema da conta, firmeza?!
- Ô, não esquento não – eu disse, fazendo pose de chefe da máfia.

O tal do DJ desapareceu novamente.

- Novas que vai comer – afirmou Johnathan.

Tomamos um puta chá de cadeira. Mas como tinha “o esquema da conta”, continuamos entornando. (Após algumas cervejas e pouca comida passeando no estômago, muita gente se revela). Àquela altura eu já era the big boss da mesa central. Gesticulava. Falava. Chamava a atenção. Mas sem fazer o papel apelativo das ceninhas que fazem essas pessoas que querem aparecer. Muito menos berrando. Mas por excesso de um fodismo (?) que fora trancafiado atrás das grades de uma baixo estima que residiu por longos anos em meu peito. E que naquele momento estava sendo cuspidado pra fora com dimensões vulcânicas por culpa das peripécias da cevada mesclada à um desabafo titânico e retórico. E no caso: eu revelei a minha torpe visão sobre o mundo. O mundo. Essa bolinha de gude azul perdida no infinito.

(Raramente tenho esses “acessos de discurso”, aliás, acho que foi a quarta e última – pelo menos até agora – vez).

- Não concordo, cara... E como já to cansado de repetir: eu não to nesse mundo para pregar nada, tá ligado?! Eu não tenho vocação pra prego. Menos ainda pra martelo... Minha arte, minhas bolas, meu caro. Minha arte, minhas bolas!... Eu faço o que acho que devo fazer, cara. E mesmo não dando uma foda pra nada e nem pra ninguém, eu procuro fazer minhas coisas com alguma intenção. Tipo Chapolin: é tudo friamente calculado!... O inesperado faz a boa piada. A surpresa faz o bom suspense. E o deturpado cultiva minha arte.

E o “deturpado” ajuda tanto minha arte, que não canso de repetir essa palavra, saca?!... (gole) Eu vim à merda deste planeta para confundir os neurônios, emocionar os inumanos, dar vida ao inanimado, mostrar o pau no senado, comer todas as bucetas da cidade e depois ficar trancado no quarto por duas semanas por culpa da criação de alguma nova loucura... É meu velho. É uma miríade de sublimações de pensamentos psicóticos tão mínimas, aos olhos alheios, que espremo o cérebro e retiro apenas as impurezas não filtradas. Pego o denso óleo da primeira lucubração, chame de idéia se quiser, e misturo com uma dose lúbrica de malícia lúdica e queimo tudo até a maldita ponta, meus caros Bolívia e Johnathan. E aí está a merda da minha arte. O pêlo das minhas bolas... Mas até então, meus caros, esta alegoria das palavras bem encaixadas não é nada se não vier acompanhada de algo que incomode, (ou ensine, no caso de outros artistas). Eu não vim para ensinar, mas, para, subliminarmente, fazer o choque das opiniões virem à tona. O ódio. O amor. A gozada numa linda boca alheia, sei lá. Só sei que faço a minha na moral. Sem tirar nem querer atropelar ninguém simplesmente porque sei que, nós somos artistas, somente enquanto estamos criando ou exercendo a merda da nossa arte. No resto do tempo a gente limpa o cu com jornal após cagar mole e mata a língua portuguesa à cada dezesseis segundos, em média. No resto do tempo meus amigos que pintam o sete da arte vomitam em algum banheiro da cidade... Assim como Johnathan vomitou no extinto Tihuana, lavando o banheiro todo, numa noite retardada à alguns milhares de anos atrás. (Gole) É meus velhos, no resto do tempo nós somos meros humanos atolados em nossas mesquinhas psicológicas, contas de água e painéis para lavar... (gole) Minha arte não foi criada para pregar nada, mas, por outro lado: eu prego às noites em claro, os cotovelos no balcão, o prazer pelo prazer, o orvalho na carne, a desfrescuralização das artes, o novo, o antigo, o pé no acelerador, as mini-saias... Prego a não mudança dos dubladores de nossos desenhos favoritos, o fim da segregação de toda a sorte, a inclusão dos que deviam estar inclusos à milênios, a auto-valorização de nós mesmos e de tudo que criamos, a propagação da arte, tá ligado, Jôni?!... (gole) Sei lá, mano, talvez dar oito tiros ao alto e celebrar a boêmia cultural. Sei lá, mano. Eu acendo cigarros com lança chamas mesmo e foda-se. Eu tô aqui pra jogar metanol na idéia das pessoas e mandar eles acenderem a churrasqueira... (...) Por que será que as pessoas tem tanto medo da vida hoje em dia, e se trancam dentro delas mesmas, em compartimentos cada vez menores, caixinhas dentro de caixinhas?! Por que será?! Eu não compreendo, mas você já reparou que a maioria das pessoas de nossa faixa etária gostam de anunciar à deus e o mundo “Que se foda, eu vou morrer mesmo”. Sei lá, mano, eu acho que no fundo, sem malícia, essas pessoas que insistem em afirmar “não ter medo da morte” tem medo. É um medo excessivo da vida!... Mas compreenda: “viver a vida” não é equilibrar-se bêbado no corrimão do viaduto Santa Ifigênia. Isso é clichê de filme teen ou biografias de bandas, mas na prática você cai e morre. Vamos curtir sim, mas ser idiota é foda... (gole) (...) Eu Jôni, como você sabe, já aceitei minha humanidade faz tempo. E como “animal humano”, frágil como uma bolha de sabão que sou, só posso pregar o fim da burocracia nos relacionamentos. EU prego, não minha arte. Eu prego o fim das ditaduras da moda. O aniquilamento dessa encrostada elitização cultural que existe nessa merda de país. O fim dessas interesseiras que só dão pra gente se tivermos um carro tunado, uma moto com um bilhão de cavalos, se formos famosos, se usarmos o corte de cabelo e a roupa da moda. O fim das musicas de verão, dos DVDS de sertanejo nos bares da rua Augusta, dos programas de Domingo, dessas bandas que salvam o rock à cada semana e somem no final do mês. O fim dos revivals. O fim da segregação por cor, raça, religião, estilo, opção sexual, holerite, penteado, marca da cueca, cor da unha, tamanho dos cílios e etc. O fim da imbecilidade intolerante. Sei lá, talvez eu queira excomungar o mundo. Ressuscitar os grandes agitadores. Pular nu em piscina alheia, pois esse negócio de segregar só vale para os idiotas. Segregue um idiota você também... (gole) Sei lá, cara. Vamos eternizar a merda do momento. Exterminar os ratos da fofoca e seus filhos invejosos. Eu sinto mó dó, quase plangente, desse tipo de pessoa, pois só o fato de pensarem ou agirem assim, já é uma prova irrefutável de sua neanderthal ignorância blasé... Eu não digo que vim pregar a cultura, pois a grande maioria de “cultura” neste país é selecionada, à dedo, por fulanos que não sabem distinguir um abacate azul dum coelho amarelo de moicano roxo que joga pôquer... (bicadinha) Eu não sou tão romântico, e burro, a ponto de achar que vou promover grandes mudanças no mundo por culpa de minhas furadas ideologias. Não mesmo. E nem quero isso. Mas sim, a prática de um pensamento filosófico. Propor algo saca? Um pensamento filosófico que venha acompanhado da porra de um tipo de visão especial. Uma visão e um pensamento que faça essa merda de povo noveleiro e fútil, jogar seus preconceitos fulos na lixeira pública. Mesmo que isso não seja nada. Um incomensurável e literal: “E aí???” pra tudo... Sei lá, mano. Nem todas as pessoas podem ser iluminadas. Mas até aí, firmeza, pois deve haver um equilíbrio natural em tudo. Mas talvez o que algumas pessoas precisem mesmo é sentar na calçada com dois ou três amigos e falar muita merda. Tocar um violão. Sair sem nenhum destino ou a menor vontade de voltar. Mas sem destino mesmo. Como todo rolê que Jôni e eu fazemos... (gole) Fazer um rolê. Catar uma mina. Ter uma bela noite de sexo. Chutar

latas na madrugada. Mijar no poste. Sentir o clima. Gritar o momento. Beber com as pessoas por quem você tem estima. Fazer sarau em cemitérios e foder sobre os que já se foderam. Ouvir um som e pular no sofá. Quebrar um copo no ano novo. Tomar banho de chuva. Comer as minas na rua. Se jogar no bolo de aniversário, sei lá... O fato é: chega de frescura, né minha gente?! (gole) Cansei, saturei e tô de saco cheio desse mundinho fresco onde quem “ousa” dizer a merda da verdade é tido como sacrílego, tá ligado?! É foda, mano... (gole) Nesse (não tão) nosso meio é foda! Parece que para você ir pra frente tem que ser vazio, fresco ou comer a dona da câmara – oops: essa foi pelo Omoplatas, né Deise?. Aí quem faz “de verdade” desanima e desaparece... É duro ser um Bozo falido! E ser obrigado a ver você e um monte de gente boa indo para o meio fio da vida (e vendendo-se por pouco)... E me desculpa tá falando isso, ô Bolívia entediado. É que tô bem loco já. Num comi quase nada, quer dizer, comi, mas não segurei a bronca... (gole) Incomodando ou não – só continuei esse diálogo/monólogo, à partir deste ponto, porque a tiazuda gostosa tava pirando na minha (por causa da idéia que eu tava dando ali na mesa do bote) – (gole) ...Incomodando ou não, meu caro cantor de porta de mercado, a obra que fazemos com nossas mãos, jamais será como a obra de nossas vidas. E, infelizmente, só deu, buda ou a Mara Maravilha tem a fita com nossos erros de gravação e prêmios do Oscar... (gole) Toda noite fora de casa é uma obra, meus caros manos sangue bom. E nós aqui. Eu, você e esse filho da puta que tá na minha frente. Estamos vivendo a merda de uma obra, mas somos estúpidos demais para perceber, porque sempre queremos mais do que a gente tem. Mais do que a providência divina e a previdência social nos concedem. Pelo menos no meu caso e do Johnathan, os artiiiistas. O bem e mal do artista: o ego. O meu eu escondo bem. Jôni já nem tanto... Que dizer: não tenho o costume de sair falando tudo o que realmente penso com quem eu não tenho certa amizade ou apreço razoável, ou seja: raramente falo tanto assim... (golinho) Mas como eu já disse: eu assumi minha humanidade faz tempo. E não me culpe se um dia eu me perder e cair nessa futilidade (o que é tão improvável quanto fazer paraglider com uma capa de chuva). Não me culpem se por outro lado, além dos meus discursos bonitinhos e éticos, eu quero o mundo. Pois se hoje eu quero o mundo é porque nunca tive nada. E se quero quebrar a banca é porque cansei de perder... Mas deixando bem claro. Eu disse que quero o mundo e não “unir-me à ele”. Quero criar minhas próprias regras e delegar tudo à minha maneira. Só isso. Independência finanço-psicológica: compre já a sua...

E quanto mais cerveja misturava-se à meu ácido úrico:

– Mas foda-se, meu querido. (gole) Se o resto de nossa geração quer se entregar ao totalitarismo psicológico. A hegemonia comportamental. A mesmificação de personalidade e aos programas de namoro, eles que se fodam, Jôni. Eu não vim até aqui pra salvar ninguém, muito menos minha arte vai fazer isso... (gole) Eu dou as opções: “me segue ou fica com todo o resto”, mas o resto sempre ganha, pois “o resto” significa “estar incluso”...

/...Tem tanta coisa inútil para ser dita. Por que esse ato desesperado de provar cognição a quem não vale uma catota? Se rolar rolou, mas forçar para entrar no assunto é uma chatice do caralho.

Digo isso (uma por estar escrevendo como parte do texto do livro e duas), pois enquanto transcrevia a breca discussão acima, o Atum apareceu aqui na porta de casa, mas tive que tesourar logo, pois eu sabia que chegando aqui ele só ia falar sobre livros e sobre o que escreve e sobre o que escrevo e sobre o que outros escrevem e seus conceitos e blá, blá, blá. E sinceramente eu não estou com saco pra isso (hoje). Pelo menos não agora...

Mas. Eu sou normal, porra! O mundo pode não saber disso, mas eu sou só mais um humano com poderes mutantes e sobrenaturais como qualquer outro. **Não venha a mim como se eu fosse um guru, pois sou um belo dum filho da puta (no sentido poético, lógico).**

A gente já vive disso (da arte), no meio disso, fala nisso, pensa nisso (faz um livro sobre isso), tem compromissos com isso, recebe e-mails disso, toma banho criando isso, sonha com isso, come as minas fazendo monólogos telepáticos (que não deixa de ser para isso), mas, às vezes, tudo o que queremos é apenas tomar nosso café com leite sem ninguém para incomodar. Achar a paz que há nas grandes avenidas. Só barulho. Nada de fantasmas ou aspirações ao mesmo. Só nossa ínfima cota de humanidade sendo afogada no fundo de uma xícara quente. Nada de arte ou pessoas que nos lembrem dela...

Eu preciso de certos pauses senão satura.

...Nessas horas nós morremos. Só resta o que nós deixamos. A garoa lá fora. E o troco em moedas.../

– ...o resto lindo e cult está difundindo a “militância da porra nenhuma” com suas atitudes frescas e enojadas. E dissipando irracionalmente o “seja como a merda irracional que nós somos”... O mal do mundo

são as bandas novas, meus caros. O sitcom... (gole) E esse é o resto, meu caros. Aliás: o xerox do resto. Puro xerox. O resto não passa de uma cópia. Grandes cópias... (gole) Essas pessoas não manjam porra nenhuma sobre nada. Só ficam cogitando coisas com seu ar de “meu sonho é ser um europeu desbotado” e usando três milhões de vezes a palavra Antropofagia, mas se esquecem que Fi-lan-tro-pia é uma palavra muito mais bonita e que goza de um conteúdo muito mais da hora. Esse povo que diz “beber” na “fonte” da “visceralidade” e que usa os mesmos termos pré-estabelecidos por algum editor idiota que deve estar se masturbando com um shampoo enfiado no rabo ao som de Belle & Sebastian... Termos como: “beber na fonte da visceralidade”?!! Pô. Pelo amor de Jesus: quem é o imbecil que inventa a porra desses termos para esse beautiful people usar? Me diz quem é que vou lá capotar esse fulano agora mesmo... Analisa bem: “beber na fonte da visceralidade” é a mesma coisa que deitar em baixo do reto de um cara de cento e noventa e oito quilos com diarreia...

– Pode crê – disse Johnathan, confirmando, austero e pensativo. Ele devia estar pensando em sua amada, a super-coréga-girl – conheço a peça.

– Não que eu esteja defendendo a arte empírica. Não mesmo, mas sei lá – continuei – de repente quem me ouve bradar essas baboseiras que me fazem suar a cara, talvez pense que sou revoltado, preconceituoso, mas nada disso, meus caros. Nós temos de parar com essa frescura de quando alguém diz o que pensa, logo vem outro para rotulá-lo de revoltado, ou de louco, ou de “não sabe o que está falando”, ou de: “Ah, é só um mano”, ou como ouvi um imbecil dizer uma vez: “Que droga ele usou”... Chega dessa frescura pop. Eu quero mais é quebrar cristal na guitarrada e botar pra foder. Quero ver atitude. Mostre-me atitude ou atiro na sua cara seu filho da puta, esse é o lema. Chega de blá, blá, blá. Chega de ursinhos carinhosos, de gente néscia e estultices em geral. Essa época já era. Bem vindo aos novos tempos, meus caros. “Ou me acompanhe ou fique com todo o resto”. Fique com suas aspirações ao mesmo enquanto eu vou foder o cuzinho do lirismo vital e transformá-lo em lirismo putrefeito. Um câncer para a “sociedade” brasileira. Eu vou foder com toda a poesia... (gole) E quem é esse povo para me falar de preconceitos? Esse povo se acorrenta à grupos e depois se tranca em seus apartamentos e dizem não ter nenhum tipo de preconceito apenas porque dão bom dia ao porteiro. Dá dois reais de caixinha ao moleque que empacota as compras no mercado e considera isso uma boa ação, a merda de uma caridade enojada. Esse povo que atravessa a rua quando estamos vindo em sua direção e diz que a empregada é da família...(gole) Mas firmeza, podem até dizer que estou segregando verbalmente. Mas foda-se. Desde que o mundo é mundo esse bando de almofadinha chicoteia, vergasta, fustiga, escraviza, humilha, finge não ver, não ouvir, atravessa a rua com medo, exclui, separa, xinga, fala mal, despreza, manda prender, manda o segurança “ficar de olho”, não permite o acesso ao interior do prédio, não deixa seus filhotes brincarem, com nossos pivetes; então porque um improficuo social como eu não pode falar mal de um estabilizado-financeiramente-pelos-próximos-três-milênios? Oras: porque estamos na merda do Brasil!. Onde Fernando Collor fez a limpa no dinheiro do povo, na caruda, depois foi pejorativamente deposto e depois ainda conseguiu ser eleito para um cargo público pelo mesmo povo usurpado. E porque ele conseguiu voltar a “vida de mamatas pública”?, porque o brasileiro é o povo mais burro do planeta. Um povo que tem a triste ilusão de que “Se tá de terno é confiável” ou “Se é caro é bom”, “Se é gringo é ótimo”. Um povo imbecil que fica o dia inteiro com a fuça na TV sorvendo a surrealidade de novelas onde todo mundo tem cabelo liso, pele boa dirige carros importados e nunca trabalha. E depois que termina, abre a janela da frente e é obrigado a ver um monte de barracos aos pedaços e aquele povo feio empurrando o carrinho defeira sem uma das rodinhas... (golada) Mas entenda. Voltando torpemente ao assunto. Muitos dos que estão dentro de todo esse “resto” são nossos “amigos”, sim! Só não acho que eu devo seguir nada do que eles achem certo à se fazer. Nem prestar atenção na merda que dizem. Nem nada disso... Minha arte. Minhas bolas... O convívio pelo convívio e livre transito, nada de sectarismo!

– Isso é uma indireta ao mercado? – perguntou el cocha bamba.

– Mercado?... Que viagem foi estúpida essa?!... O que você tem contra o mercado?... Não tenha medo do mercado, mas do que ele pode fazer com você. Ou você acha o que? Que quero essa vida pra sempre? Cê tá louco. Eu quero o maldito mercado. E a primeira oportunidade de pegar minha maleta com duzentos e cinquenta mil euros e sumir desse lugar eu agarro, meu caro. Brasileiro não vai pra frente porque tem medo de dinheiro. Acha que é pecado. Acha que está trocando a alma e um lugar no sofá do paraíso por desfrutes monetários que levarão à danação eterna. Troca oportunidades por resmungos. Não tem ponto de vista, personalidade, não defende (suas) “ideologias” (mesmo porque nem sabem o que é ideologia), mas acham que podem sair por aí punindo os erros alheios com lixamentos públicos e conspirações pseudo-sociais... Mas por outro ângulo é aí que entra a verdadeira questão: quanta gente boa não se vendeu, aniquilando sua arte, apenas para pagar as prestações da cozinha Bartira na Marabraz?... Quanta arte foi morta

por críticos que não manjam de porra nenhuma? Ou pelas oportunidades conchavadas?... – que é ao mesmo tempo um mal desgramado ou belo “gancho” para a pessoa certa –. Ou pelo teste do sofá num motel fuleiro? Ou pela inveja dos egos?... E como saber o que é arte? Pelo diploma? Bairro onde mora? Sublimação? Amizades?... Já assistiu Incógnito?...

– No – respondeu-me Bolívia.

– Esse é o mal aqui neste país, Bolívia, meio que voltando ao assunto de sempre. O povo é tão estúpido que ao invés de negociar contratualmente seu talento, eles o vendem com o desespero de quem perdeu sua propriedade em uma jogatina ilegal e ainda deve cem mil reais para sujeitos escusos e altamente perigosos... E qualquer imbecil sabe que “isto não é bom para os negócios”. SE vender...

/...Porra, cara. Será que o brasileiro é o povo mais sem noção de todo esse maldito planeta? Será que ninguém fora eu percebe que diariamente estamos sendo bombardeados por mísseis Tomahawk cheios de merda? A coisa nesse paizinho tá feia, meu caro. Hoje qualquer covarde (de espírito) de colante e abdômen tanquinho vira herói. Qualquer sem noção de karaokê vira ídolo. Qualquer Kelly Key vira diva. Qualquer Coelho vira escritor (diz aí Barata). Qualquer estrelão vira um astro do rock. Qualquer atorzinho de rostinho bonito e sem talento toma o espaço de outros três malucos talentosos até o osso.

...Sei lá. Parece que o povo come merda de urso polar se disserem que foi feito por um gourmet que apareceu na TV. Como o povo aguenta uma Olívia Palito de voz chata cantando “uma história de amor, de aventura e de magia”?! Que porra é isso, agora: a maldita Dineylândia?!!

(Cara, se a futilidade mental, espiritual, física continuar a conquistar tantos nati-adeptos neste país: logo viraremos norte-americanos)

Aaaaaaaahhhh!!! “Já assistiu ‘Um Dia de Fúria’”?.../

Dei mais uma bela golada e continuei:

– Perdoe-me, Bolívia, por meus pensamentos desconexos. É raro eu ter desses acessos. Culpa do goró. Tô enrolando a língua já. Mas, sei lá cara. Fico puto com esse povo, que inclusive, acha que acessórios aumentam Q.I., tipo: óculos quadrados, piercings, franjinha-vaca-lambeu, tattoo, livros, tênis, camisetas, Planet Sex TV; marcas em geral. E acabo ficando “repetitivo de raiva”, saca?... (gole) Quando enchi meu corpo de tattoo, te juro: não me senti nem um pouco mais inteligente. Quando coloquei um transversal, que logo foi retirado, fiquei é mais burro pra te falar a verdade (...deu interferência e eu ficava ouvindo uma rádio evangélica pirata tocando na mente)... E sei lá, cara. Nós somos de um país (sem ofensas, Bolívia), que se auto proclama o reinado da miscigenação de raças, o paraíso fiscal do planeta, “Venha, temos vagas”, *kaipêruinha*, bundas de fora e orgias em praça pública. E sob este manto de hipocrisia escondem-se os verdadeiros interesses. O ou dá ou desce, o faz-me rir, o agrado, o cafezinho, a cervejinha, o leitinho das crianças, o “Só entra de smoking”. Te convidam, mas embaixo do tapete estão dizendo: “Esconda os talheres deste vassalo imundo. E depois esterilize os pratos. E tire os documentos do porta-luvas, James”... É, seu Cazuya, também não me convidam para as festas pobres!... (gole) É meus caros. Cada vez mais esse bando de carbono falante se tranca em um ovo, uma bolha, uma redoma, uma garrafa, uma lâmpada. E regurgitam seus preconceitos devido a um medo infundado de viver. Medo do novo. Do diferente. Do verdadeiro... Eu me tranquei em uma redoma, Bolívia. Uma redoma de mim mesmo. Não uma redoma de medo, mas de saturação do que vem do outrem! [*É Jack, você deve estar muito ressentido, cheio de mágoas nesse coraçãozinho (rsrs)*...] Do meu saco no chão como se fosse uma calda de vestido de noiva de chumbo de tão pesado... Quase tudo é previsível, porra. E por mais lugares que eu pise no mapa, anda difícil trombar alguém que valha a pena mesmo ter conhecido. Nenhum mano pra trocar idéia, nenhuma mina para todo o resto... Ainda não achei minha turma sabe Jôni?! Digo: minha turma mesmo. E já cansei de procurar. Agora eu quero que a matilha se foda... (gole) Quando criança eu achava que a vida futura seria como num daqueles filmes dos anos oitenta com motivos “adolescentes loucos por sexo” que passavam na TV. Mas já na escola comecei a sentir o peso do exclusismo. O cantão durante as aulas vagas... Mas foda-se. Se isso não tivesse acontecido eu jamais teria descoberto que desenhista, como você – disse à Johnathan –, eu não seria jamais... (gole) E descobri também que o mister Faber Castell não servia apenas pra desenhar. E que uma folha em branco poderia ser vandalizada pela concepção maluca de um doido excluído qualquer que não tem nada melhor a fazer do que trabalhar na oficina do diabo. Mas nada de cabeça vazia. Em nenhum sentido... Mas então cara, tentando voltar ao que eu tentava dizer inicialmente. Chega dessa tola segregação. Segregue só o que é uma bosta. Nada de união de estilos, mas um convívio pacífico entre qualquer espécie de louco. Trânsito livre para

junções inimagináveis. E não essa completa diáspora... Frescura, cara. Frescura... Sei lá... Do que que eu tava falando mesmo?

– Vish – consentiu Johnathan.

– Nós estamos vivendo o fim do calor humano. Tomando banho de sol em ninho de serpente. E ficando cada vez mais maniqueístas. Atirando nos joelhos do impávido colosso com uma ponto quarenta. Frescurizando a atitude a ponto de reviver tabus já falecidos. E o planeta. Ah, nem vou falar do planeta. Azul da cor do mar. Só sei que se eu não capotar ainda vou ter tempo de aproveitar precariamente as mundanices. Mas a próxima geração, já não sei.... Ah! Mas “fodam-se eles, né?!”. Não é assim que todos pensam?... A mentalidade do “O que importa é o 'aqui' e o 'agora'”, meu caro Jôni. Assim como eu estou aqui a imaginar essa mulher maravilhosa da mesa ao lado me pagando uma bela duma gulosa dentro daquele banheiro sujo – e eis um direto de esquerda na tiazuda ,que ouviu tudo e começou a alisar o cabelo, arrumar o sutiã, fazer cara e pose de “eu sou sexy e interessante”. Disse mais algumas besteiras. E aproveitando o monólogo que o soro da verdade, sem gelo, me proporcionou, dei continuidade a meus assuntos desconexos – E se hoje, embaixo dessa minha capa de anti-futilidade, eu escondo minhas reais ambições. Não me culpe, pois cansei de ter talento, nesta cidade onde tudo o que importa é a roupa que você usa, o carro que dirige ou quem conhece...

/...Esse negócio de “quem você conhece” é foda. Não entendo como alguém que eu conheço pode ter mais influência sobre minha vida do que *me, myself and I...*/

– (gole) Não me culpe, pois já cansei de ser um peso pena na cidade onde todos só valem o que pesam. Cansei de ser um monstro dos roteiros (?) insanos, quando tudo o que vale é a aparência dos musicais (tipicamente brasileiros, politicamente idiotas). O que vale é a aparência. E não toda a forma que você conseguiu criar. Ou o que você tem a oferecer de bom ao mundo, sem academicismos – repeti “academicismos” umas oito vezes, pois a língua enrolou de vez –, lógico... Sei lá, cara. Se eu fosse uma byatch chupeteira talvez os donos de produtoras rodassem meus filmes, mas não sou.

– Bocê pega pesado – disse Bolívia.

– Que nada, cara. Pesado é uma baleia azul, obesa e grávida, mas... Eu odeio esse povo que é cheio de dizer “verdades”. E nem acho que esse amontoado de incoerência que estou falando seja uma, mas, se o que digo dói na carne de quem ouve, não posso fazer nada. Só não chame de revoltado quem luta com causa. Não que eu lute por nada. E pau no rabo dos donos da razão. Foda-se a razão! Razão é pra matemáticos e cientistas...

– Falô herói do subúrbio – interferiu Johnathan.

– Herói nada – continuei –, os verdadeiros heróis não voam. E morrem na fila do INSS, sem reconhecimento, lutando sozinhos para salvar essa raça de átomos falantes... É a sociedade do espetáculo, baby: Ou você se enquadra nos padrões pré-estabelecidos pelas fábricas do igualitarismo psicológico e entra na vitrine ou... Vira um Jack San Diego da vida. Fodido e jamais pago. Que apresenta, aos nacos, o mundo real à apresentadoras de programas meia-boca em canais UHF. E fode uma executiva de negócios loucona. Mas até então, meus caros: mulher é mulher. Com ou sem cérebro. Eu como mesmo. Mas não que isso apague meu senso de percepção. De forma alguma... E só pra fechar: (gole) Agora, meu amigo, os vilipêndios vem de baixo para cima, pois afinal, mundo: eis Jack San Diego! E pau no cu da aristocracia. E vá execrar a mãe. Sai pra lá suserano. Vai dar chicotada no lombo da senhora sua vó... (gole) Nós não vamos pra frente como um velho V8, Jôni, pois temos idiossincrasia (adoro essa palavra). Temos esse mal. Sabe o que tudo parece nessa cidade, Jôni? Aquele velha vinheta de entrada do “Fica Comigo” da MTV. Onde bonecos Lego, sem o topo crânio, eram levados por uma esteira, passavam por uma máquina que jogava um coco verde, de passarinho, dentro do crânio, depois seguiam para outra engenhoca que colocava o crânio, cabelo, roupas e etc. Tudo é um grande coco verde. São Paulo é o paraíso para Legos de carne, osso, R.G. e coco verde na cabeça...

– Caramba. Do jeito que bocê fala bocê deve ler muito, no?!!

– EU ODEIO LER!!!

Lembro que falei pelos fios de cabelo. É o mal quando bebo. Ou quando estou de mal com o mundo. Mas, geralmente só fico na minha. Captando todas as merdas e fitinhas alheias, só enviando as tropas de reconhecimento, mas quando bebo, cerveja em especial, tiro eloquência da cartola. Falo pra caralho. Mas é raro eu sair dando minha opinião por aí. Pois acho que opiniões não mudam o mundo. Opiniões (e sonhos) não promovem revoluções. E, com certeza, o fato de algumas estarem registradas aqui não vai mudar o mundo em nada (mas talvez eu ganhe uma passagem para o Hopi Hare, quem sabe?).

...eram os péssimos dias de introspecção e as noites em claro que diziam tudo aquilo...

Eu queria ser o rei da retórica. Mas nunca consegui. Nunca mesmo. Só tenho eloquência com a caneta mesmo. Ninguém nem presta atenção ao que digo... E, na real, prefiro ficar na minha. Ser o desaperecebido. Ser o Ninguém. Ser o reconhecido como “Não me lembro desse cara”. Fazer todo o reconhecimento de área, depois o mapeamento detalhado das tropas inimigas e só assim: atacar metodicamente. “Atirar só no coco e derrubar de vez” é a ordem imperativa. Quando ninguém espera nada de você o fator surpresa está garantido. “Surprise, sucker”. (Já assistiu “Gangsters”?). “I’m bad”.

O tom da conversa acima foi sarcasticamente áspera. Mas a tiazuda da outra mesa se apaixonou pelo titio aqui. E o chão que havia sob meus pés começou a bambolear de repente. Até a puta que estava no balcão ficou de orelha em pé no meu blá, blá, blá. Pois porra: quem se expressa como eu (quando tô bêbado)? Eu sou foda (quando bebo, cerveja especialmente). E a tiazinha deve ter pensado: “Ele se veste como criança e fala como macho viril e descarado que vai me bater na cara, me chamar de minha puta e gozar na minha garganta”...

O cara voltou com os convites. Bancou as brêja. Disse que nos levaria até o hotel São Paulo pra pegar meu Fuca Bala, mas sugeri uma tropeçante caminhada Augusta abaixo. E os caras concordaram. O DJ foi apresentar um programa com a garota.

Enquanto tomávamos o resto de nossa brêja fiquei estranhamente introspectivo. Jôni já estava tão acostumado com minhas mudanças repentinas de clima que nem se abalava mais. Só sei que nesse momento reparei que um dos soturnos da outra mesa tinha ido ao banheiro. O outro levantou-se, discretamente, abaixou a braguiha da calça, mijou algumas gotas dentro do copo do outro e sentou-se.

“Que fita. Essa acho que só eu vi”. E se conto...

Bolívia e Johnathan ficaram me esperando na porta do bar enquanto fui dar uma mijada. “Haja mijo”. E enquanto estava mijando, ouvi Johnathan, exaltado, gritando: “Mas licença poética é para criar absurdos e não idiotices”, seguido de um certo tumulto. Não entendi bem.

Quando sai do banheiro, Bolívia e Johnathan estavam se empurrando com uns malucos no mó pique surfista de piscina.

“De novo, Johnathan, que merda”.

Até hoje não entendo como tretas começam tão rápido (e geralmente com Johnathan por perto), mas como diziam na escola: “quando um não quer o outro dá uma voadora”. E foi o que aconteceu. Mó treta da porra... Acho que Johnathan empolgou-se com minha tentativa de discurso de ébrio amador.

Algo em repouso em meus sentidos fora violentamente despertado, naquele momento, pois tudo ficou meio lento e verde e começou a tocar “Artilheria Pesada” do Control Machete em minha mente.

Eu não sou a favor de brigas, mas sim de cadeiradas. O Johnathan estava tão encharcado de álcool que nem sentia nada. Fora que é kamikaze by nature. Aí decidi dar uma cadeirada nas costas de um bombadinho que estava enforcando o Bolívia, que quase desmaiou... Vieram dois tentando me dar umas pesadas, mas desviei bonito. Jogar Queimada nas ruas do bairro me ajudaram muito nessa hora.

Tentei dar um soco na orelha de um, mas catou bem no queixo e ele tombou pra trás que nem uma bisteca no outono. O outro me deu um puta tapão de mão aberta bem no meio da minha fuça. Vi até umas estrelas, Angelina Jolie e pá. Como revide, engatei um bem na boca do estômago fulano que começou a fazer um barulho de bexiga buscando ar e apoiou-se na parede.

Alguém me deu uma bica fodida bem no meio da minha coxa – quem joga bola sabe como essa dor é uma beleza – que me deixou envergado por uns três dias.

Tudo ficou como em desenho animado: só poeira subindo e soco na cara. Só lembro de um insight: tinha um deles marcando na calçada e eu dei logo uma pesada bem no meio do peito do fulano.

“Deve ter uma estampa de sola de tênis tamanho quarenta e um naquela camiseta branca OMO”.

E nisso vi Bolívia desertar. “Qual homem já não viu essa cena na vida?” Correndo rua abaixo.

Foi foda. Ficou só um deles falando merda enquanto íamos, sem Bolívia, descendo, contando nossas vantagens um ao outro. Pois afinal: não perdemos a prática. Deus abençoe a “maldição cigana da escola pública” e os shows de graça que a prefeitura promovia na Praça Charles Müller.

-Nossa, Jôni, dei uma pesada nervosa num maluco que tava caído lá.

Mas foi mó fita besta. Os caras chegaram de carro ouvindo um reggae que dizia “Quando deus te desenhou ele tava namorando”. E Jôni, como diz ser conhecedor das religiões, começou a resmungar: “Ou é muita burrice ou sacrilégio da porra: deus namorar? Que história é essa? Esse cara é burro ou o que?” e etc. E como tem uns paquitos de praia na laje que se sentem homens quando estão em bandos, a merda estava feita.

“Tomaram no cu”.

Ah. Encontramos o Bolívia numa esquina dois quarteirões abaixo. Com uma sola de tênis número quarenta e um estampada no centro da camiseta branca.

– Vamos quebrar ali na Roosevelt, de repente a gente encontra algum dos artistas malucos (ou o próprio Roosevelt) – aqueles da minha laia – que perambulam por ali. Senão a gente passa batido, desce mosquitando pela Ipiranga, depois a gente quebra à direita na Santa Ifigênia e dá de cara com o trovão azul – sugeri aos guerreiros de fé.

Porém, antes. Quase perto daquela entrada subterrânea que leva até o notório minhocão. Uma puta (mais ou menos) que descia dum puta carro importado veio caminhando em nossa direção e disse bem assim:

– Ô amigo, cê cheira, né?

– Não... – abri um sorriso – Eu não brinco dessa brincadeira, não.

– Ah, mas você tá com cara de quem cheirou.

– É mesmo?!

– É. Cê num cheira?

– Não, por que: cê vai pô um pá nois?

– Não... Mas você fuma!

– Porque o interrogatório?

– Você sabe torcer?

– “Torcer”? Ah, você quer que eu bóle um pucê é isso?

– É.

Ela jogou um quarto de paranga em minha mão.

– Você tem seda? – perguntei.

– Você acha o que meu amor, que eu iria andar sem seda?

– Não sei. Não te conheço.

Nisso Bolívia e Jôni sofreram um pause mental. Não sei por quê.

– Meu, cê tá locão, né? Que que cê tá fazendo na rua? Cê é ladrão? – da bitch says.

– Uma vez eu roubei uma caneta da escola e me arrependi – respondi.

– (...) Será que dá pra fumar aqui?

– Cê tá com medo de que?

– Eu, nada... Eu moro ali ó. Número xx Apartamento xx. Vamo lá? Quer ir lá? Eu mamo no seu cacete até amanhã.

“Santo Robertão, Batman. Essa sim está na Augusta à cento e vinte por hora”, pensei.

– Não sei por que, mas senti que nessa proposta eu vou perder um dinheiro, né? – perguntei.

– Quanto você tem?

– Eu? Nada. Cinquenta centavos.

– Você vai lá?

– Ah minha linda. Só se for no vasco.

– Mas e seus amigos?

– Não sei. Que esquema a gente pode fazer?

– Num sei, qual é sua pegada?

– Qual é a sua?

– Eu tô fazendo programa.

– Isso eu percebi desde o momento em que pus os olhos em você meu amor – e preenchi minha mão esquerda com a massa mole daquele rabo enorme e rodado, e a direita com os peitinhos –, mas qual SUA pegada? Você vai fazer um dinheiro dando pruma pá de trouxa ou vai tirar uma folga e se divertir comigo e meus amigos.

– Num sei. Talvez com você...
– Decide aí. Sem pressa.
– Me leva pra morar com você.
– Em Las Vegas?
– Na sua casa.
– Mas sem um agradinho? – mal acabei de falar e ela já foi pegando meu pau, ali na calçada mesmo, pois como é experiente sacou logo de cara o que quis dizer – vira esse rabo gostoso aí, meu anjo. Deixa eu te encoxar um pouco.

Fiquei ali, vendo o movimento da rua, pensando na vida, enquanto ela e Johnathan fumavam o bagulho. E ela ficava rebolando aquele rabo enorme em meu pau que estralava de duro. Silicones do peitinho pra pegar à vonts. E não sei por que os caras foram inventar de travar bem nessa hora. “Assholes”.

– Não quero fumar mais não. Eu vou embora – ela disse.
– Mas e aí. A gente não ia fazer um esquema e pá.
– E seus amigos? Tem algum dinheiro?
– Vai na fé, amor. Faz seu trampo aí.
– Cê que sabe – e saiu andando.

Coloquei a chave no contato e perguntei:

– Vê aí nessa porra onde vai ser essa merda de rave.
Johnathan tirou o convite do bolso de trás. Leu atentamente os dois lados do convite e disse:
– Não tem endereço.
– Como não tem endereço?
– Não tem, mano.
– E aí Bolívia?
– Os caras não colocam o endereço pra polícia não baixar – respondeu sabiamente o Bolívia.
– Que mané baixar, Bolívia?! É download ou uma rave, porra? – Jôni com sua indignação cômica.
– É tá certo, mas – tentei...
– Pensei que bocês sabiam onde é.
– Não, a gente pensou que tava no convite – Jôni.
– Agora fodeu. O maluco da Augusta sumiu com a loirona. Liga pro maluco lá do Brás que ele deve saber – sugeri.

Sugeri, mas ninguém atendia o telefone.

– E agora? – Jôni.
– Eu conheço um cara que vai direto na rave – Bolívia.
– E quem é?
– O Gengiva do No Posers HC – Bolívia.
– Quem é esse? – Jôni.
– É um maluco lá da V.M. – eu.
– Mas aí, onde a gente tromba esse maluco – Jôni.
– Hoje ele tá no reggae que tem na Vila Maria, perto da Uninove – Bolívia.
– Caralho, vamos retroceder o rolê é foda – eu.
– Mas e aí, San Diego. Quer arriscar ir atrás do maluco?
– Ah, mano. Enquanto você bancar o gás eu sou um mero chofer, meu caro – respondi.
– Então demorô.

Próxima parada: o reggae na Vila Maria. E lá vamos nós! The Return Of The 3.

“Vai lotação Vila Maria?!!”.

(E enquanto não ganho no bingo). Vruuum...

“Nunca acredite quando alguém disser que ‘um lugar fica perto de outro lugar’, go it?!”.
O pico estava miado e minha cota de eufemismo havia esgotado de tanto que meu ser esfacelava-se nas mesmas temáticas de sempre: um nome com S, a maleta, a obra, o opala, o kit gás, o muquifo, a louca, a rave, a Paloma e o preço do sabão em pó.

Os caras estavam guardando os instrumentos.

– E aí, Nose.

– Ô. E aí, Jack?! Firmeza?

– Ô... E aí?

– Tamo aí, né mano. A gente tava tocando aí. O pico tava estrombado mais cedo. Várias gatas.

– Cê num viu o Gengibrite, não?

– Ele caiu pra festa ali na Medeiros. A gente tá indo pra lá. Vamo lá.

– Demorô.

– Toca aí por enquanto – Nose me Passou a guitarra. Fiquei dedilhando e cantando baixinho “Big Salt Tears”. The Ziggens Greatest Hits.

“Vai lotação Vila Medeiros?!”.
(E enquanto não chove diamante na minha horta). Vruuum...

Já na festa da V. Medeiros.

– Ô, e aí, Jack? Veio fazer uma participação especial? – Disse Antena, o magrelo produtor musical, que me cedeu umas bases gringas certa vez, baixista nato. Que dava o som naquela festa de ilustres desconhecidos.

– Não, mano. Tô atrás do Gengibrina.

– Por quê? Vai dar uns beijo nele?

– Ó o respeito rapaz. Ponha-se em seu lugar de mona.

– Se você veio atrás do Gengiva você acaba de se ferrar, meu amigo.

– Por quê?

– Ele foi andar de skate lá na pistinha do Pq. Novo Mundo. Saiu ele e o Toca de moto.

– Aaaave... ao quadrado... e vezes três!...

– Que foi?

– Nada mano. É que tô no rolê praticamente desde manhã...

– Desde ontem!

– Ontem. Hoje. Foda-se. Desde cedo tô fazendo um rolê doido da porra. Parece que eu tô traçando o itinerário em cima de um mapa de desenho animado.

E aí?! Ele tá lá na pista – eu disse à Johnathan, num tom de “estou começando a ficar entediado”.

– Que pista?

– Novo Mundo.

– Nossa. Deixa quieto.

– Deixa quieto? Como assim?

– Ah, sei lá... Já volto aí.

– Certo.

Jôni voltou:

– ...Caralho, San Diego. Mó rolê, né? – confessou Jôni.

- Qual a novidade? Keep Walking, Jôni. Keep walking...

Ainda na merda da festa.

– Hã, hã. Alô, alô, som. Um, dois, som. Oi... OOoi. – disse Antena ao microfone – Então minha gente. Hoje temos aqui uma ilustre presença – neste exato momento tive uma forte impressão de que eu ia me dar mal –, um cara que veio aqui pra dar uma palhinha de seu novo trabalho – que trabalho, pô? Macumba? -, com vocês. Cuecas e peitinhos: Mister Jack Saaan Diegooooo.

“Merda”.

– Ai, feio. Sem chance – eu disse alto e claro para que todos ouvissem.

– Vai amarelar, Jack. Logo você?! Que papelão, eim!

“Por que todo mundo me diz esse tipo de coisa?”.

Acuado como um rato na quina da cozinha ao ver uma vassoura. Olhei para tudo e todos. Buscando pontos de saída.

– E aí, Nose. Cê faz o baixo pra mim?

– Que som, Jack?

– Ai fodeu, mano. Essa é a pergunta que mais odeio.

– Ê, Jack, chegê rapidão, antes de tocar – surgiu o Pizza, um anormal lá do bairro, já citado em escritos alheios – Cê ficou sabendo?

– Sabendo do que, seu loco?

– Da Sofia?!

Pensei em dizer sarcasticamente: “O que: ela morreu?”, mas o bom senso, aquele mesmo que sumiu durante vários trechos do dia, falou mais alto. E vai saber, né...

– Que que tem?

– Ela foi pra Los Angeles.

– Los Angeles? Que porra ela foi fazer naquela merda de lugar?

– Iiiih, Jack. Cê tá perdido, eim, mano. Ela foi pra lá com o namorado. Ela foi fazer estilismo...

Até então eu sabia da vocação dela para estilista, mas “namorado”, “Los Angeles”, que porra de história mais mal contada é essa.

– Que porra de história mal contada é essa?

– Ê, Jack. Só te falei. Você que devia saber. Você que comia ela.

– Valeu pela informação... Pizza!

/...Já desceu uma ladeira de trezentos e oitenta metros de skate e bateu de cara num muro de concreto de oito centímetros de espessura?... (A sensação foi essa).../

– Nose. Sabe a Romeo? – perguntei colocando a alça da guitarra ao redor do pescoço. Esquecendo fatos.

– Romeo?!

– Romeo, do Sublime.

– Vai abrir exceção hoje, Jack?

– Que...?

– É que você vive dizendo que nunca, jamais toca som dos outros.

– Porra, Nose. É Sublime, cara. A maldita exceção junto com qualquer blues em Lá menor... Mas então, cê sabe essa?

– Ah, sim... Ah, sei lá mano. Acho que dá pra levar de boa.

– Só. Mas não vamos fazer a parte depois do solo, não.

– Por que não? É da hora.

– Sim, mas fica alegre demais pro clima que eu tô agora. Vamos tocar mais lenta, sei lá...

– (...)

E como sempre acontecia quando eu fazia essas pequenas participações: fizemos a casa vir abaixo (nem tanto, mas provocou um efeito visual da hora). Botamos fogo até no teto – essa do fogo foi cinquenta por cento verdade.

...Não que eu não quisesse tocar. Mil vezes pelo contrário, pois sofro da síndrome de vocalista: qualquer oportunidade de roubar a cena, eu tomo de assalto sem dó. Mas, porra: até que mando otimamente bem. Sou anti-estrelismo, mas a favor do Doce do Artista. Pois, porra: nós somos artistas. E, querendo ou não temos direito à nossos acessos de insânia. Ainda mais na música (o que acho que faz a música ser a arte mais fodida de todas é a atitude, pois se você se cagar todo em cima do palco, mas continuar cantando bem, você vira um maldito rei).

Eu sou também sou a favor de algum tipo de “imunidade artística” contra todo e qualquer preconceito que venha de lá pra cá, saca?! E lógico: da polícia...

/... Policia essa que ontem, deu-me de presente de ano novo, exatamente: um cruzado no flanco direito da cara, uma cotovelada na boca do estômago e dois socos no baço. Fora que um disse: “Olha pra cima e fica reto, filho da puta” enquanto vinha um de cada vez e dava um golpe ninja, também na boca do estômago, tipo uma fâcada com a mão espalmada. Como se fosse aquele movimento da mão de Jair Rodrigues do “Deixa que diga...” só que em versão “samurai espancando a desprotegida plebe”. Isso não é legal, mas agüentei bacana.

O trouxe ainda pegou minha caderneta e disse que os trechos deste livro, que ali estavam anotados, eram uma bosta (e falou justamente da parte eu mais gosto)...

Mas até então foda-se. Tem gente que considera isso uma polêmica – vamos parar com essa frescura de “verdade dita virar polêmica”, isso é ridículo, isso é coisa para programas de fofoca sensacionalista (de qualquer canal); chega né?! – enquanto eu apenas agradeço à deus por ter sido apenas a terceira vez no ano que isso acontece e por não ter levado nenhum pipoco (e tudo isso por estar mijando ao lado de um ponto de táxi).

O que você pode fazer contra duas submetralhadoras, umas quatro ponto quarenta (no mínimo), fora a doze estacionada entre os bancos dianteiros; a ignorância opressora de alguns seres impotentes, frustrados, sectários de merda, paus-mandados que não tiveram cultura suficiente para direcionar suas decepções infantis, as chicotadas de um pai bêbado e arredio, para coisas que dão fruto, e ainda se apoiam em leis de bolha de sabão, reclamar seus direitos?! Ah tá, viu bebê inocente!. Aqui não é filme não, meu rei. Como diz a letra dos Racionais: “A bala não é de festim, aqui não tem dublê”.

A única opção é dar uma “idéia de louco”, agüentar toda humilhação verbal, física (que jamais deixa marcas) e deixar a sorte agir no terreno. Nada mais... Nada mais, mesmo!

Tem quem trampa usando a cabeça e tem quem usa armas como escudo para suas frondosas fragilidades... Não entendo bem esse conceito de servir e proteger. Ganhar uns mil e quinhentos reais para ficar na linha de tiro de bilhões de psicopatas para ficar defendendo a “integridade” de uma pá de rico idiota e desalmado. Chamar figurão de doutor (isso é pior que ajoelhar e beijar os pés), deitarem, darem a patinha, fingirem-se de mortos. E ainda serem escarrados diariamente por toda aquela “integridade” que eles tanto protegem servilmente. Serem escarrados pelo governo para que eles trabalhem... Não entendo como alguém pode agüentar isso, e pior: não perceber sua condição de marionete.

Como alguém que não tem consciência de sua própria condição no mundo pode andar por aí carregando armas impunemente?!

...Ééé! Tem quem trampa com a cabeça e a sensibilidade humana e tem quem trampa com a ignorância das armas e a falsa lei que elas proporcionam.../

Rolou mais uns dois sons depois, mas a Romeo tinha nome, endereço, cep, caixa postal, e-mail, celular, ipod e significado (pelo menos pra mim).

Foi legalzinho, mas odeio quando os filhos da puta não prestam atenção no que tô dizendo. E justamente por isso optei por cantar apenas música gringa.

“Vai lotação Pq. Novo Mundo?!”.

(E enquanto não chega o travesseiro com pluma de gansos diabéticos silvestres que encomendei). Vruuum...

**(m boi mirim sem número – paralelo 13)
um Dreher na Fernão Dias**

“Ela não ligava pra muita coisa, o ar quente do secador deve ter queimado os seus miolos, mas agora tanto faz. Há dias Suzie não acorda e no rádio toca aquela canção: Wake up, little Suzie, wake up”.
Luana Vignon

Foi numa “efeito estufada” tarde de Quarta (Quinta?), meu caro. A primeira vez que vi Sofia.

Sofia era fã de Nine Inch Nails, White Stripe, Yeah Yeah Yeahs, Kim Deal, Diana Krall, unhas pretas, garrações de cinco litros, barbitúricos da moda, astrologia, saltos agulha, cruzes de ponta cabeça, vestidos, bolsas, sapos de pelúcia, rola na boca e noites que não recordava.

Cara. Te juro. Começou a tocar “You sexy thing” do Wild Cherry na minha mente. Como se fosse uma grande e espirituosa trilha sonora de conotação sedutora e pornográfica. Parece clichê – mas afinal: o que na vida não é um clichê velhaco? –, mas meu queixo veio abaixo. Tudo ficou em câmera lenta enquanto ela estacionava o cabelo atrás da orelha esquerda. Procurando cautelosamente por uma cadeira enquanto olhava cuidadosamente para baixo. Com sutileza real.

Minha rádio mental transmitia o refrão “I believe in miracles. Were you from, you sexy thing?”.

Ela olhou ao redor como se procurando alguém e se decepcionou ao ver que não havia ninguém naquela sala de cinema. O “ninguém” era eu. Sentado na cadeira ao lado do corredor. Eu. De queixo caído e cara de idiota.

Sofia finalmente me olhou... Como se eu fosse uma maldita porta de vidro de uma agência bancária qualquer.

“Psiu, Sofia”, disse uma dessas idiotinhas mesmificadas.

“Mmm, Sofia”, eu disse a mim mesmo.

A imbecil daquela mina – não fui com a cara dela – sentou-se ao lado de Sofia. Não consegui assistir porra nenhuma. Só ficava olhando o cabelo de Sofia. Sedosos. Deviam cheirar bem. Fantasiei em seus trejeitos. Apaixonado e remoto. Lembrando de seu vestido descendo cuidadosamente sexy, os degraus.

“Que merda!!!, minas desse naipe nem costumam olhar na minha cara”, assim como Sofia fez inicialmente. Tratam-me como um forasteiro malquisto. Como se eu fosse sujo e não usasse Dimension 2 em 1 e nem Leite de Colônia. Como se eu não raspasse o saco antes de uma ponta no M.

Realmente não compreendo como esse tipo de mulher (digo: a amiga de Sofia) consegue aparentar tanta superioridade mesmo valendo menos que o papel higiênico com que limpei o cu hoje cedo, após um barrão nervoso. Mas tudo bem. Posso não ter pele de bumbum de bebê e o tal do padrão europeu, mas tenho talento até no esmegma. [*Vish, mó complexado*]. Tenho talento até no sovaco e gosto de pão com mortadela e café com leite. Eu sou tão foda, que ninguém nesse planeta tem clarividência suficiente pra perceber isso. Mas, o caso de ninguém perceber não altera meu fodismo em vírgula. Eles buscam aparência. Eu quero sua alma.

Ela – a amiga de Sofia, a Fiona Apple de Ambervision e tatuagem de estrela no ombro copiando a mesmice de suas iguais –, no máximo, vai namorar uma celebrity qualquer, tramar com algum popstar e usar isso pra contar vantagem no banheiro das meninas. Pobre diaba.

Pero...

Sofia não sabia, mas escrevi isso, naquele mesmo dia (utilizando uma cesta de lixo na Avenida Paulista como apoio), para ela:

Para Sofia, hoje à noite

Hoje à tarde vou arrombar a porta de seu apartamento.

Levarei comigo, duas mil pétalas de rosas vermelhas que hei de roubar em jardins pela cidade.

Varrerei seu tapete, limparei seu armário, organizarei CDs e livros em ordem alfabética e retirarei o pó de cima de sua TV.

Vou lavar a louça e arrumar a cama.

Fecharei as janelas de vidro e espalharei um aroma afrodisíaco pelos corredores.

Vou colar seu vaso quebrado, por suas revistas em ordem cronológica no criado mudo da sala, regar as plantas e pintar suas paredes naquele tom verde que você tanto gosta.

Deixarei impecável!

Tomarei um banho em seu chuveiro enquanto lavo o box.

Levarei minha própria escova, toalha e pasta de dente.

*Voltarei para casa!
Às sete e meia entrarei novamente em seu apartamento.
Vou preparar a mesa, fazer a comida, por o champanhe no gelo e acenderei as velas que roubei da casa da minha mãe.
Estarei com meu melhor terno alugado. Um brinco.
Usando o perfume emprestado de algum guarda roupas benevolente
Te esperarei pacientemente no escuro até que você chegue.
Você seguirá a trilha de rosas e se assustará com a minha presença.
Perguntará como consegui entrar e direi algo misterioso.
Apertarei a tecla do controle remoto que irá ligar o som já preparado com uma antiga e lenta música Soul.
Vou jantar com você, ouvir tudo o que diz e rirei com você.
Esta é a cena.
Faremos amor em cima de pétalas de rosas.
Passaremos a noite desbravando cômodos.
Depois de tudo farei carinho em você até que você durma.
Quando estiver entorpecida pelo sono, apoiarei meu crânio na mão e vou parar de respirar apenas para ouvir o seu silêncio e admirar seus sonhos.*

*De: Jack San Diego
Para Sofia. Agora.*

(Sim: ridículo). Mas quando finalmente (depois de séculos) entreguei isto à Sofia, ela me abraçou com orgulho. Depois disse que era louca demais para mim. Que eu era bom demais para ela (bom? Como assim Sofia: bom demais pra você?). Disse que eu merecia “Alguém melhor”. Que eu iria encontrar “Uma menina bem legal” e que “essa menina iria me amar reciprocamente”. E todas essas desculpas de uma mina que não considera o cara “foda ao ponto de dar pra ele” dava.

“Perdoe-a senhor. Ela é uma das que não sabem o que faz”.

Sofia me olhou com seus grandes olhos. Cintilantes de congelante piedade. Segurou meu queixo e me disse: “Não era pra você ficar assim”, após cortar-me ao meio com uma espada samurai... Como eu ficaria, Sofia? Como alguém fica após ter seu tronco separado das partes baixas? Desculpazinha é foda...

Eu estava preparado para toda e qualquer eventualidade, mas não para uma desculpa que subliminarmente quer dizer “eu não quero alguém que me escreva bilhetinhos estúpidos, mas alguém que seja foda e me surre com uma garrafa”.

Em momentos como esse todo nosso fudismo se fode. Todo grande homem vira um grande bebê chorão diante da cafetina desalmada que regula o vídeo-game. O império cai no chão da suíte e o imperador vai chorar suas mágoas no banheiro. A personalidade tropeça e cai de terno branco na lama.

Certa madrugada. Enquanto caminhava à pé, sozinho, no acostamento da rodovia Fernão Dias sentido via Dutra. Com uma garrafa de Dreher, quase pela metade, na mão. Pela primeira vez na vida, chorei como uma criança ao ver uma agulha. Algo na minha mente queria fazer que eu acreditasse que tudo era apenas uma daquelas “tristezas sem motivo, provavelmente por influência alcoólica”. Mas não era. Era o “Ain’t no mountain high enough” – do Cd que Sofia havia me dado – tocando pela milésima vez. Como buscando esperança em necrotérios.

Decidi trocar de Cd. Mudar o clima e parar de agir como uma vadiazinha mimada. Mas àquela altura eu já estava tão louco que confundi The Queens of Stone Age com The Johnny Quest Beatz (nome de uma compilação de “músicas altamente cinematográficas” que pedi pro Heavy Designer gravar para mim).

A mudança foi brusca. O CD começava com “Sick” de um tal de Sneaker Pimps. E como a música rege meus caminhos tortuosos nessa deriva de vida... É só trocar de som para que eu coloque a alma de “jeans taciturno”, na máquina, para lavar. E utilize a alma de “bermuda marrom, camisa florida e sorriso idiota de turista feliz”. Mas é certo que uma mudança tão repentina de clima, de péssimo, ainda com aquela sensação de recente secura vaporosa sob os olhos para: “eu sou foda e foda-se ela”, foi bem estranho. Mas foda-se. Quem não é estranho nesta merda de lugar? Tem algo pior na vida do que ser comum? Como diria o Saudoso Seu Madruga: “Não responda”.

Por Walter Hill. Juro que até hoje não sei como fui parar, numa madrugada de azulada lua cheia, na rodovia Fernão Dias [Abdução?], com uma garrafa de Dreher na mão, discman centrifugando dentro da

mochila enquanto eu procurava o isqueiro no bolso esquerdo. E parava para sentar-me no banco de um ponto de ônibus abandonado e destruído, para descansar a carcaça zuada. Aliviar o peso do cansaço.

A lua estava grande. A garrafa, por medidas de segurança, no assento esquerdo. Carros, caminhões e motos passando aos milhares. Algumas pessoas viam o sinal de fumaça. Eu via algumas pessoas dentro de seus carros e tragava e “tragava”.

“Westbound Train (Dubcat)” da compilação girando na mochila. A merda da lua azulava o chão da estrada. O pulmão molhado por um choro recente. A tez como o fundo de uma piscina recém evaporada pelo sol. E: “Diabos, porque eu chorei mesmo?”, vou fingir que não sei.

Ridículo...

...pra quem disse que não tocaria mais naquele nome com S.

4

jamaís amuai-vos, irmãos

“Logo cedo tomou para si a existência como eterna e intensa chama”

Carolina PsiA

– E aí. Pensei que vocês tivessem ido embora – disse à Bolívia e Johnathan, que saíram da festa e sentaram do outro lado da rua. No estacionamento/calçada de um mercadinho. Bolívia estava dando uns fight no ferro que há chumbado no chão. Entrando de nolie (roubado).

– Não. É que eu amuei desse rolê. Esquece Paloma. Esquece Rave. Esquece tudo – disse Jôni, fazendo um misto de voz mole e raivosa.

– Esquece o caralho, filho da puta. Você me liga lá em casa bem na hora em que a Angela ia catar a Patrícia embaixo da minha cama. Me chama pra ir naquele bar fedido do Robbin Willians e depois fazer esse role todo, pra nada? Abraça, viu. Vai levantando esse rabo daí.

– É mesmo e o que que deu com as mina?

– Ah, nem tô com cabeça pra contar isso agora não. Vamu entrá no carro, zarpá e já era.

– Ah, mano. Então se a gente não achar o Gengiva na pista a gente sai fora, firmeza?!

– Tá certo então.

– Deixa acabar essa. Toma aí – me deu uma lata de cerveja. E obviamente, Johnathan, como todo futuro Homer Simpson da vida, já tinha feito seu pequeno estoque de cervejas escondidas roupas adentro.

Johnathan estava sentado ao lado do ferro onde Bolívia praticava suas manobras. Tinha umas minas lá também. E uns caras que eu não conhecia... -Nossos rolês são sempre assim, né Jack?

– Assim como? – (Como plano de fundo tocava um som do Modest Mouse. “Amanhã o Antena vai me perguntar: ô, você viu o som que rolei?).

– Sempre esse rolê gigantesco.

– E qual a nova nisso?

– Nenhuma... A gente é foda, né San Diego?... Vários rolê... Sempre um puto no bolso... E a gente conhece vários retardados, né – ele riu.

– Pode crê. Lembra do gordinho lá da Lagoa dos Patos? Que passava o dia inteiro deitado no banco da praça, torrando no sol e só levantava quando sentia o cheiro dos caras que iam lá fumar um.

– Nossa. Pode crê, né. Foi no dia que trombamo aquele tiozinho mó locão, lá do Rio. Até lembro que ele era taxista e pá...

– E a ponta? E a ponta?!

– Ahaha, pode crer. Ele disse que o santo tava obrigando ele a levar uma préza. E depois fumou tudo e nem levou nada pra santo nenhum...

– É mesmo... Mó cuzão. Deixou o santo falando.

– E o Orelha da Paulista?

– O Orelha da Paulista?! Tem outro Orelha?

– É caralho. Aquele maluco que queria explodir a lata de lixo, na Paulista, porra. Cê num lembra?...

– Aaaah, caramba. Pode crê... Nossa, mas aquele ali era um dos piores que a gente já trombou na rua.

– Que mano. Pior foi aquele tiozinho engravatado na Teodoro Sampaio, perguntando se a gente tinha a mente aberta, lembra?

– Ou macumbeira pelada correndo na praça?!

– Que nada, mano. O pior foi aquele réquinho naquela praça no Sumaré que tava pagando uma gulosa prum cara, lembra? Que de longe a gente até pensou que fosse uma mina de cabelo baixo e depois era mó maluco fortão.

– Lógico que lembro. Eu que registrei a cena. Mas e aquela Japonesa desconhecida, que pagou um suco duplo pra gente, no Show do Naught By Nature, no Anhembi, no meio do povo chapado no chão...

– Rememorável, Jack. Rememorável... E aquela mina que você comeu no busão, indo pra baixada, no carnaval, lembra? Mó tosca.

– Tosca nada. Era da hora. O que fodia era aquela voz de gralha estridentemente rouca.

– Eufemismo seu – riu.

– Ah. Se for assim. E aquela vez que a gente foi andar de skate de madrugada lá no Pacaembu...

– Qual das vezes? A que você passou mal e lavou a escada com macarrão?! – tergiversou Jôni.

– Não. Aquele dia que você arrastou uma mina lá pr'aquelas árvores que tem ali atrás. Subindo em direção daquela ladeirona (que não sei nome) e pá. Até que vocês foram se foder e rolaram na bosta. E depois no busão ficou mó futum de merda.

– É...

– Rememorável, Jôni. Rememorável... Mas então, seu bicha lésbica, evamo aí.

– Vamos. Porque nem vou citar aquele meu aniversário que você invadiu uma propriedade porque tava quase se cagando...

– Aahahaha. Pode crê. Dessa eu nem lembrava mais... Lembra da festa do Paulinho?...

“Cidade grande é foda. Nós estamos sempre no Ali, no Aqui e no Acolá. Literalmente”, mais uma de Robério Fumagalho, sábio que sofre de aracnofobia.

– Ô, não é você que é o Jack San Diego? – perguntou uma das minas que estavam sentadas ali perto.

– Por favor: na cabeça, não? – respondi tentando ser engraçadinho.

– Que?

“Ave, que mina burra”. Por isso tenho uma certa aversão à desconhecidos. Pois faço minhas piadinhas deslavadas e espirituosas e o povo que não goza de um certo conhecimento geral fica perdido (por culpa de sua própria ignorância). E depois vem me chamar de louco. Fico puto com isso. Se ela assistisse alguma merda de filme style e não essas merdas que ele deve estar acostumada, a cena seria essa:

Ela:

Ô, cê não é o Jack San Diego?

Eu:

Sou, mas... Por favor: na cabeça, não?

Ela:

Não. Eu não vou te matar. Só fiz uma pergunta.

“Talvez eu queira demais... dos outros...”

E se ela fosse realmente style fecharia com um “baby”. Só pra demonstrar que também é ligeira. Mas querer que alguém nessa cidade tenha espirituosidade suficiente (ou educação) – fora alguns toscos do bairro e uma parte das pessoas que lêem meus conteiros – entenda o fruto de uma mente privilegiada e afetadamente criativa: é burrice. É como querer chegar a marte de bicicleta.

Mas, continuando:

– Nada não – respondi. Aliás, “nada não” (e “legal”) é o que mais falo algumas para pessoas.

– Nossa, meu. Achei muito loco seu último conteiro.

– É que sou pago pra isso.

Sim. Fui meio grosso mesmo. Assumo. Mas eu estava vivendo um inferno astral – se é que existe essa merda –, exacerbadamente infernal, misturado a vários outros fatores. Fora que estou cansado de dar

atenção à pessoas inúteis mesmo sabendo no que vai dar – ou não –. Não que a mina fosse inútil. Longe disso. Bem longe disso. É que ando cansado de ser legal... Sempre que sou muito legal eu me fodo. É fato. E quando raramente não sou: sou “grosso” e o mundo recai todo sobre mim. Ai é foda. Mas de tanto andar “no mundo dos canibais”, como diria o livro do Keefe Brasselle, eu havia descoberto que todos no planeta são dispensáveis. E que “dispensar” é o segredo, o mojo, de muitos popularezinhos idolatradinhos: ignorar a existência alheia. “Não importa se embaixo de sua pele não tem nada, ignore-os, pois assim eles lamberão até seu mijo, e com louvor”...

Muitas vezes eu lutava para ser assim. Assumo. Para ser um belo dum filho da puta que vive fazendo a caveira dos outros, humilhando os fracos, deixando os amigos na mão, enfiando a ginsu 2000 na costela do fulano. Para ser um desses caras idolatrados que vivem fazendo intriga e morrendo de inveja. Fazendo fofoca. [*Porra, fofoca é pra velha gorda*]. Sugando almas alheias e aniquilando o recíproco, e etc, maaas: NÃO CONSIGO!... Não consigo não por falta de tentar, mas pois esta não é minha natureza, saca? (fora que minhas tentativas geralmente não passam dos vinte e oito segundos do primeiro tempo)... Um leão nunca vai ser uma cobra, tá ligado?! Nem adianta rezar.

É meu velho. E já que ando numa de assumir o que realmente sou: eu que não vou virar um otário só porque moro num planeta que é preenchido pelos mesmos. Se o mundo quer se render a idiotice, renda-se. Mas eu vou lutar até a morte. “Jamais me pegarão vivo”. Eles com seus arsenais bélicos. Eu de samba-canção e óculos escuro... Posso passar o resto dessa vida sendo “desolhado” por maluquetes (que me regulam meros boquetes atrás de bancas de jornal), pelos donos da elitizada cultura cinematográfica (que fingem não me ver... à um palmo), pelos seguranças de shopping, por aquele garçom desgraçado daquele tão falado bar na rua Augusta, que vou aqui chamar de “Senhor C”, que (um tempo atrás) ficou dizendo pro outro: “Tira o casal dali porque eles vão beber nada. Fica esperto nesses dois porque eles vão sair sem pagar” e etc. Mas nunca, jamais, irei me unir a eles... (E só pra completar: no dia em que esse garçom viado, filho da puta, impotente, ficou falando um monte de merda, pensando que Johnathan e eu não estávamos espertos, apenas atravessamos a rua e dissemos um ao outro: “Você se ligou?”, “Sim, mas foda-se esse otário”. E tomamos SÓ dezoito garrafas no outro bar. E pagamos. E 10%. E ainda recebemos balinha de troco. E ainda torramos setecentos e cinquenta e dois reais e noventa centavos com mundanices noite afora – foi um daqueles dias (talvez o único) de safra boa.

Eu sou da opinião que: “Se não pode com eles: dizime-os” e é isso o que estou fazendo neste exato momento. “Já assistiu O Mundo de Andy?”. Dizimando tudo que sofri e passei. Dizimando todos que desejaram meu mal, falaram de mim, fecharam meus caminhos, que fizeram piadinhas sobre meu jeito de andar, conspiraram contra mim (essa aconteceu bastante), previram meu futuro, as minas que me desprezaram e os professores que me prejudicaram... E tudo isso dentro de um mero: “Eu sou pago pra isso”, dito com a etiqueta seca de um britânico sem áurea.

/...Estou exorcizando a legião de demônios que dançaram nos jardins lá de casa, com uma tacada tão forte, que levarei qualquer oponente à lona. E não serei superado nem tão cedo. Amém.../

Uma historinha. Uma intenção estelar. Das duas uma, meu caro Passado (e um teco do presente): inveje-me ou assumo (e caso assumo, posso até lhe arranjar um emprego)... A outra face foi perdida. Minha vingança será maligna. “Sayonará babacas” como diria Bart Simpson. Au revoir, muchachos...

Mas é certo que minha busca é um velho – e põem velho nisso – clichê. Mas minha forma é única (e especial).

“E saber o fato de que tudo na vida se repete, como um maldito clichê [*Ou como o número de vezes que a palavra “clichê” aparece aqui*], pode me deixar um passo a frente nessa história (a lá Batman)”.

Tudo na “vida” se repete...

...menos as pessoas (e com elas suas loucuras).

**(m boi mirim sem número – lote 2)
se meu palco falasse**

“A japonesa só podia estar fora de si, o choppe aquela altura já havia feito sua parte”.
Fernando Blues Borghi

“Tenha um pouco de fê, garota. Ponha um pouco de confiança em mim. Apenas abra seus braços e dê-me as estrelas...”, era o que saía da alma, através do diafragma, atravessava o bar e chegava até aquela menina, que, por maldade divina, era acompanhada por um idiota qualquer... Um completo idiota. Mais um desses que só fazem peso no mundo. Nada mais...

Eu ouvia Lesma gritando por baixo dos dentes: “Jaaaack, Jaaaack”.

“Foda-se o Lesma”.

Rasguei a palheta, debaixo para cima, no ré menor. E nem vi mais nada. “Have A Little Faith In Me, Girl (Long Beach Dub All Stars)”, versão folk street blues.

Descarreguei a voz no microfone como se fosse uma metralhadora turbinada à base de muita heroína, no exato momento em que ela sentava-se... Ela ficou sem jeito ao me ver. E tomou um susto com meu rompante musical.

Era uma indireta. Aliás. Um de direita bem no meio do nariz mais lindo do mundo. O nariz de Sofia. Uma vaca que me despreza e faz questão de deixar isso claro. E eu. O chefe da manada. Lutando apenas com uma indireta musical em mãos. “Saca essa letra Sofia. Não gostava de me ouvir ao telefone? Então escute isto, sucker. Eu era apenas um rádio pra você?... Eu não sou foda demais pra você, né Sofia? É isso o que você busca, né, Sofia: um foda?... Olhe-me aqui. Não fuja aos beijos de seu macho. Não tente disfarçar, pois também estou tentando disfarçar. Estou aqui. Cantando, tocando e tentando disfarçar um sentimento que ainda não foi reconhecido em meus arquivos. Mas foda-se. Nós sabemos que não temos nada. Que era só sexo. Vou terminar esse som em respeito a música. Mas minhas indiretas serão direcionadas à novos alvos (eu acho)”.

5

milagres acontecem... só pras coisas erradas

(E enquanto Karina Bacchi não descobre minha virilidade) Vruuum...

Descemos a Avenida Conceição ouvindo a “Shut The Fuck Up” do Cake.

– Ó o cara lá – disse o Bolívia Olhos de Águia, já na pista.

Imagine aquele som dos milagres aí na sua cabeça: “A-leluia, a-leluia. Aleluia. Aleluia, ale-e-e-luia”. Ou então “We Are The Champions”. Ou então aquela musiquinha de vencedor de corrida olímpica, sabe? “Tchan tchan nãnnãã nã”. Ou então aquela do Sena. “Brasil-sil-sil”.

Gengiva. No alto da mini-ramp. Só faltou uma bandeira do Brasil em flâmulas atrás dele para melhorar a cena...

É... Talvez fosse melhor cancelar a bandeira, pois o truck do skate de Gengiva travou em uma depressão da borda e ele caiu quase de cara na transição da mini-ramp. A bandeira fora rasgada... Mas em banca de skatista de verdade ninguém ri da queda alheia. Apenas dizem onde você errou. E o que faz para acertar.

“Skatista que ri da queda de skatista não é skatista”, como dizia Barata, sabiamente. Aliás. O Barata era um verdadeiro “filósofo da rua quatro”. Um contestador oriundo da marginalia. Um agitadorzinho de merda. Ele vivia dizendo: “Antigamente se reconhecia um skatista pelas calças largas, o estilo. Antigamente, todo e qualquer skatista era um marginal, fumava maconha, ouvia rap, hardcore e ia nos shows só pra bater cabeça e voltar sangrando pra casa. Mas, hoje. Hoje tem pagodeiro com skate embaixo dos braços. Tem as Brunas surfistinhas da vida comprando shape na galeria do rock. Tem idiota de calça apertadinha, socada no cu, dizendo que faz street. E detalhe: hoje são tudo careta. E outros viraram Emo. Viraram Emo, meu deus. Eeeemmoooo. Viraram Emo e não passam de um Olie... Tão até chamando o skate até de esporte, cê acredita? Skate não é esporte, porra: ou é diversão, ou é trampo ou até uma arte e em último caso: esporte... Mas é foda: antigamente nós sabíamos quem era ‘os de verdade’, mas hoje, o Brasil pensa que skatista é um bando de patricio estúpido sem um pinga de cultura na merda da cabeça. Que levam suas vidinhas fúteis de branquinho de pele boa e cabelo liso (esse termo é original do Barata, que já recebeu seu cheque de quatrocentos mil dólares pelos direitos do jargão). Que morra em um bairro de patrão e recebe milhões de reais de mesada por semana maltrapilho... Hoje o Brasil pensa que nós somos essa merda que eles tentam fazer o povo engolir. Pensam que somos burros e pior: tão querendo nos ‘tirar’ de boy. Tão querendo que usemos roupas coladinhas, baby looks escrito ‘rockstar’ com purpurina e cabelo espetadinho pra cima ou franjinha vaca lambeu na testa. Tão querendo que a gente vá ao programa da Eliana dizer que o Skate é um esporte para todos as idades e para todas as pessoas. Tão querendo que a gente vá ao Gugu mostrar ‘o esporte das ruas’. Tão querendo que a gente vire bicha, escute funk, dance axé, e coce as bolas com alfinete. Na

verdade, a mídia quer nos tornar (tornar a todos), Felipes Dylons. Que a gente cole um pôster da Ivete Sangalho na porra da porta de nossos guarda-roupas grafitados...”, palavras de Barata... Barata era meio insensato e saudosista, mas era legal pra caralho (caso você discorde de qualquer coisa dita nesta grande aspas do livro: procure o Barata da rua um, aproveita e pede o Jimi Hendrix - Blues que emprestei, de volta). E que deus abençoe os malandros contestadores e nossa peculiar maneira de expressão!

Mas voltando ao assunto. De longe reconheci a Prix. Uma mina que abocanhou meu pau dentro de um estúdio fonográfico na Moóca. Sem mais nem menos. Apenas foi abaixando meu zíper, sacou o ‘Alexandre (the great)’ para fora e mamou gostoso. Molhadinho, sem muita fricção, meio de fogo, algo não muito pró, mas tá valendo.

Quando estacionei o carro estava rolando “Worst Comes to Worst” do Dilated Peoples... Descemos e mesuras...

Johnathan e Bolívia ficaram trocando idéia com Gengiva enquanto fui rumando às cadeiras de balanço onde Prix estava sentada.

-E aí seu tratante – ela disse de prima.

Sentei na outra cadeira. E comecei a balançar.

– Tratante, eu? Você que me usou e jogou fora e eu que sou tratante.

– É, mas porque você não vai lá em casa?

– Era pr’eu ir?

– Lógico né.

– Porque lógico? Como eu ia saber?

– Eu sempre falei pra você ir lá. Só não vai porque não quer.

– Primeiro eu preciso de um motivo pra ir lá, meu amor.

– Credo, Jack. Então é assim?

– Ah, meu amor, você vai me desculpar, mas eu tenho que viver a merda da vida. Eu não tenho tempo pra perder com a frescura dos outros não. Eu dou as opções: me segue ou fica, mas parado eu que não vou ficar. E outra: eu não vou passar metade dos meus dias te adulando. E você fazendo mó doce pra dar pra mim e depois vai lá, e dá logo de cara pr’aquela trouxa lá dos predinhos. É lindo isso, né? Eu fico amassando a carne para os outros comerem?! Me perdoe, baby, mas nem fodendo.

– Você nunca teve medo das palavras, né Jack? – disse com aquela voz de “quero rola”.

– Não! Só de perder muitas delas com pessoas que não as merecem. Aliás, isso é só o que acontece em minha vida. E talvez esteja acontecendo neste exato momento...

– Credo, o que você tem?

-Um saco bem cheio...

Ficamos quietos por poucos instantes, balançando.

– Cê tá de carro?

– Tô, porque? – nesse momento pensei: “Se for carona, sem chance”.

– Quer ir lá esvaziar seu saco em mim?

– Caralho, que linguagem é essa, menina?

– Ah, Jack. Para de frescura. Você que me deixou assim. Você lembra como eu era antes.

– Só.

– Mas então: vai ou não?

Aquela seria o bater no recorde: três belas chupadas no espaço de vinte quatro horas... Pensei um pouco...

– Deixa quieto.

– Como deixa quieto, Jack?

– Deixa quieto.

– Você não me queria, Jack? Pega!

– Acho que não.

– Por que não, Jack.

– Minha paciência já passou da validade.

– Tá bom. Cê que sabe.

- É isso mesmo: eu que sei!
- E aí, Panguão. Vamo aê – gritou o Jôni de cima da mini-ramp.
- Onde vocês vão? – perguntou Prix.

Levantei e fui andando lentamente com uma pose de rapper de Compton nos anos noventa e disse:
 -Perder tempo com coisas mais interessantes...
 [*Santo mal humor, Jack*].

(Cantar sem retorno deixa rouco).

-1

parece, mas é só tristeza!... sobre piscinas cheias de ratos; filosofia para banheiros de postos de beira de estrada

Faz um bom tempo que não paro aqui para transcrever essa merda do papel para o PC (já tinha até desistido). E juro que estou sem a mínima paciência para gastar, maquiando meus textos prostituídos, com palavras difíceis e extremamente bem encaixadas, pelo menos: não agora...

Certa vez fui catar uma mina que lia meus contos e ela me perguntou: “Porque você complica tanto seus roteiros”, eu respondi: “Meu amor, se você quer a coisa toda mastigada e simples a ponto de relar na ignorância, vá ler encarte dos Cds do Roberto Carlos – opa, não me entenda mal, pois: Robertão é rei, acima de tudo. Acima de qualquer comment: Respect the king, man – e não à mim. Quando quero escrever sobre magnificências e com magnificência, eu só vou lá e faço. Quando quero falar sobre arroz e feijão, eu falo sobre pão com ovo. Vai da hora. Depende do momento. Eu não vivo complicando. O que sair, saiu!”. Ela rebateu: “Ah, mas é foda, tem coisa lá... muita palavra que não conheço”. Eu: “Compra um dicionário, oras”. Ela: “Mais é mó chato ler assim. Nem parece português”. Eu: “Não foi isso o que você disse quando leu aquele Machado de Assis”. Ela: “Ah, mas é diferente”. Eu: “Qual é a diferença do Machadão pra mim? Pergunta errada, quer dizer: Porque ele pode complicar e eu não? Quer dizer que só porque sou da periferia paulistana eu tenho que escrever “meu fi ta cu ponomunia”?! Que nada meu amor. A real é que o povo não aceita o fato de um maltrapilho ter talento até no esmégma. Inveja desses caras que passaram a vida toda enfiados em bibliotecas, cadeiras de faculdade, cursos, cartomantes e depois são passados para trás por um cara que terminou o ensino médio aos vinte e cinco anos. Engomadinhos que são passados para trás pelos Márcios Américos da vida. Por isso vivem dizendo merda de nossa arte. É inveja da criatividade precedente do populacho, ‘não se misture com essa gentinha’. Inveja da verdadeira arte... E, na verdade, meu amor, eu não complico porra nenhuma. Só falo o português com palavras mais engraçadas. Se o povo que lê o que faço não é esperto suficiente para entender, ou, melhor: não tem no mínimo um dicionário por perto: Por favor, nem me acessem mais. Pois de inútil no meu blog já basta eu”. Ela: “Mas comigo você nunca falou difícil”. Eu: “Meu amor, odeio gente que fala bonito”. Ela: “Então por que você escreve assim?”. Eu: “Porque odeio gente que escreve feio... Não digo errado, mas feio mesmo”. Ela: “E como você tem esse vocabulário se você diz que não lê”. Eu: “Eu NUNCA disse que não leio. Eu vivo dizendo que nunca achei prazer nisso. Nunca gozei lendo... Sim, raramente leio literatura, mas eu presto atenção em coisas que as pessoas querem que se foda, ou que não são capazes de enxergar, sabe?! Deve ser por isso”.

Mas voltando ao assunto: eu já estava desistindo dessa “Transcrição de um trecho de uma vida que está no papel para o Word”. E nem sei se realmente vale a pena continuar a relatar toda essa vida louca, pois muito provavelmente, esse povo que se acostumou com as merdinhas insossas que rolam por aí vai acabar não sacando o que quero passar com estes escritos. [*Nada?*]. Vão dizer que é apologia a tudo que é errado. Essa vida louca vida. “Vida breve”. Fora o fato que não curto escrever (e as vezes nem ler), literatura... “Eu sou um maldito roteirista (?)”.

...Hã. Isso já me trouxe cada problema pra cabeça. Isso de falar que não curto literatura. Que nunca encontrei os “prazeres da leitura”. Que nunca gozei lendo – mas gozo quando escrevo, pois escrevo com o pau, saca?! –, a não ser aquela vez que a Natália ficou lambendo minhas bolas enquanto eu lia o Bangalô – Fantasia dela.

(Mas quem sabe eu esteja me tornando escritor. Já viu minhas demonstrações de egôcentria por aqui? Isso é típico de quem escreve – literatura).

...Não compreendo. Mas isso sempre acontece. Isso de não quererem que eu faça o que faço e como faço. Mas isso tem motivo. É porque sabem que yo bullet in da fucking needle pra trocar, mesmo não tendo “as armas”, saca?...

Vamos falar a real: é muito fácil aceitar o que vem das cadeiras de faculdade, dos gringos, de Higienópolis, de Copacabana, das meninas bonitinhas que têm blogs (qualquer mina que disser algo: eu chupo picas literárias está feita nesse meio, nem precisa de talento; pelo menos é o que dizem; e o que também acho). Mas aqui não. Aqui eu tô é fû. Aqui eu falo de jovens andando sobre a veraz frigideira de asfalto que arde sobre o magma das tubulações de esgoto. Sem diplomas ou vergonha na cara. O puro creme do hedonismo democrático sem futuro.

Isso me lembrou de um cara que conheci, certa vez, quando fui assistir à uma show. Antes de tudo. Num “barzinho” [*Barzinho é outro termo ridículo, Jack*] há uns dois quarteirões do pico. O cara colou sem-ser-convidadamente na mesa, parecendo ser mó gente boa. Fez todo mundo rir falando merda. E eu estava até indo com a cara do fulano, mas, como sempre, não durou muito. De chofre, do nada e de repente, no meio de um assunto sobre canapés, o cara chega e diz: “Ah, mas eu acho que rap não é música”. [*É isso que chamo de “mudança drástica”*] E obviamente aquilo foi direcionado à mim. Jack San Diego, o provocador de discussões, à quarenta e cinco graus, pois eu era o único que vestia-se no naipe “big city, big pants”. Pois na mente estúpida dele, eu não posso tomar caipirinha ouvindo os solos de Buddy Guy e escrever um livro – que é o que estou fazendo exatamente agora – que dificilmente alguém da academia superará (se não largarem suas frescuras e preconceitos de classe média, suas putarias cult, suas prosas pra boi nanar).

Meu cérebro sagaz como é disse ao papai aqui: “Diga estas palavras a este fulano, Jack: ‘Caralho, meu. Você deve estar segurando este assunto à muito tempo, né? Porque pra soltar assim desse jeito do nada é sinal que isso lhe incomoda. E muito. E há muito tempo. Então, vai, bebe, chores suas mágoas da música rap’. Mas, sinceramente, eu quero que ele se foda. E justamente por isso eu nem disse nada: uma: um fulano desse naipe não é nem merecedor de ouvir minha voz. Duas: nada do que eu fosse falar ele iria entender. E fora que tudo que ele ouvisse e entendesse iria fingir que não entendeu. Talvez até dissesse que eu estava “locão” numa forma apelativa de tentar me reduzir diante as pessoas presentes e alimentar os quilates forjados de seus minúsculos troféus de tolice bem lapidada.

Fora que querer explicar a amplitude de todo um universo para alguém que cabe em um papel de Big é foda. Já até sei como seria a cena: eu nervoso, me enroscando em minhas próprias palavras (pois escrevo muito bem e falo muito mal) e o trouxão fazendo aquela careta de “o que ele tá dizendo”. E com certeza, qualquer merda que ele falasse seria ovacionada pelos presentes, pois, porra, dentre os imbecis: “Seu público, seus aplausos”, por pior que seja sua arte. E outra: quem vai querer ouvir um forasteiro maltrapilho que não segue os padrões mesmalizados de “todo o resto”? Quem? Sendo que o cara é conhecidinho. Quem?... Me diz. Quem?... Porra: quem vai querer me ouvir??? Quem quer ouvir o “mano que não fala gírias e tem uma maldita enciclopédia no crânio”? Eles odeiam isso. Odeiam que tudo o que eles temem, desprezam e no fundo querem ser. Odeiam que eu nunca tenha assistido mais que três aulas de geografia in my all life, mas manje toda a maldita topografia do leste da Sumatra. Odeiam o fato de eu não saber onde por as vírgulas e mesmo assim escrever melhor que essa gente que sai das faculdades de mil reais... Afinal: Who cares about the Californimano?... (e agora só falta um imbecil me parar na rua, e me dizer com sua psicologia de Ana Maria Braga que: “na verdade, você tem baixa estima e joga a culpa de suas decepções nos outros”. Porra, não canse minha beleza. Filosofia de boneca Suzi pra cima de mim?!... Só digo uma coisa a esse tipo de psicólogo (e aos diplomados), aos dezesseis, fui atrás de Freud, pra ver se ele me explicava porque eu pensava e era tão diferente de todos da minha família e convivência, e sabe o que ele me explicou (sem pretensiosismo de escritor idiota)? Tudo que eu já sabia, baby!!!! Só que em suas palavras).

Ah, voltando ao assunto. Rolou outra fita também: Eu fiz um comentário, engraçadíssimo por sinal, sobre algo lá, mas todos (amigos dele) fingiram não estar me escutando. Teve uma vagabunda que até fez cara de vômito pra mim (pensei até em dar um tiro na cara dela). Mas numa fração de segundos, o cu em questão, repetiu a mesma coisa que eu havia dito. Mas em menor intensidade vocal. Com as exatas mesmas palavras. E todos choraram de rir... Estranho isso, né? (isso acontecia muito comigo na escola). Talvez para você seja estranho. Mas eu já estou acostumado. E como já disse antes: eles são lindos, ricos, famosos e interessantes,

pelo menos pra os idiotas que os idolatram, mas: perdoe-os pai, eles não sabem o que fazem... E nem do que sou capaz! – nem quem eu sou (apesar d’eu não ser porra nenhuma) –. “Seu público seus aplausos”, sempre! Na mente de muitos deles eles são deuses, mas para mim são pura fraqueza. Animais doentes que precisam ser exterminados para ceder lugar ao que presta. Is evolution, baby... [*Esse Jack é mó louco*]. “Louco é mãe”. [*Hã???...*].

Fora que nesse tipo de situação, quando começo a falar, tem gente que ouve, mas finge que não está escutando (eu ODEIO isso). Na próxima vez que alguém fingir que não está me ouvindo eu vou ser obrigado a soltar quase berrando: “E você pode fingir, mas sei que você está me escutando perfeitamente, ô filha da puta”. E se alguém falar merda, a ira divina de Jack San Diego irá se abater sobre estes biltres pecadores.

Hum. Eu ia jogar neguinho do viaduto. Ia dar cadeiradas. Adoro dar cadeiradas nas costas de fulano (e se fosse o caso, buscava o canhão no Veiga e dava até uns pipoco – pro alto –. Só pra rememorar os meados dos anos 90. Eu com quinze. Louco de tudo. Pondo pânico na sociedade).

/...Isso me lembrou minha prima (o porque eu não sei). Ela chegou aqui em casa esses dias dizendo: “Ai, a Tati é tão legal. Ela mora numa puta cobertura com piscina. Tem um ‘carro que não lembro a marca’. Levou a gente em vários ‘barzinho’, pra casa de praia da mãe dela...”, aí eu perguntei: “Mas por que essa Tati é tão legal afinal?”, ela respondeu com uma sinceridade até desnecessária: “Ué. Eu já não falei”. Ou seja, na mentezinha de minha burra prima (que é a típica representante oficial de brasileira dominado pelas doutrinas Gugu de vida), essa talzinha aí só é legal por culpa do bolso da mamãe, da carteira de papai. Imagina se essa tal de Tati fosse uma pé rapada (assim como eu era na época deste rolê que agora escrevo), jamais minha prima a acharia “legal”...

Coitadinha dessa Tati, se não tivesse pais abonados e uma cobertura com piscina (paga pelos mesmos), jamais teria um amigo em vida... Isso é foda. Aliás. Esse assunto é foda. Aliás, não tem nada de foda nesse assunto, mas dói na pele de muita gente. Mas por que sempre que toco neste assunto tem gente que diz que sou machista, revoltado, louco, drogado? Será que é porque algo dói neles? “Vai sá bá...”

Mas, voltando ao assunto.../

“Ah, o Jack acha que sou boy”, ainda ouvi naquele dia. Pô, como alguém quer “pensar sobre o que penso”? Só eu posso falar por mim. Pelo amor de buda, deus ou mara maravilha: NÃO PENSEM POR MIM... A NASA já criou leitores de mente? Eu só cogito algo depois de muita certeza. Como eu vou falar sobre quem nem conheço? Como vou falar o que alguém que não conheço está pensando, tarô, porra? Quer dizer que em meia hora de conversa eu sou obrigado a formar opinião sobre alguém, só porque alguém formou sua opinião sobre mim? Não, darling, não é assim que a banda deveria tocar, não. Isso é errado. Vocês podem não saber, mas isso é questão de educação básica. Mamãe que jaz falida na terra da América me ensinou isso muito bem... Sinceramente não entendo como funciona a mente desse tipo de gente. Querer falar por mim é foda. Deixa esse negócio de porta-voz para o presidente da república federativa dessa merda de Brasil.

Não tenha medo de mim só porque sou algo que você não compreende. E jamais compreenderá. A maioria exorbitante das pessoas que conheço precisaria morrer e renascer quatrocentos e noventa e cinco vezes para atingir o que se passa no meu mais ínfimo neurônio (mas infelizmente meu corpo, quer dizer, minha fala não acompanha nem um por cento do que penso, e o que escrevo ainda não atinge nem seis por cento do que se passa lá dentro. Um dia, quem sabe... Meu maior medo é morrer de tanto maquinar...

Ah. Não me julgue, para que o julgamento rebata com ódio e cadeiradas.

/...Por que as pessoas se irritam ao serem chamadas de boy? “Boy” é um novo palavirão por acaso?... Eu queria ser boy! E é sério mesmo! Imagina: Viver só na mamata, tipo a tal de Tati. Ganhar uma caminhonete com o adesivo “distância do alto da serra”, na mala, aos dezessete para os dezoito anos. Nunca ser seguido por seguranças em shoppings. Nunca apanhar da polícia por causa de um béqui e ser chamado de senhor ao ser enquadrado. Catar várias gatas interesseiras sem ter que mover uma só palha, sem ter que fazer nada, só existir. Lindo isso. Só uma buzinadinha subindo a Paulista sentido Consolação, abrir a porta esquerda e já era. Vamos pro M de néon vermelho. [*Aqui em São Paulo a gente diz “Já era” mesmo, nada de “já é”. Grande Jack*]. Nunca saber a sensação de pisar sobre papa de nenê quando chove (por causa do tênis de dois mil reais com anti-furo-na-sola-sistem). Nunca usar uma cueca furada. Nunca ser excluído das festinhas da

escola. Nunca ser excluído de nada. Ser o primeiro a ter um X-Box. Estudar no Mackenzie e foder as vagabas de la casa. Ter um DVD no carro. Pagar cento e cinquenta reais na mesma, digo: na MESMA camiseta que custa no máximo, digo no MÁXIMO vinte e cinco na Galeria do Rock. Casar com uma modelo catarinense e ter vinte e duas amantes putinhas. Como deve ser isso?...

Quer saber? Tô mais um trecho de um som que relata o que penso:

*A primeira impressão é a que porra nenhuma!
Então apenas com uma olhada você vem e me julga?
Tipo: faz um profile: “Esse tal de Mic,
tem jeito de loucão ele deve fumar crack!”
Crack?!! Como assim? Hei: espera lá,
Nunca te vi mais gordo e você já vem falar,
Que faço isso, aquilo e aquilo outro, sei lá,
Mas, meu amigo, eu sou um enigma até pra mãe Dinah.
(Refrão) Refreie sua língua, antes de falar
E não pense o que sou, você não é pago pra pensar
Então não abra sua boca mal lavada,
Pra falar as asneiras de sua mente deturpada.*

Trecho de um rap “atômico” aí. (procurar: “Paulistanas Depravadas” na net)*

Hã. Fama é foda. Tem neguinho que se deslumbra com o estrelismo alheio...

Como o próprio Tripa mesmo. Certa vez estávamos no Blen Blen Club assistindo o show de uma bandinha qualquer – que já sumiu no espaço-tempo –, quando apareceu uma atriz, digamos: famosa pra caralho. Uma tosca novinha. Que ficou ao nosso lado, ali, no público pagante. Tripa disse: “Se liga, Jack. É a xxx ali”, mas já fazia um bom tempo que eu a tinha visto e respondi em alto, bom e entediado som: “É. Eu já vi”. E só foi eu desdenhar de sua ilustre presença para que ela ficasse claramente de orelha em pé em cima de nossa conversa. E, Tripa, como é um completo sem noção de altura de voz ou descrição, fez a mina ouvir tudo. O Tripa não parava de encher meu saco um segundo sequer. À cada meio minuto dizia: “A mina ali, mano. A mina ali, mano”. Ele encheu tanto que surtei: “É só a merda da xxx, caralho! É só mais uma xxx no planeta. Olha pr’essa porra: a mina é mó propaganda enganosa. Nem é tão gata como parece na televisão. E tá longe de ser gostosa. Fora que ela deve soltar gases as terças-feiras e passar horas ao telefone com suas amigas fúteis e superficiais... Pára, mano”. Ela fez até uma cara de susto depois de minha manifestação de “Eu quero que a fama intalentosa dela se foda de quatro”.

A multidão ensandecida sorrateiramente empurrou Tripa e eu para longe da senhorita.

E assim que o show acabou ela veio atrás de mim. Segurou-me pelo braço enquanto eu rumava sei lá pra onde e perguntou quem eu era, tipo requisitando. Apenas respondi: “Ninguém que você seja capaz de compreender”. E terminamos a noite dentro do carrão dela dando uma bela duma trepava insensata e animalesca. Enquanto Tripa me esperava voltar, num ponto de ônibus, numa rua ali perto.

Plim plim pra vocês...

“Preciso de mais caipirinha”.

6

vamos: pra quem vai, tchau: pra quem fica

– E aí, onde fica o barato? – perguntei à Johnathan.

– Num galpão abandonado beirando a marginal. Já liguei pro cara e ele disse que tá com a Paloma lá. Vamo aê.

– Demorô.

O Bolívia decidiu ficar com os caras lá na pista.
E lá vamos nós...
...de novo.

(E enquanto nenhum parente distante e rico me deixa uma herança bilionária). Vruuum...
Keith Murray, “Dangerous ground”, essa marcou a ida até essa tal de rave urbana.
– Você ficou sabendo da Sofia?
– Quê?
– Ela foi para Los Angeles – informei à Johnathan.
– É por isso que você anda tendo acessos psicóticos o dia todo, ô estrela do mar?
– Não. Fiquei sabendo nessa festa aí.
– Da Medeiros?
– Si.
– O que ela foi fazer lá?
– Estilismo... E dar pro cara.
– (...) E quando ela volta?
– Se pá nem volta. Vai saber.
– (...)
– Ela ta com um namoradinho gringo, aí – deixei escapulir intencionalmente.
– Vish...

Pior que “vish”, naquele exato tom, resumia tudo. Eu não conseguia ter a mesma imunidade à esse nome com S como outrora. Como no dia daquela jam no bar da Avenida. Como algumas semanas antes...

7

...um “conteiro” sem fim...

“1 litro”

(ou: Mulheres Que Dizem Meu)

Por Jack San Diego

S.P 28/09/03

[Ele aperta o T (térreo). Desliza as mão sobre os cabelos. Dá pequenos passos de um lado à outro, meia volta e olha fixamente o espelho enquanto sua própria voz começa a narrar:]

Ainda havia uma garrafa de vinho dançando entre as camisinhas usadas, ao avesso, e um sutiã, no banco de trás, enquanto eu dirigia rumando pra casa, no meio de uma noite arábica, cheia de certos dejavus que fingiam ser reais. E verdades que faziam mal ao íntimo.

Naquele dia, a merda da lua cheia e azul, filmava atentamente alguns trechos desta história e divertia-se muito com minhas decepções.

Divertiu-se enquanto aqui embaixo as caixas de som atiravam toda sua fossa em meus tímidos tímpanos. E braços de fora.

A cabeça pesando mil elefantes e um dromedário. O perfume daquela vaca e uma lembrança. Péssima. Boa. Ruim. Sei lá

[Ele dá um murro no espelho e diz:]
Odeio ser parte disso.

S.P. 01:46 A.M. 18/12/99

[Num quarto de motel qualquer]
[Ela]

Logo que te vi, reparei que você era diferente!

[Ele]

É mesmo? Diferente como?

[Ela]

Não sei, viu. Te vi lá. Sentado com aquelas roupas desengonçadas. Aquela cara de perdido porém safado... Tive que falar safado porque acabei descobrindo que você é mesmo... E depois pensei que você fosse mó fechadão, que só falasse na gíria e tal. Mas sei lá, meu. Quando olhei seus olhos, vi um brilho especial lá dentro.

[Ele]

É porque eu tava chapado!

[Ela olha para ele fazendo cara de “que hora para se fazer piada, eim, mocinho” e continua:]

Mas não aquele brilho de bobo apaixonado, mas o mesmo brilho que está em seus olhos agora. Entendeu.

[Ele]

Caraaamba.

[Ela]

Que foi?

[Ela]

Com um xaveco desses. Se eu fosse mulher. E você o cara: eu daria pra você agora mesmo... Ah, mas já que a situação é inversa, eu deixo você dar pra mim de novo.

[Ela]

Bobo.

[Ele]

Bobo nada.

[Ela]

E você?

[Ele]

Eu o que?

[Ela]

O que viu em meus olhos a primeira vez que nos vimos? Você se lembra?

[Ele]

Lembro alto e claro.

[Ela]

E o que foi?

[Ele]

Eu sabia que ia te comer!

[Por algum motivo oculto ela acha graça e diz com um largo sorriso:]

Como assim?

[Ele]

-Ah, só sabia. Sei lá. Olhei sua cara e a “vozinha” disse: Eu vou comer essa mina. Foi tipo um strike.

[Ela]

Mas como?

[Ele]

Sei lá. Às vezes, só de olhar uma mulher, não sei, algo no clima, no ar, a maneira como ela se movimenta, o jeito como olha, as excessivas risadas em momentos desnecessários, a escova que elas fazem de tanto passar a mão nos cabelos, a cara de “eu nunca olharia para alguém da sua estirpe” e os trejeitos dizendo “minha buceta tá molhada como uma piscina de mil litros, cheia, até a borda”. Sei lá.

[Ela]

Eu fiz isso?

[Ele]

Não. Mas de alguma forma eu sabia, te juro.

[Ela]

Que coisa, isso é coisa de estudo comportamental...

[Ele]

Que nada. Isso é só mais um dos clichês da vida.

[Ela]

Clichê da vida?...

[Ele]

Clichê da vida... Se for ver mesmo, tudo se repete desde o início da humanidade. É o como o ciclo das águas. É tudo igual. Só mudam os personagens, a tecnologia, a medicina e os dubladores dos desenhos animados. Blá, blá, blá... A maioria de nossas atitudes são atos irracionais causados por um excesso de instinto atolados nos genes. E se você conseguir detectar estes “instintos dos genes que nos fazem ter velhas atitudes”, setenta por cento da vida fica previsível. E é só saber jogar as cartas pra levar as fichas.

[Ela diz com semi-espanto:]

Nossa. Nunca imaginaria ouvir uma dessas... Num lugar desses.

[Após uns quatro segundos de séria introspecção, ela continua:]

E agora, você está vivendo um clichê?

[Ele a segura carinhosamente, com as mãos em seu rosto, olha no fundo de seus olhos e diz:]

Posso ser sincero com você?.

[Ela faz sim lentamente com a cabeça. Olhos nos olhos. Ele continua:]

Esse é o clichê pelo qual eu esperava por toda minha vida.

S.P. Madrugada 28/09/03

[Ele narra enquanto dirige de madrugada]

Eu não queria ir para casa. Se fosse possível, eu transformaria a pista numa inacabável vereda. Faria a noite tornar-se eterna. A gasolina infinita.

Talvez ainda seja cedo demais para que fichas tornem-se lágrimas...

Nesta noite: nenhum lugar no universo pode ser meu lar.

Meados de 2001 – quarto dele.

[Ele]

Alô.

[Ela]

Oiii, sumido.

[Ele]

Sumido nada. Você que me esqueceu.

[Ela]

Eu nada. Você que é mó louco e some.

[Ele]

Sumi, nada. Você que sumiu.

[Ela]

Você pelo menos sabe quem é que está falando com você?

[Ele]

Não. Não sei. Quem é que tá falando?

[Ela]

Nossa, já me esqueceu? Também: deve estar cheio das menininhas.

[Ele chuta o nome dela e acerta. Ela continua:]

É né. Agora você lembra de mim.

[Ele]

E aí, o que aconteceu com sua voz?

[Ela]

Nada, meu. É que fiquei zuada por causa de uma gripe, aí. Tava ruinzona da garganta e fiquei mó rouca, meu.

[Ele]

Que chato.

[Ela]

Pois é.

[Ele]

Mas e aí: novidades?

[Ela]

A única novidade que tenho já é idosa.

[Ele]

E o que seria?

[Ela]

Ah, meu. Eu penso em você todo dia

[Ele]

Pensa? Por que?

[Ela]

Não sei, mas de vez em quando eu penso em você.

[Ele]

Tá vendo você querendo me enganar. Antes era o dia todo, agora: de vez em quando.

[Ela]

Para de brincar. Eu tô falando sério. Eu penso direto em você.

[Ele]

Finalmente uma boa notícia nessas terras sem lei...

[Ela diz com certa raiva]

Você não mudou nada. Quer dizer: não muito. Mas você está mais seco. E fica usando esse tom de gracinha só pra ficar dando garfadinhas de baixo da mesa na coxa dos outros. De quem você quer distante. Isso tá ridículo em você, mas tirando isso, até que você ainda dá pro gasto.

[Ele]

...p

E terminou exatamente aí. Mas até hoje tenho o enredo inteiro desta história na mente. Se tiver algum louco por aí, interessado em filmar essa merda, e-mail-me.

Ah, quase ia me esquecendo: este foi o último dos conteiros moicanos...

...Pô. Não lembro se já contei. Mas também tenho uma banda. Há cinco anos. E há cinco anos essa banda não vai para frente por falta de baterista. Cinco anos de uma longa jornada atrás do cara que leva as baquetas e os pratos. E nessa longa busca por falta da peça que faltava, encontramos vários tipos pela frente...

O primeiro – o melhor baterista que já vi tocando na vida – era psicologicamente estúpido. Caretão de tudo. Mas tinha uma certa dialética (que não nos faria passar vergonha em entrevistas) e carisma (pois era engraçado, quando queria). E após seis longos meses de muita criação, ele nos abandonou, sem mais nem menos, pois sua mãe havia mandado... Você acredita?... É, mas é real!. A mãe dele era crente e alguma futriqueira da vida foi lá dizer que um de nós era um alcoólatra e o outro fumava maconha e fazia mal as meninas. E esse fulano ficou perdido no tempo e não integra os anais da música.

O segundo nós apelidamos de chiuaua, pois o cara era do tamanho de um cotonete. E como sempre: foi um amigo que me indicou o fulano.

E só de olhar o naípe do cara eu sabia que ele não iria durar muito conosco. Ele era mais um daqueles toscões que se fecham num estilo e se travam pra vida exterior. Nem lembro que merda de som estranho ele curtia na época. Mas então: ele foi lá. Ensaçou com a gente uma vez. Fez cara de “preciso da minha mamadeira”, não disse porra nenhuma e nunca mais voltou.

O terceiro foi quando a internet ainda nem era tão dissipada país afora. Eu conhecia um site que tinha um espaço onde os músicos podiam colocar anúncios de qualquer espécie. Como um mural, mas sem tachinhas. E virtual. E nada de anúncios eróticos.

Fui lá e escrevi isso:

Banda – que só toca música própria – da zona norte de São Paulo (Jaçanã e arrabaldes), procura baterista para banda que mescla, com propriedade ímpar, Sam & Dave com Led Zepelin, Buddy Guy com Delinquent Habits, Sublime com Santana.

Pouco tempo depois um cara me liga...

Fizemos alguns poucos ensaios. Uns cinco, no máximo. Até saímos todos, como banda, num final de semana, para comemorar um ensaio. E até comemos umas minas lá do bar do Pedrão e pá.

Estava tudo fluindo muito bem até então. Mas, certo dia, o cara me inventa de trazer a namorada no ensaio. “Porra, cara. Você é burro? Qualquer banda com ética sabe que não se mistura Yoko com Lennon. Isso pode aniquilar os pobres besouros”.

Mas então: estávamos lá ensaiando quando de repente: “shhhhhh”. Tripa e eu nos entreolhamos malvadamente. E sem precisar dizer nada um ao outro. Só no infravermelho do pensamento mesmo, saímos correndo pelo extenso corredor, jogando as peças de nossas roupas para trás e ficando só de samba canção. Talvez você não esteja sacando, mas vou explicar: era chuva! Chuva de verão. O “Shhhhhh” era o som das gotas chocando-se contra a telha. E Tripa e eu fizemos um acordo retardado naquele verão. O acordo era basicamente isso:

[Durante uma chuva de verão qualquer que provocou várias enchentes cidade afora]

– Êh, Jack – disse Tripa languidamente enquanto dedilhava o violão.

– Quêêê? – mais lânguido ainda.

– Já que a gente nunca tem dinheiro para descer pra praia que nem o Sérgio – Sérgio é o vizinho “consideravelmente abonado” de Tripa –, vamos tomar banho de chuva?

– Pode crê, mano. Já que ele vai passar o mês por lá, toda vez que chover por aqui a gente toma um banho de chuva para exorcizar os demônios da nossa pobreza.

– Éêê! E dá duas voltas correndo no quarteirão só de samba canção.

Não entendi bem, mas a força do discurso me empolgou:

– Éêê, vamo aí – e saímos correndo rua afora. E ali fora estabelecido o “dia internacional do banho de chuva dos pobres coitados que não tem casa de praia nem uma Ford Ranger com uma moto na caçamba”.

Mas então. Saímos correndo corredor afora (pois, naquela época, éramos zureta), portão afora e chuva adentro. O irmão do Tripa já acostumado com nossas infantilidades concernentes aos futuros rockstars que éramos, explicou para o cara e sua rapariga o que estava acontecendo. E quando voltamos ensopados para continuar o ensaio, a mina do cara começou a nos olhar diferente. Ela nos olhava com uma cara de “vou dar pra vocês dois em cima desse tapete todo furado por bitucas e pontas que fede a vômito”...

...Hã... O fulanão sacou a fita toda na hora. E num acesso de ciúmes, também, nunca mais voltou. Quer dizer: ELE não voltou.

E foi até nesse dia da chuva que fizemos a “Perto do Mar”. Uma mistura de “Hot Hot Hot” ou “Ritmo de Festa” (as preferidas de Silvio Santos), com rimas naípe Latin Thugs e vocais no estilo Cantoras Negras Norte Americanas (quer o que mais?). Com backingvocals e divisões de rimas a lá Phunk JunkeeZ.

A letra é minha. Tripa fez a música. A letra parece ser grande pra caralho, mas o som não chega a atingir três minutos e meio (o segredo é entreter ao máximo e atingir o ápice com o refrão).

Perto do Mar

(Letra: Jack San Diego Música: Tripa Dementors)

“Quero fazer um rolê, lá perto do mar”...

Eu. Faço um teste que preste pra ver se comigo alguém desce na febre.

E aí. Aí. Por aí. A intenção é ir pra se divertir.

Então sem problema. Esquece o problema. Meu: vamo lá.

Sina: não ter carro pra descer.

E agora: de busão que tem ser.

Percebe? As minas pirando na gente?!

Hu, hu, ahhh, começamos bem. Bem!

Sem S.O.S.. Sem meidei, meidei.

Não sei nadar então não abusarei.

Levo minha bóia e meu pé de pato.

Farofa, cadeira e tudo que é de lei.

Refrão:

Vamos... “Aonde?”: Descer pra santos... Descer pra santos.. uhhh, descer pra Santos.

*Estrada, walkman, amigos pra rir.
 Na descida, descí. O santo ajuda por aí.
 Então venha. Que vem. Pra mim, meu bem,
 Que eu aqui lhe ferver. E passo a maionese, fazendo scratch.
 “A noite vamos dominar pois nós somos:”
 Doutor Wk e Os cobiças, “invadindo sua praia”.
 Acho que chegamos ao destino marcado.
 “Uma cervejinha é do balacobaco”.
 Não devo nada à ninguém.
 E olha só quanta mulher tem.
 Fico lá no sol torrando:
 “Ai. Depois minha costa vai assar”,
 Vou dar um tiburão lá no mar.
 Hu, hu, há, há, há.*

*Refrão:
 Vamos... “Aonde?”: Descer pra santos... Descer pra santos.. uhhh, descer pra Santos.*

*(bridge)
 Anoiteceu. Morcego sai pra caçar!
 Clima quente aqui. Quanta gente, por aí... Por aqui.
 É assim. Adoro isso aqui. É um paraíso. “O que:” Sexual.
 Que beleza. Colamo na mesa. “Manda lá garçom: aquela brêja”.
 O clima é só meu quando estou High.
 Trocando idéia e louco pra arrastar.
 Pra areia, num carro ou num becooo.
 Aquilo naquilo. E daquele jeito.*

*Nós vamos ali, mas se eu não voltar.
 Nem precisa se preocupar.*

(scraths pornográficos)

*Vamos fazer churrasco, atrás do barraco.
 “Pega o violão senão alguém vai ter um parto”.
 Parto?! Como eu não sei. Só sei que é minha vez.
 Sai da minha reta que é nós por vocês:
 “Sei, que uns loucos, querem treta, mas dessa fita aí: vou desviar”
 Me assegurei bem antes de descer: “muita prosperidade pra mim, pra vocês”...
 Regina? Patrícia? Keila, sei lá! Tudo que anotei foi o telefone.
 Só que eu não lembro aonde ele parou.
 E de repente uma idéia me brilhou: “Coma”...
 “Coma no Joe’s”, fui até o Joe’s, brow.
 Fiquei na estica de comer um super frango.
 “É meu amigo: quem não curtir, aqui: é lango”.*

*Refrão:
 Vamos... “Aonde?”: Descer pra santos... Descer pra santos.. uhhh, descer pra Santos.*

E fecha com palmas entorpecidas. E “Todo mundo” e “Só vocês” e os caralhos à quatro... Só não vale falar “Valeu galera”.

Tripa... O Tripa é foda. Toda vez que começava uma conversa com “Êh, Jack” é que lá vinha alguma proposta indecorosa. Propostas do tipo:

[Madrugada qualquer. Ponte da Vila Maria. Voltando a pé de um estúdio no Tatuapé]

– Eh, Jack. Hoje o ensaio foi mó merda. Deu tudo errado. A gente brigou com os caras...
– Foda, né? Mas somos pagos pra isso...
– Então. A gente tá mó de cabeça nervosa, perdemos a lotação, a bateria do violão (elétrico)... – sempre que ele enrola é que lá vem merda – vamos rolar aí ó, pra gente ficar feliz?!!
O “aí ó” de Tripa era uma daquelas alças de acesso da ponte. Onde a grama é verde e a íngreme inclinação clama o delírio dos loucos que por ali passam.
– Vamo aê – respondi e me joguei.

Voltei para casa cheio de lama. Ele voltou limpinho.
Por nossa banda passaram vários outros tipos. Outras histórias hilárias e mil vezes mais engraçadas do que as que relato por meio desta. Mas não vem ao caso (e obviamente estou guardando as melhores tacadas para a hora de dar a grande tacada: “Valium Cinco Estrelas”, um filme sobre bandas falidas, mulheres impossíveis e bolachas de chocolate).

Mas para fechar essa “morte da bezerra”. Depois que o irmão do Tripa decidiu seguir a vida de rapaz de família fui obrigado a voltar naquele antigo site. E colocar o seguinte anúncio:

Banda – que só toca música própria – da zona norte de São Paulo (Jaçanã e arrabaldes) procura baixista e baterista (que não queiram meter o dedo em nossas músicas sem manjar porra nenhuma) para banda que mescla, com propriedade ímpar, Sam & Dave com Led Zepelin, Buddy Guy com Delinquent Habits, Sublime com Santana.

E nisso conhecemos Jazzfunk. Um baixista bem humorado da Moóca. E que esteve presente em fases antológicas da vida de Tripa e minha. Momentos de loucura, amizade incondicional, vadias a vera, drugs free e muita música. Mas essa história não vem ao caso. Vou guardar pro “Valium Cinco Estrelas” (next summer).

110, 220 just a little suck

Sofia é franco descendente. Obviamente a mãe é brasileira. Brasileira de Brasília. “Malditos gringos”. E uma alva frieza européia lhe constituía a pele. E uma sacanagem homérica lhe corrompia a alma. E eu achava que ela devia ser minha. E ela achava que devia ser minha quando quisesse. E eu não reclamava e até achava bom, mas aceitava tudo com a alegria de quem senta em um pinico com ácido sulfúrico, até a borda.

[Três anos antes]
– Qual é sua fantasia, Jack? – perguntou-me Sofia enquanto fechava o portão.
– De papai noél.
– Não tô falando da festa. É fantasia sexual mesmo.
– Não sei. Acho que eu tenho mais vontades do que fantasia.
– E qual seria sua vontade? Seu desejo mais depravado?
– Meu desejo mais depravado... Eu tenho um, mais é muito junkie.
– Como é?
– É ser chupado até esporrar enquanto dirijo de madrugada na marginal ouvindo “It’s Your Thing” do The Isley Brothers, com uma garrafa de vinho em uma mão e um bécui na outra.
– Só isso?
– Só.
– Eu levo o vinho. Me pega aqui lá pela uma?
– Tá.

E assim foi nossa “primeira vez”.

8 minha vida é andar por este país... chamado São Paulo

– É pra lá ó – gritou um trouxa que passava por nós. Me reconhecendo do comercial. Nem liguei.

...Em certo ponto da vereda tive um blackout. Um apagão. Algo como a própria morte de tão sereno...

De madrugada as artérias asfálticas estão livres como um não travestindo-se de sim. Como as pernas entrelaçadas de sua amante, sobre o ombro, contendo-te para o que ela mais deseja naquele momento. Madrugadas essas que dão livre acesso ao pé na tábua, mas não; nada de pisar. Apenas fluir no compasso do mantra um ponto três de um só carburador que nos carrega sobre sua brutalidade azul e sincera.

– Para ali no posto pr’eu comprar um vinho.

Paramos.

–E aí grande. Tem um bebedor aqui? – o frentista me indicou o lugar e fui andando até lá enquanto Jôni adentrava a conveniência do posto.

Jôni saiu convenientemente acompanhado da conveniência do posto com duas minas que com certeza deviam estar indo para a rave (ou vindo de uma), enquanto eu calibrava os já quase calvos pneus. Uma tinha o cabelo roxo. A outra num tom “vermelho gritando: Aioh, Cavalo de Fogo”.

– Olha ele lá – disse Jôni segurando a sacola.

As minas eram mó delícia. Uma já estava claramente na do Johnathan.

E aí, as minas também estão indo pra lá – disse-me Jôni com um largo sorriso na fuça – vamo dar uma carona pra elas...

(E enquanto.. Ah! enquanto porra nenhuma...) Vrummm...

Johnathan já estava se embucetando com a roxinha que apelidei de Roxane no banco de trás enquanto a outra, a dama de cabelo vermelho continuava a fazer cara de cu com nojo para mim. Troquei umas duas ou três palavras com a fulana da meia pirulito. Branca e vermelha. E fiquei imaginando ela toda peladinha, só de meia pirulito. Branca e vermelha. De joelhos. Me fazendo uma gulosa com requintes de baba quente. Uma gulosa branca e vermelha.

E ela fazendo sua cara de cu com nojo in látex. E meu pau ficando duro, enquanto imaginava ela dando uma bela duma caprichada em meu pirulito. Em branco e vermelho. Enquanto eu tocava o navio rumo à rave urbana. Batendo uma siririca com o médio direito atolado no cu dela. E as bolas flanando em seu queixo. Batendo uma punheta com a cara dela. Vermelha e branca. Vrummm.

Mas ficou só na imaginação. E ela continuou lá. Desviando sua cara de cu com nojo da minha cara de “sou apenas um cara e sua busca estúpida e você que se foda em vermelho e branco”. Ela com sua meia pirulito. E eu querendo enfiar meu pirulito em sua goela abaixo. De branco e vermelho.

Eu tenho essa incrível capacidade. De manhã estou com dois puta mulheres sob meu teto e a noite não consigo nem trocar idéia com uma Paty drogada metida à besta que está vendo sua amiga punhetando meu amigo no banco de trás do meu pavão azul...

“Ela está ao meu lado, mas nem imagina o que sou capaz, onde irei chegar. Otária”.

Jôni fazia o naipe Weezer...

...Eu não!

Nem consegui tomar aquela merda de vinho. As minas secaram a garrafa rapidão. A sorte é que eu já havia brecado a ingestão de líquidos venenosos durante aquela noite. E não sou lá muito fã de vinho. Não tenho ídolos.

9

la rave urbana

Um puta dum galpão cabuloso. Gente que só a porra. A caixas estavam estourando um pouco, mas dava para entender o som. Talvez o DJ estivesse sem retorno. A Roxane – rochane e não roquissani – não

soltava o pau de Johnathan em momento algum. Fiquei até com a impressão de que ela estava usando o pau de Johnathan como apoio para sua incoordenação motora. Tipo: usando palito de muleta.

A outra demonstrava estar amplificadamente entediada, única e exclusivamente por culpa da minha presença. E eu já estava ficando puto com ela. Logo mais explodiria. E ficou mais que claro que ela tinha algo contra mim e mais ninguém em toda a extensão do sistema solar. Mas por que?...

Finalmente trombamos o cara.

– E aí João, firmeza, véééio... – pouparei-me de escrever este momento (pois to com mó sono).

E como sempre:

– ...mas então. Faz um tempo aí que eu vou lá buscar a Paloma.

Finalmente eu desvendaria quem era a tal da Paloma Negra. Os caras não chegaram a conversar sobre ela. Foi rápido e o som estrombava.

E espera e espera e espera e espera... Eu estava mais impaciente que Johnathan, que àquela altura já devia estar pra gozar na cueca de tanto comer a mina sem tirar a roupa.

Percebi que a amiga da segurança de cacete olhava para mim fixamente, atraindo-me magneticamente com os olhos, só para depois ter o vil prazer de virar aquela merda de rosto para o outro lado. “Aí já tá tirando”. Depois dessa decidi espantá-la para bem longe de mim. Decidi ser bem escroto. E da arte da escrotidão eu manjo, pois ando com Johnathan Ellen Silva (o professor da escrotidão impiedosa).

“Pense como Johnathan, Jack”.

Cheguei perto de sua orelha e disse bem alto:

– Eaeae, você não quer ajoelhar aqui e chupar meu pau, não?

– Vai tomar no seu cu, ô filho da puta.

– Vai chupar ou não?...

– Vai se fuder, seu viado.

“Complete mission”.

A mina saiu em direção ao bar. E Johnathan não se agüentou:

– Eh, San Diego, segura o dinheiro aí ó. Quando aquele cara aparecer aí você pega a Paloma e paga ele.

– Certo, vai lá.

Johnathan, “o Weezer”, foi abater sua fulana em algum local mal iluminado de la casa. E eu fiquei parado. Olhando todos dançarem. Se divertirem em alta definições de cores. Cores psicotrópicas. E não o vermelho e branco daquela vadia. Mas eis que as luzes se apagam. Fiquei em preto e branco. O mundo subtraiu-se de mim. Senti-me só. A motivação se foi. Sobrou a angústia. E nada mais. Todos dançavam. Dançavam. Mas já não havia som. Nem cores. Nem vozes. Mas dançavam. Dançavam em preto e branco. Nada de vermelho e só a sensação. Sensação de estar só. Só ali no meio. Onde todos dançavam. Mas já não havia ninguém. Só eu. Que não era ninguém só. E só fiquei. Ali. Onde todos dançavam. Mas já não havia cores. Nem vozes. Nem eu.

– Vê cê tá boa – disse-me o amigo de Jôni, jogando duas bolinhas de haxixe em minha mão.

– Xeu vê... O cheiro é estranho pra caralho. De onde é essa porra?

– É daqui mesmo. Eu tô fazendo um movimento. É haxixe hidropônico.

– Caralho. Existe até isso agora?!!

– Pode crê. Mas e aí. Cadê o Jonas?

– Foi comer aquela mina lá.

– Ah. Aquela lá?... Mas ele deixou o dinheiro aí?

– Ô. É quanto mesmo? – me fiz de trouxa.

– Quarenta duas cabeça. Mas como cês são sangue bom, eu vou fazer duas por trintinha.

“Acabo de ganhar dez reais”.

– Tô.
 – Estão todas do mesmo tamanho, mas cê qué escolher uma aí? – me mostrou um saco de pão cheio de bolinhas de haxixe.
 – O que é isso? É hospitalidade sulista? A rave tá rendendo bem? Ou você só quer me viciar mesmo?
 – Isso é Paloma Negra, meu amigo.
 – Paloma Negra?! (?) – ? – [?]. Essa merda que é a tal da Paloma Negra??
 – Merda nada, fumou, rachou...
 – (...), (...). Só... Valeu tru. Falô.
 – Se precisar liga nós – e foi-se embora.

Abri a palma da mão. Ali. Onde todos dançavam. E disse:
 – Paloma Negra... – uma leve introspecção de cara fechada – então você é a tal da Paloma Negra?... Não acredito... – ainda pensei em ser style e dizer algo digno de um Festim Diabólico, mas o queixo havia caído de tal forma que mal conseguia ruminar uma mosca.

10 smells like buceta mal lavada spirit

– Tô as irmãs gêmeas – joguei as bolinhas para Jôni, que chegou fedendo a buceta extremamente mal lavada. Uma buceta encardida por exaustivos dias de drogas de toda a sorte, danças intermináveis, quase transes indígenas, e muita porra de desconhecidos de cabelo espetadinho.
 – Que?! Uma é sua!
 – Por quê?
 – Porra, você já trincou várias, agora sou eu que tô fazendo a préza.
 – Não, mano. Pode ficar com você.
 – Ah, San Diego, vai se foder. Vai fazer essa desfeita, agora? Tá desfazendo do presente?
 – Presente? É meu aniversário, agora? Não é você que vai ficar mais velho, porra.
 – Dá a dele pra mim já que ele não quer – disse a buceta mal lavada recém comida.
 – Vai, Jack. Guarda para uma ocasião especial então, pra não ficar como desfeita – guardei aquela merda no bolso.

Algo estava corroendo minh'alma. Eu sinceramente não estava nem um pouco feliz ali. A cabeça voltou a latejar e eu voltei a pensar “em coisas” pontualmente na hora errada. As cores voltaram a dissolverem-se tristes da película. E eu jurava que ia ter uma congestão cerebral e cair duro ali mesmo. Um boom de informações. Uma overdose de pensamentos. No meio de uma rave. [*Com tanta droga por perto você vai morrer careta? E de tanto pensar? Que merda*].

Havia um balcão por lá. Mas não havia nele a condescendência inescrupulosa dos botecos do bairro e eu não conseguia me encaixar de forma alguma ali. Fora o projeto de barman que ficava toda hora perguntando o que eu queria.

Saí dali. As paredes não me confortavam. E só havia vultos ali. Dançando. Senti que ia surtar. Que talvez não agüentasse toda aquela pressão em busca de obras, maletas, opalas, kit gás, casas e vacas loucas que desembestam com seus paninhos de bunda para Los Angeles. A quietude da caneta. A sensação de constante improsperidade. A cara limpa. As modernets without ballcats. Gás de cozinha. E o constante sinal vermelho de “Hollywood” para minhas excessivas e anormais extravagâncias...

Boom... Já era. Capotei sem me mover – e sem capotar.

– Então, Jôni. Sobrou dez conto do rachadão. Eu acho que vou sair fora. Fica com o carro aí.

– Vai se fuder, Jack. Frescura logo agora?! Logo você?!

E como explicar toda a dimensão daquela questão, em menos de dois minutos, para Jôni, no meio de uma rave onde o som estralava os tímpanos. Ainda mais ele estando acompanhado da mina. Ele não ia querer ir embora nem a pau. Mudei de estratégia.

– Pô, mano. Então vou lá fora tomar um ar. Acho que a cerveja vai voltar pra mesa – era mentira, óbvio, mas livrou-me do chororô.

Sentei-me no pára-choques da fuca azul pavão, 1970, rutilando malandragem. Que estava dentro da propriedade do galpão. Em um espaço que mais parecia um grande quintal dos fundos.

- Tá pensando, Jack? – gritou Flávia, literalmente surgindo do nada, com alguns desconhecidos.
- Ô, e aê.
- Cê é foda hein. Cê beijou minha amiga a força – disse com breaca propriedade.
- Ela pirou.
- Cê é doido... Mas aí: que que cê tem? Tá de canto de novo?
- Não tô de canto... Tô discutindo técnicas de xadrez com meu zíper.
- Ah, seu doidinho... Cê tá de carro aí?
- Por acaso é nele que estou sentado.
- É mesmo né – e Flávia teve mais um de seus surtos de riso – na hora que você for sair fora cê me dá uma carona?! Eu tô locona.
- Percebi. Cade a motóca?
- Não, nem vim de moto, eu vim pra curtir, tô com os doidos ali ó.
- “Ufa”.
- Vai lá, parece que tão te esperando. Depois te ligo lá. Ou você espera aqui no carro. Vou deixar a porta esquerda aberta.
- Certinho... ..Jack...
- Que?
- ...Para de pensar e vive!
- (...)
- ...Flávia. Quer fumar um haxixe hidropônico?
- Vishhh... Como?...

Flávia arregou. Se ela tivesse voltado eu iria dar aquela bolinha de haxixe hidropônico para ela. Mas não foi nesse dia.

“Haxixe hidropônico, até isso agora”.

Até que a garota meia pirulito iria bem numa noite dessas. Uma foda toda em vermelho e branco dentro do azulão. Da hora... Para melhorar mentalmente a imagem, eu colocaria um pequeno globo de luz vermelha descendo do teto. As janelas fechando suas cortinas automaticamente. E automaticamente começaria a tocar ‘Let’s Get It On’ e os bancos transformariam-se num enorme colchão branco... Ela só de meia pirulito branca e vermelho. Nuazinha em depilações. Rebolando seu peso sobre meu corpo. Em vermelho e branco. Cavalgando na minha pica. Se auto perfurando do jeito que mais gosta. Depois a colocaria de quatro e daria vários tapas naquele rabo enorme, (‘tá gostando minha puta?’) só pra ficar mais ligeira e aprender a nunca mais fazer careta pra mim... Como punição colocaria seus joelhos em seu ombro e foderia aquele cuzinho for a long time. Depois colocaria o cacete na boca dela, para que sugasse, enquanto eu esporrava, o tempo de nossas vidas, naquela boca cheia de dentes branquinhos enquanto estivesse revirando, exorcisticamente, os olhos...

[*Que viagem foi essa?*].

“Sei lá. Talvez eu utilize o plano b e vá ser valet em Las Vegas. Compre uma caminhonete. Uma espingarda. Uma Gibson. Esqueça o horrroso teor de meu passado, tire uma prostituta das ruas, case numa igreja fast-food e leve uma vida sossegada, solando blues na varanda e xingando a criança: ‘Não mijem nas minhas begônias, seus pestinhas desgraçados’”.

- Por que você tá triste? – perguntou a maluquete com jeito de cigana pop star, me dando um susto.
- Como você sabe se estou triste ou não?
- Não sei. Parece.

– O que que parece?
 – Parece que você tá triste.
 – Por que?
 – O seu jeito. Sua cara de quem está longe. Não sei.
 – (...)

– Qual seu nome?
 – Jack.
 – Não. Seu nome mesmo. Esse é seu nome mesmo?
 – Pelo menos é o que diz no meu R.G..
 – (...) Posso ler sua mão, Jack? – (as pessoas adoram dizer meu nome e eu adoro ouvi-lo sendo dito).
 – Não.
 – Por que não?
 – Por que esqueci minha carteira na outra calça.
 – Que malvado você! Não vai custar nada não.
 – Nem favores sexuais?
 – Não mesmo.
 – Então lê essa merda aí.
 “Era tudo que eu precisava”.
 – Sua linha da vida é longa e se encontra com a do amor. Isso significa que você vai achar uma pessoa especial para você.
 – Onde?
 – Não sei.
 – Pode ser aqui?
 – Pode ser em qualquer lugar.
 – Até num teleférico em Aspen?
 – E por que não?
 – Que mais tá escrito aí? Eu não to vendo nada.
 – Eu vou jogar seu tarô. Posso jogar seu tarô?
 – Só não joga muito longe.
 Pegou as cartas na bolsa.

– O que você quer saber? – ela perguntou.
 – Sei lá. Não é o futuro?!
 – Mentaliza a pergunta e me diz.
 – Humm. Qual seu telefone?
 – Eu to falando sério. Isso não é brincadeira.
 – Então tá. Quem vai ser essa doida que vou encontrar?
 Fez a mandinga.

– Ela é ruiva e vai te apoiar em tudo. Ela tem olhos azul-piscina e é de fora do país. Vai fingir algo relativo a trabalho apenas com o intuito de se aproximar de você, pois ela sabe que você é seu grande amor. Virá de longe. De um país muito muito rico. E vai ser difícil a comunicação... Diz aqui que você terá uma vida longa e morrerá em uma queda de elevador, aos oitenta e dois anos, voltando da casa de uma amante que poderia ser sua filha.
 – CARALHO... Seu tarô tem teleprompter?
 [*Ligue Djá*].

“Até me sinto mal. Bem de longe, mas me sinto mal”. Eu maltratei muito Sofia. Não que eu tenha quebrado os cotovelos dela com um bastão de beisebol ou seu indicador com um martelo, como nos melhores cassinos, mas psicologicamente. Facadas na consciência. A cólera de um mecenas doidão.

Querendo ou não. Algo em minha natureza não aceitava a falta de revide aos quatro anos de “somos apenas bons amigos”. De natais falidos e mancadinhas visíveis.

Nessa época – a era Sofia de entretenimento – ela anunciava que eu era o homem da sua vida. E eu não cansava de retaliar seus antigos atos com extrema maldade. Sadismo puro...

Que tipo de louca suporta um cara assim? E por que?

– E aí, San Diego. Entra lá, mano. Vai ficar o resto da noite sentado no ferro aí?

– Vai se ferrar.

Johnathan sentou-se ao meu lado.

– Aí ó.

– Aí o que? – ele perguntou.

– Se ferrou. Falou de mim e veio direto sentar no ferro da fuca.

– (...)

– E aí, cadê a Roxane?

– Que Roxane você tá falando? A mina que tava comigo?

– É.

– Sei lá. Sumiu. Deve tá dando pra outro. (...). Por que você não catou a ruivinha?

– Por que ela tem cara de quem chupa fazendo careta.

– E aí, vamo fumar aquele rachado?

– Fuma aí, mano. Você num nasceu grudado comigo – respondi.

– Ainda bem, mas você vai ter que fumar comigo.

– Eu não vou fumar.

– Por que não?

– Por que eu não quero fumar essa merda.

– Por que não?

– Sei lá, porra.

– Você aperta pra mim então? Minha coordenação não vai ajudar muito. Vai ficar mó pastelão.

– Então se mata pra dichavar aí que eu bólo.

Após muito sofrimento.

– Aí ó.

– Certo... Liga o som lá, Jack.

– Pra que?

– Esse som aí tá mó bosta.

– Nem vou ligar senão vai ficar mó zuada da porra. E meu crânio tá foda.

Johnathan acendeu o bagulho todo errado e disse:

– (...) Dá um pega aí.

– Não.

– Vai caralho, não faz desfeita.

– Desfeita do que, porra? Que merda de desfeita?

– Caralho, Jack. Hoje nos temos que comemorar. Celebrar a vida. Soltar fogos. Comemorar, confraternizar e assim vai...

– Comemorar o que? Essa merda de rave urbana? A Paloma Negra. Aquela idiota de meia pirulito?

– Não, seu burro. Comemorar meu aniversário.

– Seu aniversário é só amanhã.

– É hoje. Eu nasci aos cinquenta e quatro minutos... Primeiras horas do dia oito. Então, tecnicamente, a hora do meu nascimento passou faz tempo. Então cala essa boca e fuma esse lixo aí.

– Merda!...

– “Quem foi o maldito que inventou essa história de ‘desfeita’?”.

PALOMA TRIP

1

...os cavaleiros do amoníaco...

“It’s a weed war and somebody gonna die”, trecho da música “Weed War” da banda “Phunk Jukeez”

Sintoma: Toda vez que eu ficava chapado a ponto de perder o chão sob meus pés eu cantarolava a musiquinha do super Mário Bro’s. Aquela da primeira fase, saca? O porque eu não sei, mas era quase automático. O chão sumia e vinha a porra da musiquinha do super Mário na mente. Dale Super Nintendo. Talvez fosse uma maneira de continuar psicologicamente ligado ao planeta Terra. Algo telúrico talvez.

E caso a maldita musiquinha viesse acompanhada da frase “Nooossa, maaano. Cadê o mundo?” é porque eu estava literalmente atravessando as fronteiras de Marrakech só de pantufas, sombreiro e cinto de cowboy.

2

só quem é louco se identifica

“Ten, ten, tãrãtenten, tãrã tãtãtãTãtãtã, turin, tin, tin, tin, tin, tãrãrãtã”.

– Nooossa maaaaano, cadê o mundo? – eu disse, literalmente zuado.

– Nooossa, Jack. Fiquei trilili.

– Trilili o caralho. O chão tá subindo, mano.

– Que brisa é essa, San Diego?

– É a brisa hidropônica.

Ataque de riso, coletivo, número um.

– Aahaha, brisa hidropônica foi foda... (...) Barata.

– Que que tem o Barata?

– Não. Barata. Barata!

– Barata?

– É. Ali ó.

– Onde cê tá vendo barata?

– No chão, porra.

– Cade?

– Ali ó.

– ...Aquilo ali não é barata, burro. É folha seca...

Ataque de riso, coletivo, número dois.

– Pára senão vou mijar nas calças – eu disse.

– Nossa mano, minha barriga tá até doendo. Saiu lagriminha.

– Também, mó idiota.

– (...)

– Que brisa forte da porra. Tô sentindo meu olho em brasa.

– E o meu, como tá? Olha aí.

– Parece um canhão de luz...

– Tá branco?!!

– Parece um canhão de luz vermelha.

Ataque de riso, coletivo, número três.

– Caralho, Jack. A gente nunca riu tanto quando fumou.

– Não mesmo.

– (...) Tá ligado àquela hora que você foi pra sua casa hoje cedo?

– Hã?!

– Então. Eu fui à Adriana... Fui indo. Andando. Andando na rua dela. Aí não tem aquele terreno na rua dela?!

– Hã?!

– Então. Eu tava passando do lado do muro do terreno e tinha um daqueles banheiros móveis lá dentro. Sabe?! Aqueles azuis?! Tem uns que são verdes. Então. Ele tava lá. Parado. Parecia que tava olhando a rua porque ele tava mais alto que o muro. Só que do outro lado. Aí tava indo. E quando olhei pro lado, não é que o barato começou a andar?!

– Vish...

– É sério, mano. O barato começou a andar. Aí eu subi no muro e vi que o negócio tava em cima da caçamba de um caminhão. Aí deu mó raiva. Pensei que fosse um contato imediato de primeiro grau com um banheiro público.

– Que história podre.

– O pior é que se conto pra alguém o povo fica achando que eu tô zuando.

– Sei bem como é isso. Eu já vi um cara sair do bueiro...

– O que?

– Eu já vi um cara sair do bueiro.

– Sério mesmo? Onde?

– Na sua rua.

– Na minha rua?

– É. Eu tava indo atrás de trampo. Lá pr'umas seis e meia passei ali na sua rua pra pegar aquele busão ali de cima. Aí quando olhei lá no final do quarteirão, vi um cara saindo do bueiro. Com uma sacola. Tipo uma trouxa, nas costas. Só de bermuda. E não dizia nada com nada. Ficava ruminando, tá ligado? Parecia aqueles mortos vivos do Resident Evil...

– Nossa que loco.

– Pode crê.

– Mais louco ainda foi daquele tiozinho que parece o lenhador do pica-pau, tá ligado?

– Aquele da Rua Onze?

– É. Então. Cataram ele enrabando um cachorro de madrugada atrás do caminhão do seu Genaro.

– Aaaaaaaahhahah... – Ataque de riso, coletivo, número... “Vish, já esqueci” – ridículo.

– Nada é mais ridículo que dançarinos de axé, San Diego.

– Acho que não.

– O que é pior que um homem dançando axé?

– Um teletubies de calcinha...

Mais um ataque.

– Hum... – soluçou Johnathan.

– Que que foi?

– Nada. É que eu tava imaginado o Dalai Lama comendo a Paris Hilton.

– Putz

(risos)

– Hum...

– Que foi? – Perguntou Jôni.

– Nada não. Eu tava lembrando de uma do Fumagalho.

– Qual delas?

– Foi uma vez quando acabou energia por causa da chuva. Era fim de tarde, já tava ficando escuro, tá ligado?! Aí a gente ficou jogando truco à luz de velas, o Barata disse: “Segura aí que eu vou dar um cagão”. E o senhor Robério Fumagalho, sábio e assinante da TVA, como é, disse com sua altivez de monge opiado: “Não dá pra cagar agora”. O Barata perguntou, intrigado: “E por que não?”. E o mestre dos “magros” respondeu: “Por que acabou a luz, oras”.

E dá-le ataque.

Após outra longa meditação transcendental, ali, no banco/pára-choques, olhando para o backyard da rave, sem dizer um A um ao outro, apenas viajando na Paloma, Jôni começou:

- Eu queria ser desenhista.
- E você não é?
- Eu sou desenhista, mas não desenhista... Eu queria fazer cartoon.
- E porque não faz?
- As portas não estão se abrindo, Jack. Mas logo vou começar a introduzir uns tramos no blog. Vai que vira.
- Então faça isso... Que vira.
- É o que eu vou fazer... (...)

(Breve período de ascetismo chapo-iluminado).

- Você tem sonhos, Jack?
- Não. Eu não sonho. A coisa mais rara é eu sonhar com alguma coisa. Geralmente é só treva.
- Não to falando desse tipo de sonho...
- Já tive um.
- E qual era?
- Não lembro.
- Não lembra o caralho. (...)
- Eu lembro perfeitamente, mas por favor, não me pergunte mais sobre isso...
- (...) Por que você começou a fazer roteiros, então?
- Não sei.
- Você também não sabe de nada, eim.
- Não se preocupe. O nada que eu sei foi eu que aprendi...
- Tá, mais fala aí...
- Na verdade o porquê eu não sei. Só sei que comecei a fazer. De uma hora pra outra. Toda vez que eu assistia um filme eu ficava brisando “o cara que escreveu isso deve ser o cara mais louco do planeta”. Identidade, Jôni. Talvez porque me senti em casa perto desse bando de loucos. Se for racionalizar mesmo é porque subconscientemente eu devo ter visto ali a minha turma. Algo como: andorinhas andam com andorinhas e os loucos com seus colegas de sanatório que lavam o rosto com água de assento sanitário. É isso. Algo na minha cabeça vivia me dizendo que a única forma de alguém ouvir minhas “loucuras”. Eu queria estar entre outros loucos incompreendidos, pois só estes loucos incompreendidos seriam capazes de entenderem a minha loucura incompreensível, saca?
- Por que: ser ouvido?
- Por que ninguém me ouve, cara.
- Eu te ovo.
- Eu te ovo?! sai pra lá com essa história. Eu que te ovo, daqui ao ano novo.
- Para de zuar, caralho. Fala sério..
- Sei lá, porra... E eu fico com essa sensação de que talvez eu seja o único idiota no planeta que talvez merecesse um pingo de atenção, mas devido a alguma coisa que ainda não descobri o que é as pessoas não costumam me dar atenção. Talvez por que não quero, não tento e não sou igual aos que fazem “parte desta massa”... Quer dizer. Não costumavam. Se não fosse os conteiros eu estaria criando “pras paredes”, tá ligado? E por mais que eu não almeje muita coisa, tenha oportunidades e não agarre por pura frescura ideológica, eu não quero fazer algo que não será visto jamais. Se for assim eu nem faço. Não importa dinheiro, nem as cinemo-groupies [*Mentirooso*], nem as noites de estréia. O que importa é que algum imbecil em algum canto da terra veja o que criei e quiçá, entenda o que eu quis passar.
- E o que você quer passar?
- Nada que seja mastigado a ponto de responder essa pergunta em menos de meia hora e nada tão complicado que não caiba em duas linhas. Nada de virtuosismo. Virtuosismo é pra guitarrista sem noção. Não pra quem escreve. Seja lá o que for.
- O Jack tem um propósito...
- E você não?
- Não agora.
- Nem eu.

- E propósito de vida, você tem?
- Sim.
- E qual é?
- Não ter propósitos de vida. E você?
- Morrer completamente bêbado...

Paloma era realmente especial, pois ela conseguiu fazer Jôni esquecer de si mesmo por alguns instantes. Parar de falar nele. Na arte dele. Do que ele vai criar. Das idéias. Conceitos. Planos infalíveis... É que me poupei de escrever trilhares de suas falas sobre si mesmo nesta louca noite...

/...Johnathan era um cara extremamente sagaz. Deixava qualquer um sarcasticamente sem escapatória com sua agilidade para respostas instantâneas, mas confundia esta sofista sagacidade com algo iluminado. Sendo que era apenas o fruto de muito seriado gringo na mente. Era fácil lidar com ele (se você estivesse bem acostumado, pois sofistas são previsíveis: eles sempre buscam te atingir no ponto mais fraco o mais rápido possível e te deixar sem ação. Te deixar o pior possível diante alheios. “Think about it e ache suas próprias respostas”). Ele arautava ser o cara mais foda do planeta à deus e o mundo. Aliás, muita gente faz isso por aqui. E era incapaz de compreender que toda sagacidade é uma coisa bonitinha para quem quer fazer um showzinho e aparecer forçosamente, mas essa toda essa saga não passava de uma rosa sem raiz plantada na pedra: é bonitinha para se ver. Mas é sem futuro. Eu vivia dizendo isso à ele. Com todas as palavras. Às vezes com palavras além da conta... Mas ele não compreendia a essência, só a superfície. Se fodia e não aprendia. Aliás. Ele é um dos que não compreendem porra nenhuma, mas o convívio releva...

Johnathan, apesar de relatado aqui, e de eu ter certa consideração por ele (mais em respeito aos rolês sem destino que fizemos do que qualquer outra coisa), não era meu amigo. Amigo é uma palavra forte demais para sair distribuindo assim à esmo.

Ele era um dos que estavam na lista a serem cortados de minha ambiência mais que urgentemente, pois eu estava fazendo uma faxina majoritariamente necessária em minha vida que desandava para o suicídio. Uma faxina que cortaria todo mundo que não tivesse a mínima relevância extracurricular, por assim dizer, em minha vida.

Cortes tipo: Parar de cumprimentar todas essas vizinha(o)s fofoqueira(o)s que nunca me disseram mais que um oi. Vinham de sorriso amarelo-falsidade e depois ficavam inventando histórias inexistentes sobre minha vida. Cortar o povo que aperta sua mão, sorri e reza para um piano cair em cima de você na próxima esquina.

Na verdade (e sem suavizar) eu estava cortando qualquer pessoa que tivesse tido algum tipo de atitude (má) comigo que eu jamais teria com ela. Só isso. Nada mais. É questão de respeito. Não faça comigo o que eu jamais faria com você e vice e versa. E Jôni estava na lista apesar de ser cara o que mais andava comigo naquela época.

Jôni era um dos que atrasavam meu lado. Perdi de curtir muito minha vida por culpa das frescuras amuadas a *la* filhinho de mamãe de Johnathan. Perdi de comer muita mina (apesar de nem tão recentemente comer algumas por sua amuada influência), de fazer muita loucura, de ir pra vários picos. Aliás. Perdi uma grande parcela de minha vida crendo em amizades infrutíferas apenas por senso de amigo que sou de “Uma hora o mano se toca e sai da inépcia, para de dar mancada, vê *qualéquiê*” e depois os caras fazem festas onde convidam todo mundo, não me chamam. E depois fico sabendo que o cara disse: “Nem é convidar o Jack porque ele é mó locão e o resto vocês já sabem e blá, blá, blá” (bela bosta de amizade). Ou como o próprio Tripa que poucos dias atrás – durante o período de transcrição – apareceu no messenger dizendo “Nossa mano, minha festa foi lôca... Cê é foda. Cê nem foi na minha festa né?!”, aí respondi: “Lógico que não, você não me convidou!” e ele: “Mas tava todo mundo sabendo” e eu: “Mas ninguém me contou” e ele: “Mas eu convidei todo mundo”, aí respondi, já puto: “É Tripa. Você convidou toda a merda de ser humano vivente no planeta e nem *bateu um fio* aqui em casa”... Perdi muito tempo sendo legal. Mas chega. As coisas carecem mudanças.

Johnathan era da categoria meio-vampiro-disfarçado-ligeiro. Sugava sua alma – não a minha, pois eu sou mais ligeiro que ele em umas oito vidas – (idéias, frases, palhetas e etc) até a extinção (seja de quem fosse). Mas o que começou a me deixar puto com ele foi quando comecei a sutilmente perceber que, se você tinha algo que o interessasse ele até beijava seus pés em servidão, aceitava toda e qualquer sugestão de “Pra onde a gente vai” e etc., mas quando ele tinha um resquício de qualquer coisa compartilhável, ele negava sua existência. Mandava dizer que não estava. Inventava desculpinhas esfarrapadíssimas para te excluir das fitas.

Inventava amigos imaginários. Lugares onde dizia ter compromisso e nunca ia. Coisas que tinha pra fazer e nunca fazia. Frescuras de todas as espécies. Fora que todo e qualquer rolê que eu ia fazer eu sempre o chamava. E ele fazia vários, na escusa, não convidava e depois vinha me contar “a noite da hora que teve” com o ufanismo de quem a felicidade se resume a “Se meu rolê foi melhor que o dele então eu sou melhor que ele e assim eu posso ser um idiota feliz, pois sou melhor que ele só porque meu rolê foi melhor que o dele”. Vinha contar sobre as estrelas de cinema com quem bebeu e etc. Isso é ou não é um ato de alguém pequeno?!

...Uma vez eu disse: “Você é foda, hein. Faz mó rolê desse e nem chama” e ele respondeu: “Pô, é que eu sai direto de casa”, aí só joguei no ar: “Mas todo rolê que a gente faz a gente não sai ‘direto de casa’ da mesma forma?”. Porra, se um cara diz ser seu amigo então ele deve agir como um maldito amigo. Mancadinha é foda...

Nós andamos juntos E TODA vez que ele precisou de mim, em vários momentos e situações, eu sempre estive lá, trincando com a favela. E nas duas únicas vezes que precisei dele, para coisas bobas, ele me deixou falando li-te-ral-men-te, e pior: conscientemente. Eu ainda tive a oportunidade de dizer que era “mó mancada”, citei um dia em que ele precisou da minha ajuda para um problema com dívidas e eu ajudei sem pensar duas vezes. E mesmo assim ele respondeu: “Hoje nem dá, tô com mó preguiça” e ainda fez cara de “compreenda minha preguiça, ‘amigo’”, deu de ombros. Foi foda.

...Todo dia (antes deste fato decisivo acima) eu chegava e trocava uma idéia: “Eh mano, você não pode ser assim não e blá, blá, blá”, mas ele *pagava* de velho rabugento, resmungava pra caralho e agia como gente por alguns instantes... Fora trilhões de coisas (e quatrilhões de mancadas) que nem vou dizer aqui. Mas o cara fingia não entender. Não posso fazer nada. Chance a gente dá, mas o braço só por cima do meu cadáver...

Não se engane com Johnathan bancando tudo esta noite, pois como conheço muito bem, posso afirmar sem o ínfimo vestígio de peso na consciência: algum lucro, na mente dele, ele está tirando nessa noite. Ou então já está visando algo futuro. Mal sabe o que acontecerá ao nascer do sol.

Sei que é foda. E que certas naturezas não mudam. Eu era um leão. E não podia perambular em um covil. Muito menos com as cobras. Mas em toda a maldita selva de concreto ao redor. Johnathan dizia ter visão sobre tudo, mas só conseguia olhar para o perímetro onde pisava. Eu não iria fazer isso, mas ele precisava ser cortado do meu convívio diário, à francesa, urgentemente. Pessoas desleais devem ser ceifadas da minha frente.

Vou evitar ao máximo mesmo e se ele vier perguntar o motivo, vou ter de repetir tudo o que eu já disse bilhões de vezes. Mas não. Não tenho tempo para perder explicando nada para ninguém. Ainda mais o tudo o que já foi dito. Eu não vim pra ensinar nada. Nem jogar nada na cara, mas dar um espelho bem grande e au revoir muchacho.

Johnathan vai virar um mero “oi” na rua assim que amanhecer. Mote prum novo hard-reggae.../

Agora é minha vez Jôni. Toda minha quietude fora perturbada. Foi louco de querer ouvir. Agora agüenta.

- Por que você nunca falou da sua família?
- Por não falo sobre assuntos que me incomodam – respondi em tom austero.
- E por que sua família te incomoda?
- Virou repórter ou é Ganso mesmo?
- Eu já quis ser repórter.
- Eu nunca quis ser um ganso.
- Mas por que te incomoda?
- Não sei, cara. Talvez seja o excesso de mágoas. Mágoa pra caralho. Mágoas que um dia vão virar câncer e eu sei disso. Mágoas de sempre deixarem claro que eles não queriam um filho que tivesse visão própria sobre o que é o mundo, que tivesse a merda de um cérebro dentro da merda da cabeça, mas um mongolóide que os “orgulhasse”. Que fosse um boneco estúpido. Que fosse como o Roni. O Bernardo. O Juquinha. O filho debilóide de alguma vizinha futriqueira, catarrenta, estúpida que teve morte cerebral há séculos e só sobrevive por dó divina. Queriam que eu fosse como esses para que eu não terminasse como o Edvaldo, o Elvis e etc... Eu nunca aceitei esse tipo de imposição de modelo a seguir. Nem em minhas mais remotas lembranças. Mesmo porque eu sou muito mais a sinceridade dos Edvaldos e Elvis da vida do que o chorume de hipocrisia moral dos Ronis e Bernardos... Desde pequeno eu já sabia que os pequenos idiotinhas do bairro iriam se tornar grandes imbecis que iriam medir sua importância e falsa superioridade na terra pelo

celular que possuem, por quantas cervejas podem pagar por quantas pessoas eles podem falar mal por dia, pela roda do carro, por seus falsos amigos que limitam sua mente aos campeonatos de futebol, a potência do som do carro, a casas de praias e suas idiotinhas mongóis que usam abada e assistem Sônia Abrão, e fazer churrascos de “panela” onde só vai quem leva a brêja. E não deu outra. Duvido que hoje em dia meus pais me comparassem com qualquer um dos modelos que eles quiseram que eu seguisse ou não... A mente deles (meus pais) funciona mais ou menos assim: “De-me orgulho. Faça o que eu não fiz, pois eu não tive as oportunidades que você não teve. Trabalhe das seis as nove e chegue em casa as dez e meia, coma, durma de TV ligada e acorde para viver a vida totalmente igual, mais uma vez. Seja o burro de um burro, pois isso dignifica o homem. O que você precisa é de rotina. E não dessas músicas de vagabundo. Esses sonhos infantis. Essas merdas de papéis amassados espalhados chão afora. A vida é isso. Trabalhar e morrer”... Mas fazer o que?! Nada. Nossos pais são caretas, Jôni... Por mais que eu ache que eles tenham errado em tudo, não consigo culpá-los. Como culpar? Nossos pais estão perdidos, Johnathan. Eles pegaram a pior fase do mundo. Aliás. A pior fase do Brasil. Eles saíram de suas penúrias de espírito. De suas vidas de privações (psicológicas). Foram crescendo junto com o país. Mas sua mentalidade não acompanhou a evolução humana, saca?! Eles estão perdidos. Foram criados com correntes, tabus e pais ignorantes. Muitas vezes quase animais. E foram jogados de repente num mundo de liberdade exacerbada. Totalmente diferente de onde suas cabeças foram formadas. E tiveram que aceitar a mudança sem entender nada. Como um pássaro numa nova gaiola. Fingindo saber o que estão fazendo. E toda essa liberdade jogada na mão de quem não a compreende por completo, ou não sabe lidar com ela é a mesma coisa que dar uma arma automática carregada a um moleque de seis anos: uma hora vai dar merda. E deu. Veja Jôni: nós somos a merda. O fruto violento e individualista de uma liberdade hipócrita... Por isso não os culpo por alguns de seus atos medíocres. Eles nem sabem por que tomam certos tipos de atitude, justamente porque não sabem que atitude devem tomar... Não há como fazê-los entender certos tipos de coisa, certas improficuas magnificências ou arte, por mais liberais que sejam. Existe aí um conflito de geração fudido. Anos luz de distância. Coisa que nem quero falar... Eu sou da plebe rude, Johnathan. Não a banda, mas a plebe rude mesmo. E pais compreensivos não se encontram a não ser em novelas e seriados mecanizados... Mas existe uma mágoa sim. E eu não sou nobre a ponto de perdoar... Seja lá quem for. Pois na minha visão todos tem o mesmo peso. Nem que seja um filhote de urso panda.

– Mesmo peso?

– É Jôni. Na minha mente perturbada todo mundo tem o mesmo peso. Ninguém é mais que ninguém não, meu caro. Todo mundo é uma mera massa de carbono. Você tem certo renome por aí e tal, mas pra mim, Jôni, você não passa de um merda que tá embaçando pra devolver meu violão. E só. Nada mais. Sabe por que? Porque você é o que você é! e não a merda que você faz.

– O convívio expõem nossa humanidade...

– Lógico, porra: nós somos humanos. E é isso que andam esquecendo por aí. Estão preocupados demais em aparentar ser o que não são só para provar algo à alguém (que não vale o esforço), que esquecem o que mais importa na vida...

– E o que é?

– Nada!

– Como assim: nada?!

– Nada, oras. Você não vai morrer? Que merda vale a pena então?

– Cerveja?

– Sim, cerveja.

– Você tá me dizendo que o que importa na vida é cerveja?

– Não sei. É com isso que você quer preencher esse espaço de tempo que você chama de vida?

– Sim.

– Então é isso que importa... Pra você!

– Não entendi.

– É o livre arbítrio meu caro: faça com seu tempo o que lhe der na telha, pois se algo realmente importasse, nada valeria a pena. Mas saiba que, por mais legal que você seja, todos vamos pro inferno...

– Livre arbítrio. Livre arbítrio não passa de um grande “ou escolha a luz ou queime eternamente no inferno”.

– Mó chato isso, né? Queimar eternamente por culpa de umas míseras décadas mundanas.

– Se deus é amor, então porque existe a ira divina, a cólera sagrada?

– Não sei, mas odeio esse assunto. Muda.

– Você é feliz, Jack?

– Defina felicidade.

– É feliz ou não, caralho?

– Você acredita em felicidade?

– Eu acredito no Pápa-Léguas.

– A felicidade só existe quando é inconsciente. E sé é inconsciente, tecnicamente não existe.

– A felicidade é um mero prazer. A felicidade é como a Paloma Negra. É um mero reagente químico que causa uma dependência desgraçada.

– Sei lá, cara. Enquanto ninguém definir felicidade em apenas uma tacada eu nem quero cogitar muito sobre isso. Tudo que sei é que a vida é uma merda, mas morrer é uma bosta.

– Você tem medo da morte?

– Não, cara. Mas é mó chato saber que um dia vou ter que abandonar este chiqueiro imundo. Eu sou mundano até o osso, meu caro. E *saber que vou pro céu não me deixa nada feliz*. Pra mim não importa como vai ser. Nem ligo pra dor. Mas saber que não vou mais poder comer as minas num terreno baldio, criar meus roteiros, fazer shows na garagem de casa, ir ao mercado, cagar lendo jornal, tomar banho de mangueira enquanto lavo o carro num dia quente e etc, me deixa mó triste. Eu não queria ir. Eu queria ficar em pé até o último dia do planeta. Só para ver o que vai acontecer. E ver como será a história depois do meu tempo. O que será de tudo aquilo que fiz justamente para deixar.

– É o mal do artista.

– Você sabe como é Jôni. Nós podemos não assumir, mas, no fundo – sem malícia please –, tudo o que nós queremos mesmo é ser eternos. A idéia de perecer não agrada o “ego bom” de quem tem alma de artista – digo: artista mesmo, que cria arte (e não “celebridade miojo”) –... Nós não assumimos o medo da morte e por isso a buscamos em cada esquina da cidade. Como se encarar o problema de frente fosse resolver algo, nesse caso. E por isso nos jogamos de cara em nossa loucura. Para suportar fatos. E catar as minas.

– Por falar em mina. Desculpa entrar nesse assunto. Mas eu achava que a Sofia era a mina exata pra você.

– Eu também pensei isso um dia. Mas não. Foi até bom ela ter ido embora.

– Por que?

– Lembra que eu tava numa onda de assumir minha parte animal de humano?!

– Hã?!

– Então. Ao assumir eu percebi que sou sentimentalmente mesquinho. Só consigo me dedicar a mim mesmo e sei que se um dia estivéssemos em um cruzeiro no atlântico e o navio fosse afundar eu me salvaria e deixaria mulheres e crianças pra trás. E pior que é sério mesmo! Fora que não consigo confiar em ninguém. Eu entro numa paranóia. E o fato de não poder ler a mente da pessoa para saber suas reais intenções me deixa louco... Fora que não creio no amor. Mas não digo isso com a mesma propriedade que dizem essas meninhas bestinhas que curtem Evanescence. Mas por experiências próprias. Por uma longa peregrinação atrás de uma vaca que me completasse e a única que consegui foi escolhida à esmo dentro de um cinema. Pois esta é a verdade, Johnathan. Eu não amava Sofia. Eu escolhi amá-la... Sofia, fora a chupada, não tinha nada de especial. Era apenas uma mulher como qualquer outra, não uma musa. Musas não existem, Jôni. Não em São Paulo. A cidade onde um bom carro vale mais que mil cantadas. Onde a marca do tênis pode mudar sua vida... Sofia, como a maioria gritante das mulheres deste lugar, não queria um “gentleman”, mas um traficante numa Ferrarri. E digo isso pois conheço a natureza de minha escolhida... Sofia se foi. E com ela foi-se meus vestígios de confiança que eu depositava nas mulheres e toda minha boa vontade para qualquer espécie de relacionamento que ultrapasse duas semanas. Agora é só sexo... Se tudo for questão de natureza, lembre-se dos chifres de Adão trocado por uma cobra astuta... Hoje eu amo minha arte. Sofia era uma mera veleidade escolhida a esmo. O resto é resto. Mulheres não prestam...

– Você já pensou em ter filhos?

– Sim, já. Não mais. Mas acho mó mancada.

– Como assim?

– Sei lá. Colocar alguém num mundo sem perspectiva nenhuma desses é doidera pura. E eu me conheço, mano. Eu mal cuido de mim, imagine um filho. Melhor deixar quieto. E vai que ele vira Policial.

– Pode crê... Eu não imaginava isso. Acho que nem Freud imaginaria.

– É que não costumo sair falando o que penso por aí, pois sei que choco.

– Pode crê!

A brisa era forte. Meus olhos queimavam. Decidimos ir embora antes do sol nascer. “Manhãs são deprimentes”, eu disse à Johnathan. Antes de sairmos avistamos as duas louquinhas do posto vindo em nossa direção. Johnathan foi despedir-se de sua amada de uma noite e voltou dizendo que a garota meia pirulito queria conversar comigo.

Ficamos dentro do carro, uns vinte minutos, trocando idéia, apenas ela e eu – não vou expressar minhas impressões sobre ela aqui – enquanto Johnathan bolinava sua pobre senhorita.

A Cavalo de Fogo deu algumas claras indiretas de que queria ficar comigo – talvez só quisesse carona –, mas eu tinha coisas mais importantes a fazer. Coisas como revidar sua apaziguada indiferença com excessiva mofa. E fingir, como em noventa e oito por cento do tempo, estar aproveitando aquele restinho de noite sem valor de mercado.

...Comecei a sentir um lúgubre orgulho brotar de meu ser à partir dali...

Ela me deu seu telefone antes de mandar eu me foder. Anotei na última folha de minha caderneta, mas essa folha voou impune janela afora em algum ponto da marginal, mais tarde. E minha futura foda se fodeu em vermelho e branco...

– Faz um favor pra mim? – eu disse à Cavalo de Fogo Girl.

– Depende.

– Esse não depende.

– O que é?

– Meu. Faz algumas semanas que não (tô) com o melhor humor do mundo dentro da cartola. Tô introspectivo pra caralho. E não tô muito bem. E sei lá, eu tava afim de ficar sozinho. Não tô com a menor vontade de trocar idéia com ninguém agora. Não tô no clima. Só quero ficar sozinho aqui, um pouco, antes dos dois ali desgrudarem.

– Nossa. Você tá me mandando embora?!

– Não: eu disse que tô afim de ficar sozinho.

– Hum, cê tá me mandando embora, né?! Então vai se foder, seu otário...

Não. Eu não estava mandando ela ir embora. Eu pedi com extrema gentileza para que retirasse aquele cu magro e branco de dentro do meu veículo. Fui legal. Pedi desculpas sinceras pelo que havia dito à ela. Tentei trocar idéia mesmo querendo esmurrá-la. Me esforcei para ser legal e essa vagabunda manda eu me foder?! Então ela que vá se foder com seu cavalo de fogo num campo de várzea.

(Há algo muito, muito errado com a educação das deselegantes mulheres nesta cidade. Mas muito mesmo!).

Johnathan começou a comer a mina, em pé, ali mesmo, num canto escuro do quintal dos fundos do galpão. Ao melhor estilo Edu Chaves Ways.

“Vi tudo: minha jornada para casa vai demorar”.

Olhei para a Cavalo de Fogo. Ela fumava um cigarro lá longe. E parecia estar cantando algo. Uivando para uma lua que não estava lá... Comecei a brisar. Pensar na vida enquanto fazia tristes vocalizes. Minha mente turbilhonava.

“Quem não ululou?... Por mais oportunidades que esse povo da rave tenha na vida, QUEM nunca ficou triste? Quem nunca chorou com ou sem motivos? Afinal: Quem aqui já não uivou?”, e neste exato momento o tom da vocalize ornou perfeitamente com meus raciocínios masoquistas.

Peguei a caneta no porta luvas, a nota fiscal da tampa do tanque de gasolina que eu havia comprado por 4,25 R\$ na auto peças da avenue.

(...)

...E assim nascem as canções autênticas e verdadeiras (coisa em extinção no planeta), regurgitadas por uma alma encardida. [*Vai lá, Jack, quebra tudo, irmão*].

*Cantando com lobos
(Música e letra: Jack San Diego)*

*Já que nevou...
Hummm... Assim...
Em minha redoma vital, levando meu sangue à um frio anormal.
Já que nevou. Já que nevou,
O que a gente vai fazer? Se não há rumos lá fora
Nem arrebol ao entardecer.
Já que nevou. Eu fico aqui sem minha paz, mas,
Se todos estamos em busca de mais, mas,
Somos estranhos entre nossos iguais...
Pra que bater?, de frente com o espelho que atormenta você,
Vivendo no escuro não sabendo o porque. Pra dizer... Assim...*

*{Quem não ululou?
Quem aqui já não uivou? Quem já não uivou... Humm. Humm. Humhumhummm...}*

*Só entra na noite sem saber pr'onde vai,
Perdido sem rumo enquanto a neve cai,
Propondo indecências para as crenças demais,
Sem fim...
Usando de teto o indiscreto do céu,
Ganindo às putas um conforto cruel,
Pois na rua tem o seu papel,
Que é ganir, assim...*

*{Quem não ululou?
Quem aqui já não uivou? Quem já não uivou... humm. Humm. Humhumhummm...}*

Aquela mal-educada de cabelo vermelho me rendeu uma bela música (e o início de uma próspera carreira – ?).

(Por favor: não digam “metafísica” perto de mim. Nunca!).

4

mi casa és MI casa

Voltamos sem ligar o som. A rave havia nos saturado de barulho. A marginal estava um sossego só e o som da cidade em réquiem era como música clássica aos ouvidos urbanos. Quase sem ninguém no asfalto. Dava uma impressão de que tudo no horizonte era nosso e a falsa impressão de que nada poderia acontecer.

Foi estranho, mas não dissemos nada (como em toda volta). Mas a volta tinha um ar de tristeza por algo que não ocorreu e saudade do que não percebi ser sincero. Uma nostalgia de algo recente (mesmo não tendo acontecido nada demais nesse dia). E essas coisas que todo mundo sabe, mas ninguém define – e sem mais delongas –. E uma vontade abissal de tornar segundos em meses. Ao menos para mim. Ao menos naquele diminuto instante, naquele esgoto a céu aberto que fedia à boca de lobo...

“Voltar para casa é como escrever: Dói”.

Flávia veio em coma no banco de trás...

Fuligens de garoa são cuspidas em minha direção por um céu carregado de toda sorte de sortilégios. De inveja e avareza. Contaproducência urbana e semáforos que conduzem-nos ao erro.

Pictórico na memória de quem dirige. Como as intermináveis luzes de freio que representam a futilidade de nossa geração. O tempo que já não temos.

Transeuntes desconhecidos. Vultos. Almas. incubo. Só anjos não caminham por estas calçadas... Figurantes na paisagem que queima a retina. Converte a íris em fogo.

Arraigados, ali, nas profundezas de uma garganta condescendente. Sobre uma expressa via rumo ao nascer de um sol que me espera na zona leste. Na panorâmica industrial. Na marginal da vida paulistana.

Fuligens de garoa são cuspidas em minha direção. Cenários iguais. Diferentes personagens. Tudo muda. São coisas da vida.

Quando já estávamos perto da Praça Luiza de Marilac a fuca pipocou na missão. Flávia deu sorte, pois já estava guardada zen su casa. Desci, abri o capô. Não havia nada anormal no motor. Nada mesmo. Gasosa tinha. Nenhuma peça havia sumido, aparentemente. Tentamos dar um tranco, mas nem dava sinal de vida. Deu game mover total.

“Se pá o carburador passou mal”.

– Ih, Jack. O Maravilha nos deixou. Perdemos ele – Johnathan só chama o azul pavão de Maravilha.

– Segunda baixa do dia... Ah, meu amigo. Vamos aproveitar a inclinação e ir descendo na banguela, na moralzinha.

– Demorô.

– Vamos dar um impulso. Empurra aí.

A inclinação não colaborou em nada. Continuamos empurrando.

5

que deus me perdoe por tudo que escrevi

Não. Não foi nessa noite que encontrei a idéia para minha “obra pra pedreiro nenhum botar defeito” (nem em noite nenhuma após esta). Não há glamour na vida. E as sobras do brilho que havia em nossas desesperadas esperanças desesperançosas, voltaram temporariamente para o fundo da gaveta de meias chulezentas. E nossos sonhos pueris repousaram maviosamente levianos neste entulho de humanidade que carregamos sobre nossos ombros. Como mártires estigmados das imperfeições divinas.

Toda a insensatez de nosso egoísmo megalomaníaco virou um gato morto, esmagado na estrada. Esmagado por um caminhão sem lealdade que levou nossas sensuais cobiças embora dentro de seu baú. Nos dando um golpe que nos levou as beiras de um acostamento de insânia adolescentemente suicida.

O ato de empurrar aquele projeto de carro arruinou todo e qualquer senso de ambição cósmica, por mais pejorativo que fosse. E nos prostrou a mera força bruta. Mera carne em ação sob um céu sem estrelas. Reles romantismos cinematográficos. E toda aquele minha busca em busca de sei-lá-o-quê, fora reduzida a um simples prato de comida, um colchão desconfortável e um edredom que às vezes pesa containeres...

MANHÃS SÃO DEPRIMENTES

“Sou, sim, o Dândi das letras, me exibindo para os poucos que ainda se dão ao trabalho de ler”.
Robson Araújo

São Paulo, 17/01/2007, exatissimamente 00:30, final da transcrição.

Estranho isso, não? Toda essa nossa andança em circulo atrás de coisas que nem nós mesmos sabemos o que é. Essa busca fetal atrás de algo que paliativamente preencha o tal vazio de nossa existência. O abismo de nós mesmos. Nossas caixas de vontades não conclusas.

Vazio esse que nada mais é que a consciência de estar aqui por um mero fortuito, de apoiarmos nossas vis filosofias em muletas de vidro, aliados ao nosso medo do fim. Medo do fim de nossa torpe juventude. E com ela o extermínio de nossos sonhos mais secretos. De nossas vontades mais impuras e impulsivas. Da sede por sentir mais sede...

A morte dos pulos no sofá. Das loucuras espontâneas. Dos fones de ouvido explodindo durante frias madrugadas. O cessar das eternas noites de verão e as esquinas onde encoxamos, com voracidade idílica, nossas ex belas pequenas.

Algo como o holocausto da própria alegria. A tão falada morte da esperança. E o suicídio de quem um dia já fomos. Alguém que não ressuscita. Mas insistimos em querer trazer de volta com nossos desfibriladores sem pilha. E sites de relacionamento. Cartões virtuais. Ou casos com a secretária eletrônica... Alguém que foi e decidiu não voltar.

E dentre toda essa inconsciente peregrinação, nada santa por sinal, nós somos diariamente açoitados à base de nossas fragilidades, constantemente flagelados com excesso de expectativa de vida somada à uma montanha de falta de perspectiva, dilacerados por nossa incultura, anêmicos de filosofia própria. Onde nossos caças são abatidos pelos conflitos de gerações anti-aérea. E somos massacrados pela falta de oportunidades. Chacinados pela comida oleosa. Enfim: nadamos nus no óleo fervente do pastel de feira.

Andamos “sozinhos”, sobre um mundo que corre atrás de um tempo artificial e por demais exato. De uma mumificação maquiada, preparada e purpurinada. De uma injeção de botox que lhe faça crescer o ânimo e depois lhe jogue do vigésimo andar por culpa de uma solidão infundada. Da opulência em um clique. Sedex 10.

Mas não esquite a periquita, baby: temos todo tempo do mundo enquanto nossos sonhos não se rendam a completa extinção. Enquanto não se rendam a opressão dos que são fracos. A repressão dos que são impotentes. A calúnia dos invejosos. A oligarquia dos tiranos. As fofocas da dona Inês...

...E a boca está lá, aberta. E o 24 Hrs com suas placas de “Há Gelo” espera seus noctívagos clientes. E os resquícios do velho espírito de liberdade lutam para mostrar a bunda na janela do passageiro. E chocar os hipócritas. Deflorar a castidade. Cagar pra tudo. Merda para todos. Com cinquenta centavos no bolso, uma infinita criatividade no crânio e um planeta que se desfalece. Pois tudo o que eu realmente buscava nessa vida era uma maldita aurora-boreal dentro da geladeira. Um universo em uma caixinha de música. Um épico num copo d’água. Algo pra aposentar cedo e com menções honrosas. Fazer um pé de meia. Ir pro interior. Desbundar no mundo. Criar gados, dar de comer às galinhas e tocar blues, encachaçado, aos fins de tarde.

Minha casa nunca foi meu lar. E por este motivo adotei a filosofia Johnny Walker (e “Bob Going Home”) de vida. Procurando tesouros embaixo de folhas mortas. Inspirações em latas de lixo. Fidelidade na zona. Amor na incompreensão. Amizade na indiferença.

Mas por algum motivo oculto e de inexplicável força maior, todos os nossos passos sempre nos levarão ao lugar de partida. Ao zero. Ao feto. Ao pó. A nosso velho berço quentinho e o pequeno lençol batido que tanto amávamos ou ao próprio inferno... [*Vishh*]...

No final sempre voltamos pra casa (seja lá onde for).

Tudo passa. A memória talvez não. Mas na real: “Tudo perdura enquanto não acaba”... Mas eu. “Eu não sei o que vou fazer”. Talvez eu chegue em casa e tranque portas e janelas, desligue as luzes, faça pipoca no microondas, deite no tapete da sala, ligue o mp3 player, seja bloqueado no MSN de alguém e fique recordando de placas e canteiros centrais. Cartazes e pixações. Olhares e rabos. Do giroflex brilhando no retrovisor enquanto eu pensava na vida e a cinza arquitetura patrocinava meus delírios. Lembrando de vontades, vitórias e na maioria das vezes: decepções. Dos corpos impenetráveis e marcas de gelatina. Tele mensagens e adesivos de rádio. Uma foda em vermelho e branco. Fiambreria e provadores de roupa. E depois

alimente os peixes e coce o saco. Varra a cozinha ouvindo Billie Holliday. Transe com a vizinha na rede que há na varanda e agradeça a Deus por me deixar esperando na fila do Poupa-tempo, pois sem este exato tempo divino, eu jamais poderia estar aqui desfrutando desta mundana fatia de tempo que chamamos de vida. Neste exato momento. Aqui agora. “Enquanto escrevo, lógico, depois vai sá bá”. Para que eu possa sorver, sem medo, a água do triste chafariz alcoolizado. Tragar a fumaça que provém das estrelas. Botar as menininhas pra foder e pegar o DVD do Sublime emprestado. Pois não sabemos muito fazer dinheiro, mas meus amigos estão bebendo na sala, eu escrevo com a folha no chão, tem gente não fazendo guerra no quarto, a TV me reflete como um presságio taciturno, o cheiro é bom, o som é melhor, eu tô alto demais para escrever no chão e briso que posso ser presidente. Briso que posso tudo. E briso que momentos como este não deveriam ser eternizados por culpa da imperfeição da cópia. E depois briso que posso fazer tal cópia. E briso que sou foda. E que sou foda e que derramaram cerveja na minha folha. E que se foda, pois depois me enclausuro no quarto com uma doida rabuda, duas parangas, seis latas de brêja e recio todo esse universozinho de merda que tento passar aqui. E ainda briso que sou foda porque nem ligo e me jogo na vida. Sem medo de morrer. Sem medo de errar. “Para de pensar e vive”. Nada é realmente livre, mas o que importa é isso: É a cerveja que derramaram na minha folha e que lambi de retardado que sou. A merda que os outros falam com a pressa de quem sabe que vai ficar mudo. O curta dos brow. Esse isqueiro que não pega e essa louca que está me olhando...

...e eis a receita para manhãs estragadas.

(E esporádicas chupadas matinais)...

Nossas vidas tem a agilidade de um “Pentium vinte mil”. E esse é nosso mal. Essa é a nossa maldita sina. Essa é nossa louca vida. E essa é a merda da minha arte: Viver num mundo que em sua quase totalidade, e não apenas ao meu redor, tudo continua sendo um enorme e fétido chiqueiro de egos e narizes em riste. Onde meus contemporâneos chafurdam jubilosamente nas profundezas de um atoleiro de “futilidade intravenosa e estupidez à sangue frio”. Mas sei lá. Me acostumei com eles depois de certo tempo. Mas eu... Eu era apenas um cara que queria o mundo, fugia do ocaso e contentava-se com pouco: “Um vinho, violão, uma vaca que me despreza”.

...e que talvez até trocasse toda aquela astronômica vereda atrás de starlets de bom coração que se vendem aos testes de sofá, maletas de cobiça, obras de merda, opalas com kit gás, um quadrado qualquer pra chamar de lar, mas, por favor, garçom: “Cancele a louca que me diga te amo”.
E ponto final.



Maick Thiago Lenin "Maicknuclear" (São Paulo, Capital, 28 de setembro de 1981), autor do livro "Meu Doce Valium Starlight (editora Dulcinéia Catadora - 2007)", produtor musical independente, criador da lendária da Revista Lasanha Literata, da produtora digital independente "Fronteira Filmes" (onde é roteirista, câmera, editor, diretor, divulgador e produtor de entrevistas, clipes e especiais) e da web radio Atomic Radio. Maick é criador, produtor e performer do recital musicado "O Sarau Portátil" (totalmente autoral: Maick produziu os grooves, fez as gravações em sua casa e em casa de amigos e todos textos recitados por ele mesmo são de sua autoria; Maick também fez a arte da capa, a divulgação e inclusive os clipes). Maicknuclear participa de outros projetos músico/literários assim como o Sarau "Verbos Curtos/Viola na Vela" e é vocalista vitalício da banda UzzmetralhA. Assina da alma ao osso das produções musicais "Paulistanas Depravadas", "Fronteira Hits" e "Nuclear Reggae Style". Maick toca baixo, violão, aprendeu o Fruity Loops pelo Youtube, não tem paciência pra ler, ama o programas de criação artística e fode ao som de muito Rare Groove, Sublime e Deliquent Habits.



Contatos:

E-MAIL:

maicknuclear@gmail.com

MSN:

maicknuclear@hotmail.com

(não envie e-mails para este endereço, pois não serão lidos)

BLOG:

www.literaturamaldita.cjb.net

(caso apareça propaganda do "cjb", clique em "Skip this ad" para visualizar o blog normalmente)

PRODUÇÕES SONORAS DE MAICKNUCLEAR:

www.reverbnation.com/maicknuclear